

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

VANESSA RODRIGUES DE LIMA

**Morte na família:
um estudo exploratório acerca da
comunicação à criança.**

**São Paulo
2007**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

VANESSA RODRIGUES DE LIMA

**Morte na família:
um estudo exploratório acerca da
comunicação à criança.**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano
Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Julia Kovács

**São Paulo
2007**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Lima, Vanessa Rodrigues de.

Morte na família : um estudo exploratório acerca da comunicação à criança / Vanessa Rodrigues de Lima; orientadora Maria Júlia Kovács. --São Paulo, 2007.

190 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Morte 2. Crianças 3. Luto 4. Comunicação I. Título.

BF789.D4

FOLHA DE APROVAÇÃO

Vanessa Rodrigues de Lima

Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Àquela que foi, para mim, um exemplo de mestra e de profissional até o fim da vida. À Prof^a Wilma Torres que me contagiou com toda sua paixão e dedicação à Tanatologia. (*In memoriam*)

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Maria Julia Kovács, orientadora atenciosa, participativa e acolhedora. Confesso me sentir abençoada por ter encontrado sempre, em meu caminhar profissional, pessoas extremamente competentes, seres humanos especiais, nos quais posso me espelhar com a garantia de sucesso na vida.

Às Psicólogas Dr^a Ingrid e Dr^a Solange, pela cuidadosa avaliação do presente trabalho e pelas valiosas contribuições no meu Exame de Qualificação.

Aos professores da Pós, com os quais tive o prazer de ter aulas, Prof^a Maria Julia, Prof^o Lino, Prof^a Vivi, Prof^a MariaThereza, Prof^a Marilene, Prof^a Elisa e Prof^a Maria Isabel pelo conhecimento transmitido.

A todas as meninas do grupo de orientação: Cláu, Jana, Elaine, Tissi, Lucélia, Silvana, Hercília, Juju, Carol, Aninha e Clodine, por compartilharem das aflições e alegrias na realização deste trabalho, assim como pelas discussões frutíferas e sugestões enriquecedoras. Em especial, à Cláudia e à Janaina, pelo apoio mais próximo.

À equipe do antigo NEPT: Ruth Torres, Adriana Cardoso e Kelly Simões, pelo incentivo.

Ao meu querido pai, pelos documentos enviados às pressas, gastos de última hora, etc. O que seria de mim sem você, que jamais deixou de me apoiar, no sentido mais lato do termo, durante toda a minha vida? Foi graças a você que pude chegar aonde cheguei. E, à minha querida

mãe, pelo amor, carinho e dedicação presentes em todos os dias da minha vida. Amo muito vocês!

Ao sobrinho mais fofo do mundo, Miguelzinho, por proporcionar tantas alegrias à sua Dada (eu). E, ao meu irmão e minha cunhada, pelo lindo afilhado que me deram.

À Tia Andréa, pelos conselhos e agradáveis conversas noturnas, desde que eu era pequenina.

À família Pacheco: Andrea, Gilberto (*in memoriam*) e Judith por todo o apoio que me deram, principalmente, ao me acolherem em sua casa, tornando possível o sonho de estudar na USP.

Ao Rodrigo, amigo, companheiro querido que esteve ao meu lado nos momentos mais felizes e nos momentos mais difíceis da minha vida desde os tempos do Colégio Militar até a Pós Graduação. Atravessamos juntos as tensões do vestibular e os anos transformadores da graduação. Crescemos, amadurecemos e nos desenvolvemos juntos pelos últimos dez anos. Que nosso carinho, admiração e respeito mútuos se renovem e se multipliquem a cada nova década.

À família Barreto, por tudo que me ensinaram no tempo de convivência. Ao Tio Barreto, por ter servido como modelo de profissional competente, dedicado e apaixonado pela carreira que escolheu. À Tia Daise, por ter sido um exemplo de mulher forte e sábia, que sempre enfrentou os problemas que a vida nos traz sem perder a doçura que lhe é peculiar. Há muito de vocês em mim!

À amiga Jubs, pela correção cuidadosa deste trabalho e sugestões valiosas, além dos alegres momentos de descontração, os choppinhos, as baladas no Buko, etc. Adorei te conhecer!

À amiga de longa data Monique, que me acompanhou de perto durante todo o processo de seleção, agradeço pela torcida e pelas longas conversas ao telefone.

A todos que participaram desta pesquisa, meus agradecimentos especiais pela disponibilidade em arranjar tempo, em meio a vidas corridas, para conversarem comigo sobre assunto tão delicado que é a perda de alguém amado.

Ao CNPq pelo financiamento desta pesquisa

Eu incentivo os membros da família a visitarem os que estão morrendo sempre que possível, e a encontrarem algum modo de incluir as crianças, se a situação permitir. Nunca vi uma criança ferida pela exposição à morte. Elas são “feridas” apenas pela ansiedade dos sobreviventes. As tentativas bem intencionadas de proteger as crianças ou os membros “vulneráveis” da perturbação potencial de participar desses eventos as isolam da experiência e dos riscos comuns, dificultando seu processo de luto (BOWEN, citado por WALSH & MCGOLDRICK, 1998, p. 34).

RESUMO

LIMA, V. R. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. 2007. 191 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

O presente trabalho investigou como ocorre a comunicação à criança da morte de um familiar próximo (pai, mãe ou irmãos). Os objetivos foram: verificar a adequação dessa comunicação ao nível de compreensão e desenvolvimento cognitivo da criança e compreender como a família colabora ou não para o processo de elaboração do luto infantil por meio das informações e sentimentos que compartilha com a criança ou esconde dela. O método utilizado foi o da pesquisa qualitativa, pela profundidade e vasta possibilidade de interpretações que essa abordagem possibilita, além de uma visão mais ampla do fenômeno abordado. Participaram desta pesquisa, responsáveis por crianças que sofreram a perda por morte de um parente próximo quando tinham entre dois e sete anos, aproximadamente. Os dados foram colhidos por meio de entrevistas abertas, por permitirem a flexibilidade necessária a cada caso particular. As entrevistas foram compreendidas a partir da identificação de categorias recorrentes no discurso dos entrevistados, com base em análise temática. Os resultados trazem a importância de uma comunicação aberta e clara com a criança, além de adequada a seus níveis de compreensão; salientam os benefícios de se compartilharem os sentimentos, apontando para o cuidado do comunicador para com a criança como uma via de mão dupla e, demonstram a força do apoio social da família extensa no período pós-morte. Conclui-se que, apesar de difícil, a comunicação da morte de um parente próximo à criança é imprescindível e deve ser revestida de alguns cuidados básicos por parte do comunicador, que deve ser alguém com quem a criança tenha fortes laços de afetividade.

Palavras-chave: morte, criança, luto, comunicação.

ABSTRACT

LIMA, V. R. Death in the family: an exploratory study centered on the communication to the child. 2007. 191 f. Dissertation – Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo, 2007.

The present work investigates how the communication of the death of a close relative (parents or siblings) to a child occurs. The objectives were to verify the adequacy of such communication to the understanding level and cognitive development of the child and to assess whether the family collaborates in the grieving process, through the information and feelings they share with or hide from the child. The method used is the qualitative research, in view of its depth and the vast possibility of interpretations that this approach allows, besides a wider vision of the phenomenon studied. Participants in this study were those responsible for the children who had suffered the loss, by death, of a close relative between the ages of two and seven, approximately. The data were collected in open interviews, because they allow for the flexibility necessary to each particular case. The interviews were understood through the identification of recurrent categories in the speech of the persons interviewed, according to the thematic analysis. The results pointed out the importance of an open and clear communication with the child, adjusted to her level of understanding. They stress the benefits of sharing emotion, showing that the relationship between communicator and child is a two-way channel and that the social support of the extensive family in the post-death period is very important. Finally, the communication of the death of a close relative to a child is essential, although difficult, and must be endeavored with the utmost care and sensitivity on the part of the communicator, who should be someone with strong affectivity bonds with the child.

Key words: death, child, grief, communication.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1. INTRODUÇÃO	16
1.1. O tema da morte na sociedade contemporânea	16
1.2. A criança e o conceito de morte	19
1.3. Luto infantil	26
1.3.1. Luto pelos pais	35
1.3.2. Luto por um irmão	38
1.4. Comunicando uma morte na família	40
1.5. Quanto à presença no velório e enterro ou cremação	47
1.6. Um olhar sistêmico	49
2. OBJETIVOS	55
3. MÉTODO	56
3.1. Participantes	56
3.2. Procedimentos da coleta de dados	58
3.3. Procedimentos da compreensão de dados	60
4. APRESENTAÇÃO E COMPREENSÃO DAS ENTREVISTAS	62
4.1. Compreendendo a entrevista 1	62
4.2. Compreendendo a entrevista 2	74
4.3. Compreendendo a entrevista 3	85
4.4. Compreendendo a entrevista 4	98
5. DICUSSÃO	116
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
7. SUGESTÕES	130
REFERÊNCIAS	132
ANEXOS	138
ANEXO A – Entrevista 1	139
ANEXO B – Entrevista 2	150
ANEXO C – Entrevista 3	159

ANEXO D – Entrevista 4	170
ANEXO E - Carta convite	186
ANEXO F – Termo de consentimento livre e esclarecido	188
ANEXO G - Considerações éticas	189
ANEXO H – Aprovação do Comitê de Ética do IP - USP	190

APRESENTAÇÃO

A partir de meados da minha graduação em Psicologia já me vi envolvida com a temática da morte, ao desenvolver projeto de Iniciação Científica no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Tanatologia (NEPT) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A experiência no NEPT além de ter me fornecido um panorama geral do tema da morte, me pôs em contato, de forma efetiva, com as etapas e procedimentos necessários para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa acadêmica.

O interesse em realizar esta pesquisa surgiu, efetivamente, a partir desta primeira experiência. O projeto desenvolvido em minha Iniciação Científica já tratava de tema relacionado à criança e à morte. Das minhas leituras sobre o tema, chamou-me especial atenção, a obsessão da sociedade contemporânea em afastar a criança da realidade da morte (TORRES, 1979) e as conseqüências deste comportamento, o que me levou a formular o problema de pesquisa objeto do presente trabalho.

Coexiste com esta tentativa de ocultar das crianças, a morte, uma exposição cruel e constante das mesmas a ela e à violência através da mídia; exposição essa que não dispõe de tempo algum para reflexão e elaboração. Isso caracteriza o conceito de morte escancarada (KOVÁCS, 2003 a) que, paradoxalmente, convive, no século XX, com os de morte interdita e rehumanizada.

Quando já pensava em estudar mais a fundo este assunto, atendi, em estágio clínico no Departamento de Psicologia Aplicada da UFRJ, uma mulher com aproximadamente a mesma idade que eu e que tinha perdido seu pai ainda muito nova, aos três anos de idade. Conversando

sobre isso, Carla¹ me contou que recebera a notícia da morte de seu pai da seguinte maneira: sua tia disse a ela e à sua irmã, apenas dois anos mais velha, que se arrumassem, pois iriam visitar o pai no hospital. Carla correu para o quarto, colocou sua roupa mais bonita e fez um desenho para presentear o pai. Chegando ao local da suposta visita, foi enorme o susto de Carla ao ver o corpo de seu pai enrijecido dentro de um caixão. Este episódio serviu apenas para aumentar minha determinação para a realização desta pesquisa.

Acredito que para uma melhor elaboração do luto na criança é necessária a participação efetiva da família, fornecendo informações adequadas, possibilitando a expressão de todo tipo de sentimentos contraditórios. Acolhendo, afagando e demonstrando, com gestos de carinho e compreensão, à criança enlutada que, apesar da perda sofrida, ela não está sozinha; que na verdade sofre uma dor compartilhada, que pode e deve ser vivida em conjunto com os outros membros da família.

A presente dissertação de mestrado investiga a participação da família na elaboração do luto infantil, com ênfase nas comunicações acerca do falecimento. Nasceu a partir de indagações tais como: no caso de morte de um parente próximo, a criança seria comunicada em quanto tempo, por quem e, de que forma se daria essa comunicação? Estaria tal comunicação sendo feita da maneira mais adequada aos níveis de compreensão dessa criança? Seria mais adequado contar toda a verdade ou omitir alguns aspectos? Quais? Permitiriam as famílias que a criança expressasse seu pesar e que participasse dos rituais, tais como, o velório e o enterro?

Este trabalho tem sua relevância para a sociedade, na medida em que investiga as formas mais apropriadas de se conversar com a criança sobre um tema tão relegado como a morte. Desta forma, pais e responsáveis por crianças que passam pela experiência de perda de um ente querido poderão repensar suas dificuldades e angústias. Busca-se possibilitar um espaço de

¹ O nome utilizado é fictício.

comunicação sobre o tema da morte com a criança; primeiramente, no seio da própria família, podendo-se ampliar esses espaços dentro da rede social da criança, onde a escola ocupa lugar de destaque.

1. INTRODUÇÃO

1.1. O tema da morte na sociedade contemporânea

O presente capítulo toma como base, principalmente, a obra *História da Morte no Ocidente* de Ariès (1977), além de algumas contribuições de outros autores.

O século XX abriga um paradoxo: com relação à morte, o interdito e o escancarado convivem lado a lado. Ao mesmo tempo em que as crianças são “poupadas” de ir a velórios e enterros, assistem por horas a fio a programas de televisão violentíssimos, onde a morte é tratada como coisa banal. Percebe-se que a morte interdita ocorre mais nos hospitais e instituições afins, ao passo que, a morte escancarada aparece principalmente nas ruas e na televisão (KOVÁCS, 2003 a), invadindo nossos lares sem que seja ao menos convidada. Apesar dessa confusão dos tempos atuais, o homem já lidou de outras maneiras com a temática da morte.

Áries nos mostra um homem medieval mais cômico de sua morte que, ao contrário do homem de hoje, temia não ser avisado dela a tempo, aviso que era dado por signos naturais ou, com maior frequência, por uma convicção íntima. Sabendo do fim próximo, tomavam-se as providências necessárias. A morte era um evento natural e sua cerimônia era pública e organizada pelo próprio moribundo. Era importante que os amigos, parentes e vizinhos estivessem presentes.

A esse respeito diz Ariès (1977):

Levavam-se as crianças – não há representação de um quarto de moribundo até o século XVIII sem algumas crianças. E quando se pensa nos cuidados tomados hoje em dia para afastar as crianças das coisas da morte! (p. 21)

Os ritos da morte eram aceitos e cumpridos com simplicidade e de modo cerimonial, entretanto, sem um caráter dramático ou com gestos de emoção muito fortes; a morte era admitida tranqüilamente. A essa morte familiar dá-se o nome de “morte domada”, para fazer um contraponto com a morte “selvagem” e “interdita”, característica dos dias atuais, que nos amedronta a ponto de não mais ousarmos dizer seu nome.

No fim da idade média, a solenidade ritual da morte no leito do moribundo toma, entre as classes instruídas, um caráter dramático, uma carga de emoção que antes não possuía. Passa-se, então, de uma atitude de resignação em relação a um destino coletivo da espécie - o “morreremos todos” -, à “morte de si mesmo”, o que traduz a importância, reconhecida durante toda a duração dos tempos modernos, da própria existência.

A partir do século XVIII, o homem das sociedades ocidentais tende a dar à morte um sentido novo. Já se ocupa menos da própria morte e mais com “a morte do outro”. A morte é, a partir de então, cada vez mais acentuadamente considerada como uma transgressão que arrebatava o homem de sua vida cotidiana. A antiga familiaridade com a morte desaparece, passando a ser vista agora como uma ruptura.

No século XIX, o caráter costumeiro das cerimônias de morte é transformado por uma nova paixão, os sobreviventes se emocionam, choram, suplicam. Esta forma de expressão da dor dos sobreviventes aponta para uma intolerância com a separação.

Por fim, chegamos à “morte interdita”, muito presente nos dias de hoje, vergonhosa e objeto de interdição. A sociedade moderna, capitalista, centrada na produção e altamente consumista de “pílulas da felicidade”, não pode suportar a perturbação e a emoção, excessivamente fortes, causadas pela simples presença da morte em meio a suas vidas aparentemente felizes e não sabe o que fazer com esses estranhos corpos que pararam de produzir (ZIEGLER, 1977).

Convivendo com a morte interdita, está a morte escancarada, caracterizada por Kovács (2003, a) como aquela que “invade, ocupa espaço, penetra na vida das pessoas a qualquer hora” (p.140), deixando-as expostas e sem defesas. Como exemplo de morte escancarada Kovács cita a morte violenta, os acidentes e homicídios e a morte veiculada pela mídia, especialmente a TV. Esses tipos de morte dificultam a proteção e controle de suas conseqüências, pois despertam os mais variados sentimentos sem, contudo, permitirem um tempo para reflexão e elaboração.

Segundo Kovács (2003 a) as coisas não são tão bem datadas assim e muito embora muitas dessas atitudes e práticas tenham sua origem na Idade Média, suas manifestações se fazem presentes ainda nos dias de hoje. Como exemplo, a autora cita a crença, muito presente em tempos de morte domada, de que a morte manda aviso; crença essa que atravessou séculos e pode ser encontrada nos dias de hoje no imaginário popular, em histórias, contos e causos.

Certo é que no século XX a morte tornou-se um tabu, tendo substituído até mesmo o sexo como principal interdito.

Antigamente dizia-se às crianças que se nascia dentro de um repolho, mas elas assistiam a cerimônias de morte e se despediam. Hoje são iniciadas desde cedo na fisiologia do sexo, mas quando não vêem mais o avô e se surpreendem, alguém lhes diz que ele repousa num belo jardim por entre as flores. (GORER, citado por ARIÈS, 1977, p. 56).

A sociedade contemporânea supõe que a criança não compreende a morte e, assim sendo, os fenômenos a ela associados lhe são prejudiciais. A partir desta crença, procura-se minimizar o significado da morte como uma força ativa no desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança, todavia:

Entre os extremos de nenhuma compreensão e um pensamento abstrato, integrado e explícito há muitos modos pelos quais a mente nos primeiros anos de vida pode entrar em relação com a morte (KASTENBAUM & AISENBERG, 1983, p. 10).

Os resultados apontados na literatura, bem como a evidência clínica, demonstram que silenciar sobre a morte em relação à criança pode acarretar perturbações em seu desenvolvimento, que se tornam evidentes, sobretudo, quando a criança passa por certas experiências, como, por exemplo, a experiência da perda e do luto (TORRES, 1999). Ariès (1977) conclui que o recalque da dor, a interdição de sua manifestação pública e a obrigação de sofrer só e às escondidas agrava o traumatismo devido à perda de um ente querido.

Em suma, o hábito de esconder a morte, compartilhado em nosso tempo, tem drásticas conseqüências; entre as quais, a de tornar o processo de adaptação à perda ainda mais difícil. Em contraste com as culturas tradicionais, nossa sociedade carece de suportes culturais para ajudar as famílias a integrarem o fato da morte à vida que continua (WALSH & MCGOLDRICK, 1998).

1.2. A criança e o conceito de morte

A partir da segunda metade do século XX, alguns pesquisadores passaram a ver como imperiosa a tarefa de investigar a compreensão da criança acerca da morte. Pesquisas como as de Nagy (1959), Koocher (1972), Anthony (1972), Bolduc (1972), entre outras, foram extremamente importantes para a sistematização do estudo sobre as cognições de morte na criança.

Torres (1999) faz um apanhado dessas pesquisas e outras desenvolvidas no Brasil e no exterior sobre o desenvolvimento do conceito de morte na criança. É nessa obra de referência que se apóia o presente capítulo.

Há controvérsias sobre a idade em que a criança conhece a morte. Alguns teóricos e observadores, entre eles Maurer (citada por TORRES, 1999), defendem a tese de que a criança descobre a morte desde uma idade muito precoce, antes mesmo dos dois anos de idade. Segundo Maurer, a relação inicial da criança com a morte resulta de suas experiências alternativas com os padrões periódicos de dormir e acordar, os quais estabelecem as bases para a criança desenvolver percepções dos diferentes estados da existência: o “ser” e o “não ser”.

Outros teóricos do desenvolvimento, entre eles Ames (citado por TORRES, 1999), consideram que a criança na fase inicial do desenvolvimento, antes dos dois anos, não tem nenhuma compreensão da morte.

Contra esta posição, argumenta-se que, embora conceitos abstratos e bem verbalizados estejam acima do alcance da criança pequena, isto não significa que ela não tenha nenhuma compreensão da morte.

Entre as pesquisas desenvolvidas com objetivo de investigar a compreensão da morte pela criança podem-se distinguir: (1) aquelas que indagam acerca da idade em que as crianças compreendem a morte e (2) aquelas que, além de focalizar a idade, procuram investigar se a compreensão de cada componente está relacionada com o nível de desenvolvimento global. Ou seja, os dois critérios mais comumente empregados nas investigações sobre a conceituação da morte na criança são: a idade cronológica e a estrutura geral do desenvolvimento cognitivo.

Uma vez que, a compreensão da morte pela criança não se faz isoladamente de outros desenvolvimentos que ocorrem em sua vida cognitiva geral, parece mais razoável supor que a conceitualização da morte na criança variará de acordo com o seu nível de desenvolvimento global; até porque, a compreensão de um conceito altamente abstrato e complexo, como o conceito de morte, requer aptidão para distinguir entre animados e inanimados; compreender o

significado da constância do objeto (conservação); diferenciar o *self* dos objetos não *self*; compreender os conceitos de tempo e de causalidade.

O encontro com a idéia da morte provoca a curiosidade infantil precisamente porque necessita de uma explicação especial, uma causa que a criança buscará. Esse estudo leva-la-á a substituir em parte a explicação pré-causal (o quê), pela explicação causal (por quê). Piaget, ao estudar a linguagem e o pensamento da criança, coloca essa questão e afirma que, entre as perguntas que a criança faz sobre as plantas, os animais e o corpo humano, são precisamente aquelas que se referem à morte que a farão abandonar a etapa de puro finalismo e adquirir a noção de causalidade, realizando, desta forma, um salto em seu desenvolvimento (TORRES, 1978).

De acordo com Piaget (1967), o desenvolvimento da criança se dá por meio de: 1º) incorporação das coisas e pessoas à atividade própria do sujeito, isto é, “assimilação” do mundo exterior às estruturas já construídas e 2º) reajuste dessas últimas em função das transformações ocorridas, ou seja, “acomodação” aos objetos externos. E, pode ser dividido em quatro estágios principais: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal.

O período pré-operatório do desenvolvimento infantil (dois a sete anos) caracteriza-se pelo aparecimento da linguagem, o que modifica profundamente as condutas da criança tanto no aspecto intelectual, quanto no afetivo. Resultando em três conseqüências essenciais para o desenvolvimento mental: socialização, pensamento e intuição. Do ponto de vista afetivo, segue-se uma série de transformações paralelas, desenvolvimento de sentimentos interindividuais (simpatias e antipatias, respeito) e de uma afetividade interior organizando-se de maneira mais estável do que antes. A linguagem da criança nesta faixa etária assemelha-se mais a um “monólogo coletivo” do que a uma troca de pensamentos propriamente dita. Ao invés de sair de seu próprio ponto de vista para coordená-lo com o dos outros, a criança permanece centralizada

em si mesma, egocêntrica. As intuições primárias também se caracterizam por sua rigidez e irreversibilidade.

É nesta fase que surgem os famosos porquês das crianças, elas estão em busca da “razão de ser” das coisas, uma razão causal e finalística. É justamente porque precisa haver uma razão para tudo que a criança fracassa nos fenômenos fortuitos, como a morte, por exemplo, passando a fazer perguntas sobre eles.

No período seguinte, o operatório concreto, observa-se o aparecimento de organizações novas que completam as construções esboçadas no decorrer do período precedente, assegurando-lhes um equilíbrio mais estável e inaugurando uma série ininterrupta de novas construções. A criança realiza progressos na conduta e na socialização, torna-se capaz de cooperar porque não confunde mais seu próprio ponto de vista com o dos outros. Essa liberação de seu egocentrismo social e intelectual é de suma importância tanto para a inteligência, quanto para a afetividade. Para a inteligência, trata-se do início da construção lógica que constitui, precisamente, o sistema de relações que permite a coordenação dos pontos de vista entre si. Para a afetividade, o mesmo sistema de coordenações sociais e individuais produz uma moral de cooperação e de autonomia pessoal, em oposição à moral intuitiva de heteronomia característica das crianças mais novas.

Quanto aos progressos do pensamento, podemos assinalar a conquista das noções de tempo - e com ele, velocidade e espaço -; causalidade e conservação (sucessivamente da substância, peso e volume) como esquemas gerais do pensamento, e, não mais, simplesmente, como esquemas de ação ou intuição. Resultando de um jogo de operações coordenadas entre si em sistemas de conjuntos, cuja prioridade mais notável, em oposição ao pensamento intuitivo da primeira infância, é a de serem reversíveis.

A afetividade, entre os sete e os doze anos, caracteriza-se pela aparição de novos sentimentos morais e, sobretudo, por uma organização da vontade - verdadeiro equivalente

afetivo das operações da razão -, que leva a uma melhor integração da vida afetiva. O novo sentimento que intervém em função da cooperação entre as crianças e das formas de vida social dela decorrentes consiste, essencialmente, em mútuo respeito; e sua conseqüência afetiva, deveras importante, é o sentimento de justiça.

Na adolescência, as conquistas próprias dessa etapa asseguram, ao pensamento e à afetividade, um equilíbrio superior ao que existia na segunda infância. No que concerne à evolução do pensamento, esta se dá na direção da reflexão livre e destacada do real; o adolescente é um indivíduo que constrói sistemas e teorias abstratas. É a passagem do pensamento concreto para o formal ou hipotético-dedutivo. Em paralelo exato com a elaboração das operações formais, a vida afetiva do adolescente afirma-se através da dupla conquista da personalidade e da sua inserção na sociedade adulta.

A partir dessa breve descrição do desenvolvimento infantil, pode-se notar que, no período compreendido dos dois aos sete anos de idade, encontram-se todas as transições entre duas formas extremas de pensamento, sendo que, a segunda domina pouco a pouco a primeira. A primeira destas formas é a do pensamento por incorporação ou assimilação puras, cujo egocentrismo exclui toda objetividade. A segunda é a do pensamento adaptado aos outros e ao real, que prepara, assim, o pensamento lógico. A passagem da intuição à lógica, ou às operações matemáticas, se efetua, pois, no decorrer da segunda infância.

O desenvolvimento do conceito de morte na criança obedece a essa forma geral de equilíbrio psíquico. Assim como o desenvolvimento mental, o desenvolvimento do conceito de morte aparecerá, em sua organização progressiva, como uma adaptação sempre mais precisa à realidade. Ou seja, o conceito da criança sobre a morte se desenvolve da mesma maneira que se desenvolve o pensamento em outras áreas, isto é, gradualmente e como parte ou produto de seu comportamento cognitivo global. Assim, em vez de se adaptar logo às realidades novas que

descobre e constrói pouco a pouco, o sujeito deve começar por uma incorporação laboriosa dos dados ao seu eu e à sua atividade.

Embora se observem diferenças na forma como os diversos pesquisadores enfocam o conceito de morte, na maior parte das investigações o mesmo aparece não como um conceito único, mas como um conceito complexo, multidimensional, que envolve subconceitos, sendo a universalidade, a não-funcionalidade e a irreversibilidade os três componentes mais amplamente pesquisados.

A irreversibilidade refere-se à compreensão de que o corpo físico não pode tornar a viver depois da morte; a não funcionalidade, à

As características de egocentrismo e animismo infantil influenciam o pensamento da criança pré-operacional sobre a morte. Esta tende a imputar vida a entidades não vivas e a perceber os objetos externos à sua própria imagem como seres vivos e conscientes, o que a impede de estabelecer a distinção entre seres animados e inanimados. Ademais, a criança, nesta etapa, ainda não adquiriu a noção de conservação do objeto e sua concepção de tempo ainda é de um tempo circular e periódico.

No nível dois, crianças do subperíodo de operações concretas, elas progredem em sua capacidade para distinguir entre animados e inanimados; já fazem oposição entre a vida e a morte; não mais atribuem vida e funcionamento biológico ao morto; definem a morte a partir de aspectos perceptivos, reconhecendo, sobretudo, a imobilidade do morto. Ainda não são capazes de estabelecer generalizações e dar explicações biologicamente essenciais, mas já compreendem a morte como uma condição definitiva e permanente.

Esse subperíodo do desenvolvimento é apontado como o ponto crucial no qual as mudanças parecem ocorrer, uma vez que é nele que surgem as mais importantes estruturas cognitivas. Com a aquisição da reciprocidade e com o desenvolvimento da noção de constância do eu (ou identidade), - que se dá paralelamente com o desenvolvimento da noção de constância do objeto -, a aceitação de vida na morte e a crença na temporalidade e reversibilidade da morte desaparecem como um fenômeno real para a criança neste período.

No nível três, característico do período formal, as crianças são capazes de compreender e estabelecer claramente a ampla distinção entre animados e inanimados, reconhecer a morte como extensiva a todos os seres animados e dar explicações biologicamente essenciais e de causalidade. Também nesse nível, começam a reconhecer a morte como parte da vida, como um processo que opera internamente, implicando na cessação de vida corporal; suas explicações são amplas e envolvem generalizações.

Ao atingir as operações formais, o pensamento do tipo proposicional torna a criança capaz de lidar com a morte em termos realmente conceituais. Abandonando a concretude das explicações, ela passa a enfatizar as qualidades essenciais, a estabelecer explicações gerais do significado da morte, a levantar hipóteses e a fazer inferências em relação à mesma.

Quanto ao papel das experiências com a morte no desenvolvimento do conceito de morte, os achados são ainda inconclusivos. Enquanto os resultados de algumas pesquisas sugerem que as experiências de morte atuam como um catalisador, acelerando o processo de desenvolvimento do conceito de morte (BOLDUC, 1972; ZWEIG, 1977; KANE, 1979, citados por TORRES, 1999), os resultados de outras não apontam para diferenças significativas entre crianças com e sem experiência (PECK, 1966; CHILDERS & WIMMER, 1971; TALLMER et al., 1974, citados por TORRES, 1999). Ainda há pesquisas que encontram uma correlação negativa entre experiência passada de morte e conceitos de morte mais precisos (COTTON & RANGE, 1990, citados por TORRES, 1999).

1.3. Luto infantil

Dentre as definições de luto explicitadas por diversos autores, trago, a seguir, a de Schoen et al. (2004), pela particularidade atribuída ao processo:

Luto é o processo pelo qual alguém passa quando uma perda é experienciada. As experiências que fazem parte desse processo ocorrem em diferentes seqüências e intensidades e, assim como sua duração, dependem do indivíduo. Respostas de luto vão também depender de quão significativa é a perda. Em casos onde a morte é complicada por circunstâncias inusitadas, o processo de luto pode ser exacerbado (SCHOEN et al.,

Schoen defende a não existência de um processo de luto natural, normal ou único. A experiência de perda relacionada à morte de um ente querido é um processo extremamente individual.

Walsh & McGoldrick (1998) também consideram o processo de luto como sendo bastante variável, freqüentemente durando muito mais do que as próprias pessoas esperam e a cada nova estação, feriado e aniversário, podendo evocar a perda. Entretanto, é comum o adulto ter, com referência à criança de luto, uma série de clichês e de exigências, perfeitamente contraditórios, quanto ao comportamento que ela deve adotar. Para Raimbault, essas contradições, às quais o adulto submete a curiosidade e a afetividade da criança, podem explicar parte das reações de luto da mesma:

[...] “uma criança não entende o que é a morte [...] Não percebe com clareza... é indiferente [...] é pequena demais para que lhe falemos sobre isso”, e, ao mesmo tempo: “deve ficar de luto [...] manifestar a mesma dor dos adultos durante os funerais”, depois, a partir do dia seguinte aos funerais, “deve continuar a viver como se nada tivesse acontecido [...] deve respeitar o luto dos que a cercam” (RAIMBAULT, 1979, p. 172).

Contudo, a partir de uma perspectiva desenvolvimentista, algumas predições gerais sobre as reações de luto podem ser feitas, com base em padrões de desenvolvimento cognitivo e emocional da criança em diferentes estágios. Essas considerações gerais dão a qualidade e a natureza do suporte que será oferecido à criança enlutada.

A morte não é, para a criança, apenas um desafio cognitivo, mas um desafio afetivo cada vez maior, conforme mais estreitos forem os laços afetivos dela com o ente perdido. Todavia, há controvérsias a respeito da possibilidade de a criança reagir à perda de maneira sadia. De um lado, encontram-se estudiosos que postulam ser o ego infantil demasiadamente fraco e pouco desenvolvido para suportar a tensão provocada pelo luto (WOLFENSTEIN citado por

WORDEN, 1998; WINNICOTT, 1994); de outro lado, aqueles que acreditam ser a criança capaz de enlutar-se da mesma maneira que o adulto (FURMAN citado por WORDEN, 1998; BOWLBY, 1985).

Para Bowlby (1985), tal como os adultos, bebês e crianças pequenas que perderam uma pessoa amada sentem pesar e passam por períodos de luto. A diferença, segundo ele, parece residir na escala de tempo abreviada na criança e no desenvolvimento prematuro dos processos que culminam no desligamento.

O autor identifica quatro etapas principais no processo natural de luto infantil: entorpecimento, protesto, desespero e desapego.

A primeira etapa se constitui das reações imediatas à perda por morte, ocorrendo choque, entorpecimento, descrença. Pode durar poucas horas ou muitos dias, podendo ser interrompida por crises de raiva ou de profundo desespero.

Após uma perda parece haver sempre uma fase de protesto, durante a qual, a criança não acredita que a pessoa esteja morta e se empenha, na realidade ou em pensamento e sentimento, em recuperar a pessoa perdida e a recrimina por tê-la abandonado. A criança chora, se agita e busca, avidamente, qualquer imagem ou som que possa anunciar a pessoa ausente.

Na fase seguinte, do desespero e desorganização da personalidade, a criança começa a aceitar o fato de que a pessoa amada realmente morreu, o anseio pela volta da pessoa não diminui, mas a esperança de sua satisfação esmorece.

Por fim, na fase do desapego, acaba por desenvolver-se um certo grau de desligamento emocional da pessoa perdida. Após ter passado pela desorganização da fase do desespero, o comportamento, nessa fase, se reorganiza com base na ausência permanente da pessoa e a criança começa, então, a buscar novas relações (BOLWBY, 1982).

Para este autor, a raiva constitui uma resposta imediata à perda, comum e talvez invariável, sendo parte integrante da reação de pesar. Defende, ainda, que a expressão manifesta desse sentimento, longe de ser patológica, é uma condição necessária para que o luto siga seu curso.

Assim, uma das principais características do luto complicado, segundo ele, seria a incapacidade para expressar abertamente nossos sentimentos ambival(n)0(to)5.8(n)-5 /s2(s a)n-10.3.s8(n)0

variáveis que compõem o luto, além, obviamente, das diferenças individuais. Segundo Bromberg (2000), a identificação pode ser relevante para permitir a descrição e compreensão da experiência da perda, o funcionamento psíquico e relacional do enlutado e para permitir o delineamento da intervenção mais adequada, quando esta se fizer necessária.

Segundo Stroebe e Stroebe (citados por BROMBERG, 2000), o luto, mesmo não sendo considerado como doença, pode favorecer o aparecimento de certa sintomatologia que pode envolver aspectos afetivos (depressão, ansiedade, etc.), manifestações comportamentais (agitação, fadiga e choro), atitudes em relação a si, ao falecido e ao ambiente (baixa auto-estima, desamparo, etc.), deteriorização cognitiva (lentidão do pensamento e da concentração), mudanças fisiológicas e queixas somáticas (distúrbio do sono, suscetibilidade a doenças, etc.).

Em se tratando da sintomatologia apresentada pela criança enlutada, segundo Weller e colaboradores (citados por MAZORRA, 2005), crianças recentemente enlutadas apresentam sintomas depressivos como: disforia, perda de interesse, tristeza, culpa, desempenho escolar diminuído, retardo psicomotor, ideação mórbida, mais freqüentemente que crianças não enlutadas.

Segundo Raimbault (1979), o sofrimento pode traduzir-se em distúrbios da atenção, diminuição da acuidade escolar, distúrbios da fala, ou ainda em todo um conjunto de sinais de ansiedade, tais como obsessões, fobias, ritos, tiques, apatia, medo da solidão, do escuro, do estranho. Tagarelar incessante e insensato e agitação incontrolável são outros sinais de uma ansiedade subjacente. Menos evidente é o refúgio no silêncio, que traz em seu bojo o risco de ser mais dramático, pois costuma passar despercebido.

De acordo com Torres (1999), as reações mais freqüentes da criança frente à morte são:

- reações hostis em relação ao morto por se sentir abandonada por este (sobretudo se foi um dos progenitores que morreu);
- reações hostis aos outros: projeção do ressentimento para aliviar a culpa, fazendo com que alguém seja responsável pela morte;
- idealização das qualidades do morto para aplacar a culpa;
- identificação com o morto: a criança passa a sentir os mesmos sintomas que o morto sentia;
- pânico decorrente da vivência de desamparo: no caso da morte do progenitor, a criança se pergunta quem vai cuidar dela;
- culpa em relação ao morto: na fantasia, a criança pensa que a morte da pessoa foi causada por uma ação que cometeu.

O sentimento de culpa merece destaque pois, nas crianças, pode tomar proporção catastrófica, tornando-se, no caso da criança pré-operacional, ainda mais urgente ajudá-la a compreender a causa real da morte. Devido ao seu pensamento mágico e egocêntrico, fica fácil para a criança acreditar que a causa da morte foi, realmente, os desejos ambivalentes que nutria pelo ente perdido. Segundo Raimbault:

Tal como ocorre com o adulto, os sentimentos de culpabilidade são parte integrante do estado de luto. Podem ser conscientes: a criança cuida que a morte do outro é culpa sua. Pensa no mal que lhe fez quando ainda estava vivo, na cólera que nutriu contra ele no momento em que adoeceu ou sofreu o acidente. Pode vir a pensar que também merece morrer. Esse desejo associa, ao mesmo tempo, sua punição e o desejo de ir juntar-se ao morto (RAIMBAULT, 1979, p. 174).

As reações de culpabilidade na criança dependem de sua evolução psicoafetiva, do momento e das relações anteriores com o morto. Dependem também da intensidade da culpabilidade dos pais ou do genitor remanescente, e isso por duas vias: de um lado, a criança identifica-se com o(s) pai(s) e, portanto, com sua culpabilidade; de outro lado, o pai (a mãe) pode

acusar, conscientemente ou não, o filho (a), como se acusa a si mesmo, considerando a criança perigosa, má, e perder a confiança que nela depositava. Vejamos o exemplo que a autora nos traz em seu livro:

Walter ao perder a mãe com dez anos mostra algumas das inibições que aparecem freqüentemente nas crianças: não chora, procede como se fizesse esforços no sentido de negar e afastar todos os seus sentimentos de angústia. Seu interesse pelas atividades quotidianas não sofreu a menor diminuição. Deseja voltar à escola imediatamente, e procede como se nada tivesse acontecido. No entanto, permanece instável por muito tempo, irritando-se com facilidade. Sempre faminto, consome grande quantidade de alimento, sobretudo guloseimas [...] Meses mais tarde durante uma discussão com a avó, cujas admoestações Walter já não tolera, esta lhe diz que eles precisam falar agora do que leva os dois a se sentirem infelizes por causa da morte da mãe. Walter, então, confessa que se sentiu responsável pela morte da mãe. A avó tranqüiliza-o dizendo-lhe que não foi culpado pela morte de sua mãe. Ao contrário, o amor que ela lhe tinha ajudou-a a permanecer viva por todo o tempo que era possível. Essa conversa confortou o menino. Depois da conversa com a avó, pôde dizer a dor que até então havia calado. Depois de ter podido exprimir, graças à avó, seu temor de ter causado a morte da mãe e, em seguida, expressado sua dor, Walter pôde interessar-se de maneira autêntica por numerosas atividades e fazer muitos amigos (RAIMBAULT, 1979, p. 162).

A morte de alguém próximo também pode despertar na criança o medo de sua própria morte ou a crença de que esta não tardará a acontecer.

Atualmente, o consenso em torno da elaboração do luto parece residir na capacidade de vivência e expressão dos sentimentos do enlutamento. Portanto, crianças que perderam um ente querido devem ser encorajadas a dar voz a seus sentimentos. Ocorre que, em função da falta de maturidade e habilidade de comunicação, além de uma maior dificuldade para significar a perda, a criança pode ter dificuldade de expressar o que sente em palavras e, usualmente, exprime sua dor por meio da dor corporal, irritabilidade e comportamento agressivo.

Ademais, percebendo que sua dor causa desconforto aos adultos, costuma negar ou esconder o que sente (JEWET citado por MAZORRA, 2005). Quando, para os pais, o sofrimento do filho é insuportável, a criança, ciente disso, silencia. A esse respeito, diz Raimbault (1979): “A ruptura do silêncio aparece como o terapêutico. Se a criança só encontra mentira ou silêncio, também se cala (p.11)”.

Fica claro que a criança em processo de luto, além da angústia que sente, compartilha a angústia dos pais:

Compreende-se quão importante é a forma como o pai ou os pais poderão, por sua vez, atravessar o luto sem escondê-lo, ou sem deixar-se devorar por ele, e também sem pedir ajuda ao filho, num momento em que o próprio filho tanto necessita de sua presença. A depressão dos pais modifica a atenção e a afeição com que antes cercavam o filho. Desta maneira, ao luto que a criança tem de observar vem acrescentar-se o peso trazido pelo sofrimento dos pais. É submetida a uma tarefa mais complexa que a do adulto (RAIMBAULT, 1979, p. 179).

Não raras vezes, uma criança não responde com emoção à morte de um dos pais, porque recebera pouca ou nenhuma informação sobre o que aconteceu e, mesmo que tenha sido informada, não lhe foi dada a oportunidade de expressar seus sentimentos e emoções, ou de fazer perguntas a um adulto compreensivo.

Outras vezes, respondem à perda de um ente querido com cerceamento dos sentimentos de tristeza, pouco choro e imersão continuada nas atividades da vida cotidiana por estarem, manifestamente ou não, negando o caráter definitivo da perda. A expectativa da volta do ente perdido ainda está presente em algum nível nessas crianças. Quando, no devido tempo, com a ajuda dos familiares, de profissionais (professores, psicólogos, etc.) e de outros, gradualmente adquirem consciência de que o ente morto, de fato, nunca mais voltará, reagem com pânico e raiva (BOWLBY, 1982).

Segundo Raimbault (1979), o luto de um objeto de amor é realizável desde que se preencham certas condições: cumpre que possamos desidentificar-nos da causa da morte, que sejamos despojados de qualquer pensamento ou desejo inconsciente de morte do tipo: fiz-lhe mal; não lhe fiz o bem que devia; poderia ter impedido sua morte; não o amei bastante. A criança precisará da ajuda do adulto nessa difícil tarefa.

Ainda em concordância com essa autora, o luto impossível parece essencialmente ligado à ambivalência de sentimentos e a uma estrutura tal, que toda expressão, exteriorização ou verbalização de seus afetos está interdita.

Uma vez realizado, o processo de luto permite, de um lado, a introjeção do objeto perdido sob a forma de lembranças, palavras, atos, modos de ser comuns ao morto e a si mesmo e, de outro lado, o investimento afetivo em um novo objeto, o desenvolvimento de um novo amor. Na realização de tão árduo processo, também nós adultos, mas, principalmente a criança necessita de assistência de uma outra pessoa de sua inteira confiança para recuperar-se da perda sofrida.

Ao examinarem as reações de crianças à perda e a melhor forma de ajudá-las, quase todos os autores enfatizam como é imensamente importante que a criança disponha de uma pessoa que atue como substituta permanente, a quem ela possa ligar-se gradualmente. Só em tais circunstâncias podemos esperar que uma criança venha, em última instância, a aceitar a perda como sendo irremediável e a reorganizar, então, sua vida interior de acordo com isso.

Kovács (1992) também chama a atenção para a importância dos cuidados como auxiliares na elaboração do processo de luto. Os cuidados ao enlutado podem ser prestados pela família nuclear e estendida, pela comunidade, instituições como a igreja, a escola, etc. e, quando se fizer necessário, por meio do trabalho psicoterápico. Pois a expressão de sentimentos como o abandono, a solidão, a raiva, a tristeza e a culpa, numa situação de perda, facilita a sua elaboração.

Ante o exposto, fica clara a influência dos adultos no processo de luto da criança. Na criança a elaboração do luto depende do que lhe é dito, como é dito, de como as famílias facilitam ou dificultam a expressão emocional e, no caso da morte de um dos pais, como o genitor sobrevivente reage e como espera que a criança reaja.

Naturalmente, há vários outros fatores que influenciam no processo de luto e nas reações da criança, tais como a idade, a etapa do desenvolvimento em que a criança se encontra, sua estabilidade psicológica e emocional, e a própria significação da perda, isto é, a intensidade e diversidade dos laços afetivos.

1.3.1. Luto pelos pais

É muito mais comum que os pais venham a falecer quando seus filhos já não são mais crianças e não dependem, em sentido estrito, deles. Entretanto, a violência que vem alarmando nosso país está tornando evento comum pais enterrarem seus filhos e filhos pequenos, ainda em fase de criação, perderem seus pais.

O jornal O Globo de 04/07/2004 publicou caderno especial, com o nome de Órfãos da Violência, no qual confirma dados da UNESCO, anunciando que o adulto jovem é a maior vítima da violência; de acordo com a pesquisa do Globo, 40,8% deixaram filhos. Só no ano de 2003, a violência deixou dois mil oitocentos e noventa e cinco órfãos no Rio de Janeiro, desse total, 83% eram crianças e adolescentes, sendo cerca de oito casos por dia.

A maior crise na vida da criança será, sem dúvida, esta provocada pela morte de um dos pais. Tal evento é um grande golpe no equilíbrio emocional da criança, pois ocorre numa época em que as funções materna e paterna são as mais importantes para ela. Muitas vezes também remove a função do que provê o sustento da família, podendo ter sérias conseqüências em longo prazo (BOWEN citado por WORDEN, 1998). Nesses casos, se faz importante assegurar à criança

que continuará tendo proteção, pois, não é incomum que ela desenvolva um medo de perder o pai sobrevivente também.

Brown (1995) ressalta que as reações de uma criança à morte de um dos pais são variadas e parecem ser influenciadas, principalmente, pela idade, nível de desenvolvimento emocional e cognitivo da criança e pela proximidade emocional em relação ao progenitor falecido e ao progenitor sobrevivente. Sugere ainda que, inicialmente, o maior impacto sobre o ajustamento da criança provem da contenção da expressão emocional e da incapacidade do progenitor sobrevivente de compartilhar a tristeza dessa criança. Mais tarde, no processo de luto, são a perplexidade, ansiedade e inconsistência do progenitor, isto é, a incapacidade de ir além de sua própria tristeza inicial para estruturar o mundo da criança, que parecem ter o maior efeito no ajustamento desta. De fato, não é tanto a reação de tristeza do progenitor, mas a incapacidade de expressá-la no sistema, fazendo com que se interponha entre ele e a criança, o que é problemático no ajustamento de ambos.

Uma morte na família ocasiona para a criança uma série de mudanças que ultrapassam o desaparecimento da pessoa. Walsh & McGoldrick (1998) nos lembram que quanto mais importante a pessoa era para a vida da família e quanto mais central seu papel no funcionamento dela, maior a perda. Dessa forma, as mudanças que ocorrem na estrutura dinâmica de uma família, quando morre um de seus principais membros, tornam o problema dos papéis, além dos problemas emocionais, questões imediatas.

A elaboração do luto de uma criança, quando da perda de um dos pais, vai depender da ajuda do pai sobrevivente. Esta tarefa, não raro, se torna extremamente difícil para este devido à incapacidade de suportar a dor de seu próprio luto, a dos filhos e, principalmente, a dor de um luto compartilhado.

Uma criança enlutada por um de seus pais remete a um cônjuge viúvo e, quando este é também o pai (mãe) de uma criança pequena, a expressão emocional pode ser bloqueada pelas responsabilidades de ser pai (mãe) solteiro (a), com os filhos e os parentes conspirando para manter o único pai (mãe) sobrevivente forte e funcionando. Esse bloqueio do luto parental pode ter como efeito o aumento na probabilidade de o filho apresentar sintomas (WALSH & MCGOLDRICK, 1998).

Deveras importante é a forma como o genitor sobrevivente reage e como espera que a criança reaja à perda. Bowlby (1985) coloca que uma proporção substancial das dificuldades que as crianças enfrentam depois da perda de um dos pais é consequência direta do efeito que a perda teve sobre o comportamento do pai sobrevivente em relação a elas.

Outro fator complicador consiste no processo de identificação com os pais, parte integrante do desenvolvimento saudável da criança, mas, que leva, freqüentemente, à dificuldade após a morte de um deles. A criança, quando da perda de um dos pais, perde, ao mesmo tempo, um objeto de amor e uma base identificadora:

Se a morte do pai sobrevém em pleno processo de identificação com ele, a criança pode continuar sua evolução graças à presença do pai desaparecido no amor e nas palavras daquele que fica perto dela. Pode ainda receber ajuda da parte de um substituto que prolonga a função e a pessoa do pai falecido. Para que o substituto possa ocupar esse lugar, é necessário que não se encontre numa relação de rivalidade com o pai morto (Raimbault, 1979, p. 178).

De modo geral, são quatro os principais resultados do luto da criança, por ocasião da perda de um dos pais, quais sejam: permanecer na fantasia ligada ao progenitor morto; investir a libido em atividades; temer amar outras pessoas e, aceitar a perda e encontrar outra pessoa para amar, o que é uma indicação de que o processo de luto transcorreu bem (TORRES, 1999).

1.3.2. Luto por um irmão

Jacques, três anos, perdeu um irmão gêmeo. A mãe lhe dissera que “Jean estava dodói e o menino Jesus o levou”. Depois do desaparecimento de Jean, Jacques apresentou um estado depressivo com ensimesmamento, regressão das aquisições verbais e sociais, tristeza, apatia, perturbação do sono, pesadelos. A mesma depressão nos pais e na avó corria o risco de agravar seu estado. Como não sabiam que uma criança – mesmo pequena – necessita de certo tempo para se conformar com a perda de alguém, quiseram ajudá-la a esquecer, apagando qualquer vestígio do morto: objetos, quarto, fotografias. Um desaparecimento tão súbito do que constituía a trama de relação entre esses dois semelhantes só podia mutilar Jacques ainda mais e prolongar sua depressão com um bloqueio cada vez mais importante, ou até irreversível, de suas funções intelectuais e de sua afetividade (RAIMBAULT, 1979, p. 144).

O caso do menino Jacques aponta uma tendência geral dos adultos, a de poupar os irmãos, evitando conversas, procurando manter a rotina do filho sobrevivente o mais normal possível, tentando não chorar ou demonstrar preocupação na frente dele. Para Lione (2005), por melhor que seja a intenção dos adultos, essa atitude pode acabar dificultando e, conseqüentemente, diminuindo as possibilidades de uma boa compreensão e adaptação à nova realidade.

Segundo Raimbault (1979), para que uma criança de tão pouca idade possa se conformar com a perda de um irmão tão próximo é indispensável não silenciar em torno dessa morte. A expressão daquilo que a criança vive, sente e pensa deve ser favorecida e, se possível, apoiada pelos pais, desde que esses possam ouvir, suportar e reconhecer o que a criança diz.

Berthoud et al. (citados por LIONE, 2005) consideram como itens fundamentais para a elaboração do luto dos irmãos, primeiro, a compreensão da morte como irreversível e, em segundo lugar, a informação acerca dos rituais de despedida, dos quais poderão participar.

A morte de um irmão pode provocar intensa reação, uma vez que este evento deflagra a percepção, no sobrevivente, de que ele próprio poderá morrer. Em se tratando da morte do irmão

mais velho, se sua causa não ficar clara, o irmão sobrevivente poderá passar a adotar comportamentos regressivos como defesa, a fim de, na fantasia, não atingir a idade em que o irmão morreu, por temor que o mesmo aconteça a ele (TORRES, 1999).

Um aspecto que também deve ser lembrado é o da rivalidade entre irmãos, o que pode levar a desejarem a não existência um do outro com o intuito de ficar com toda atenção e carinho dos pais. Se a morte realmente acontece, a fantasia de onipotência da criança deve ser desmistificada gradativamente, desresponsabilizando-a; do contrário, a enorme culpa carregada pela criança dificulta a elaboração do luto.

Outro grande golpe sofrido pela criança é a perda da onipotência que ela supunha haver nos pais, a imagem dos pais se modificada. A isso, acrescenta-se, de fato, uma modificação dos pais, também de luto. Quando se trata da morte de uma criança, fica difícil percebê-la como algo natural, é freqüente os pais se culparem e se perguntarem onde teriam errado. Para Lione (2005), a morte da criança explicita os objetivos não alcançados, as esperanças perdidas, a impotência dos pais.

A criança que perde um irmão, além desta perda direta, terá sobre si a perda dos seus pais de antes. Estes podem sobreinvestir cada vez mais o filho morto e desinvestir o filho presente, “[...] no caso extremo a criança só se sente amada se não está mais viva” (RAIMBAULT, 1979, p. 145). Pode a criança sobrevivente receber um acréscimo, um excesso de amor por parte de seus pais ou, ao contrário, ser privada de uma parcela de amor:

Os pais [...], ao serem profundamente atingidos pela morte de um filho, podem reagir de duas maneiras em relação ao filho sobrevivente: ou se aproximam mais e se tornam mais protetores, ou ficam tão perturbados a ponto de se tornarem incapazes de manter um relacionamento com o filho sobrevivente (TORRES, 1999, p. 121).

Há ainda o risco de os pais idealizarem o filho morto ou de criarem expectativas de que o filho sobrevivente ultrapassará as realizações do que morreu, o que é um novo fator de estresse

para a criança. Assim, não causa perplexidade o fato de o irmão sobrevivente, muitas vezes, passar a agir como o irmão morto, em uma tentativa de ocupar o seu lugar e, dessa forma, compensar os pais pela perda que sofreram (TORRES, 1999).

Comumente, casais que perdem um dos filhos tentam uma nova gravidez em seguida, muitas vezes, se esta gravidez dá certo a criança que nasce é sobre investida das expectativas e sonhos que os pais nutriam com relação à criança morta; pode haver uma exigência implícita para que ela seja igual ao irmão que se foi, o que acaba se tornando um peso para essa criança.

1.4. Comunicando uma morte na família

Em acordo com Raimbault (1979), nossas histórias, nossas mentiras, nosso silêncio diante de uma criança moribunda dão a medida do nosso sonho, e o grupo social favorece tal sonho, apontando a morte como o pior dos males:

O adulto desconhece o que a criança sabe sobre a morte, da mesma forma como desconhece o que ela sabe acerca da sexualidade. O adulto esqueceu-se da criança que foi. É tentador, para cada um de nós, pensar a criança como um outro nós mesmos que, por sua vez, viveria e desejaria sem limite. Não estaria submetido nem ao sexo nem à morte. Seria feliz. (p. 37)

É com base nesse mito que encobre uma realidade de submissão, mantida por aqueles que preferem o silêncio, e sob a falsa alegação de que a criança não compreende a morte, que o adulto desenvolve ao seu redor uma verdadeira conspiração do silêncio. A criança, que não encontra ninguém capaz de conversar com ela e só se depara com o silêncio ou a mentira, por sua vez, responde também com o silêncio, acreditando que deva guardar para si perguntas e sentimentos em relação ao tema.

Especificamente em situações de crise, as crianças revelam a necessidade de compartilhar seus medos, angústias, fantasias e sentimentos em relação àquele momento. O adulto cuidador principal deverá estar preparado para transmitir e propiciar, a esses pequenos seres humanos, conforto, segurança e força para continuar (LIONE, 2005). Para Kovács (1992), o adulto tem uma tarefa essencial como facilitador no processo de luto da criança, favorecendo a comunicação e compartilhando a dor, mostrando que sua expressão, verbal ou lúdica, faz parte do processo.

O luto da criança está a tal ponto emaranhado no luto dos pais que, se estes não podem livrar-se do morto, a criança também não será capaz de fazê-lo. Sendo que, se os pais estão sofrendo demais seu próprio luto e estão muito sensíveis, a criança poderá evitar falar sobre a perda para não aumentar o sofrimento deles. Em suma, um protege o outro.

Quando os responsáveis diretos pela criança, geralmente pai e mãe, se sentirem demasiadamente comprometidos e incapacitados para falar com seus filhos, um outro adulto próximo (avós, tios, professores, etc.), em quem a criança tenha confiança, deverá fazê-lo. O adulto deverá estar preparado e disponível para melhor atender às necessidades da criança neste momento tão difícil para todos.

Vejamos o depoimento da menina Suzane de 12 anos, que perdeu seu irmão mais novo, apresentado por Raimbault (1979):

Não falo mais dele, sobretudo com mamãe, porque ela chora [...] guardo a minha tristeza e penso no meu irmão e nos outros mortos. Você sabe, minha avó morreu faz um mês. Gosto muito quando alguns amigos vêm falar comigo porque assim não penso nos que morreram, pois do contrário não faço outra coisa. (p. 126)

A ausência de respostas às indagações das crianças a respeito da morte e do nascimento sufoca-lhes a curiosidade:

Se uma criança adoecer, tem o corpo afetado, ou se perde um membro da família, procura compreender. Sobressai nesse momento a importância do meio circundante. Se esse meio se recusa a ouvir, inibe a curiosidade da criança; se se mostra receptivo, favorece essa curiosidade e acompanha a criança em sua investigação (RAIMBAULT, 1979, p. 172).

A criança deve confrontar a realidade, e os pais ou responsáveis devem utilizar seu amor para permitir-lhes enfrentá-la em vez de contorná-la, pois, quando a comunicação é bloqueada, o indizível tem mais chances de ser expresso por meio de sintomas disfuncionais ou comportamentos destrutivos. Torres (1999) pensa que a falta de informação sobre o que realmente aconteceu acaba contribuindo para que a criança dê asas à sua imaginação formando, muitas vezes, uma visão distorcida da morte de seu ente querido, alimentando medos mágicos e culpa.

É grande o desespero dos adultos diante das perguntas da criança sobre a morte. Contudo, as próprias palavras da criança permitiriam que se estabelecesse um diálogo e que se

formulassem questões junto com ela. Deixar a criança dar o tom e estabelecer o ritmo da conversa parece a maneira mais apropriada de se abordar o tema da morte; além de respeitar seu nível de desenvolvimento, utilizando uma linguagem acessível e servindo-se, tanto quanto possível, de elementos facilitadores, como por exemplo, a literatura infantil, filmes, desenhos animados, etc.

Várias são as estratégias facilitadoras que podem ser utilizadas ao se falar de morte com a criança. Atualmente, já contamos com um bom número de livros infantis³ que abordam esta temática, alguns filmes também podem ter este papel, além de desenhos, jogos e brincadeiras. Vale a criatividade do adulto, aliada à adequação do tipo de trabalho de acordo com o nível de desenvolvimento da criança, ao abordar esse tema tão delicado e indispensável.

Como exemplo de atividade criativa, pode-se citar o trabalho desenvolvido por Torlai (2005) no Hospital Brigadeiro – SP. A autora descreve algumas atividades bastante interessantes que são realizadas pelo serviço de psicologia hospitalar desta instituição, em conjunto com o serviço de pediatria; por exemplo, a “plantação”, atividade criada por Chiattonne (psicóloga do Hospital do Servidor Público Municipal – SP), que tem como objetivo trabalhar as evoluções e transformações ocorridas durante o processo de vida e morte. Geralmente, a plantação é feita com feijão, levando em conta o seu ciclo rápido.

É preciso atentar para os diferentes modos através dos quais a criança comunica suas necessidades e sentimentos. A criança nem sempre se expressa através de uma linguagem explícita, mas utiliza uma linguagem simbólica e não verbal, assim como os adultos. Deve-se sempre ter em mente a relevância de se estar atento às “entre-linhas” do que a criança manifesta verbal ou não verbalmente. Porém, na maioria das vezes, este comportamento não verbal da criança não está ao alcance da compreensão dos adultos que a cercam. Fato muito grave, se

³ Há algumas indicações de livros infantis e filmes no capítulo 7 do presente trabalho.

pensarmos que é esta linguagem simbólica, não verbal, a mais freqüentemente utilizada pela criança para comunicar suas necessidades, de um modo geral, essa linguagem é expressa por meio de desenhos e brincadeiras (TORRES, 1999).

De acordo com a literatura (TORRES, 1999; RICHARDSON & WEINFURT, 1996-97), a forma mais adequada de ajudar as crianças no processo de luto é promover uma comunicação aberta e segura dentro da família, garantindo, a elas, o tempo suficiente para elaborar o luto e a figura de um ouvinte compreensivo para expressarem saudade, tristeza, culpa ou raiva.

As melhores explicações são as sinceras, diretas e retiradas, tanto quanto possível, da experiência da criança. As comunicações devem ocorrer por meio de uma linguagem acessível à compreensão das crianças, adequada ao estágio de desenvolvimento no qual se encontram.

Todavia, o adulto deve estar ciente de que a negação da criança frente a alguns aspectos da morte pode ser algo positivo. A negação, como ressalta Anthony (1972), é uma etapa necessária entre a recusa e a aceitação da realidade, um meio de promover a construção de uma relação pragmática entre o indivíduo e o meio. O mundo externo hostil e adverso se torna capaz de penetrar na consciência quando vem acompanhado de negação.

Até o momento, apresentamos um tipo de comunicação "pósventiva"⁴, entretanto, o ideal seria que se abordasse o tema da morte com a criança antes desta estar gravemente doente ou de ter perdido alguém por quem tem apreço. O modo como a curiosidade da criança em relação à morte foi atendida dentro da família, anteriormente a uma situação de perda, tem enorme repercussão no momento de uma comunicação efetiva. Se a curiosidade da criança foi

⁴ Comunicação que se dá após a ocorrência do fato. Neologismo utilizado para dar ênfase e fazer contraponto com o tipo de comunicação preventiva, que seria a forma ideal, porém ainda longe de se concretizar, seja no seio da família ou no ambiente escolar.

sempre atendida, esse momento será mais fácil, em contra partida, se a morte foi ocultada e a curiosidade da criança reprimida, as repercussões deste silêncio se farão sentir.

A escola, em conjunto com a família e os profissionais de saúde tem um papel muito importante neste assunto. Posto ser a escola o ambiente natural das crianças, a situação escolar se torna foco principal e local privilegiado de deslocamento de conflitos:

Uma pesquisa realizada com 49 crianças enlutadas nas escolas públicas de Arlington revelou que quase todas apresentaram inicialmente um decréscimo nas notas. Entretanto, quando o ambiente familiar era confortador, 1/3 das crianças da amostra recuperavam-se no final do primeiro ano (TORRES, 1999, p. 123).

Naletto (2005) afirma que a escola, à semelhança das instituições de saúde, lida com a doença, a dor, a pobreza e a morte com maior frequência do que se imagina, já que a instituição escolar trabalha com vidas e, onde há vida, há também a possibilidade da morte.

No entanto, muitos professores afirmam não se sentirem preparados para abordar a temática da morte. Segundo Kovács (2003 b), é importante falar em prevenção e investir na capacitação da escola como um todo, para enfrentar a dolorosa situação da morte e de outras perdas. Pensando nisso, a autora propõe a preparação de professores, com uma série de atividades específicas, que poderia se dar através de uma parceria entre as escolas e a Universidade, pelo Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM – USP).

Conclui-se que a criança, mais do que ninguém, no decorrer da dolorosa travessia da perda, necessitará do adulto para ser informada, compreendida e assistida, uma vez que a evolução do processo de luto na criança é enormemente influenciada, entre outras coisas, pelo estilo de comunicação adotado pela família. (TORRES, 1999).

Embora não existam “receitas” de como falar com a criança sobre a morte, orientações têm sido dadas por vários autores, e foram assim resumidas por Torres (1999):

- comunicar de modo simples, direto e objetivo, usando a própria linguagem da criança;

- ouvir e observar a criança, o que significa estar atento não apenas às palavras, mas também ao que está por trás delas;
- permitir que a criança pergunte livremente, ou seja, não se deve decidir pela criança sobre o que ela deve saber. Muitas vezes, o adulto procede desta forma para se sentir confortável ao falar com a criança;
- não dar explicações além daquelas que a criança está procurando. A criança que deve estabelecer seus próprios limites;
- usar um tom de voz natural, evitando o sussurro ou explicações demasiadamente piedosas;
- ser franco e honesto, isto é, não se preocupar em esconder dúvidas e incertezas. Algumas vezes dizer “não sei” é a única resposta que se pode dar. Questões sem resposta fazem parte da vida;
- não recorrer a símbolos sentimentais ou eufemismos, pois estes podem trazer maiores dificuldades para a criança (“foi viajar”, “está dormindo”, “foi transferido de hospital”; “Deus o chamou porque era bom”, etc.);
- evitar relacionar doença-hospital-morte, pois a criança pequena ao equacionar morte com doença e ida ao hospital pode intensificar seu medo;
- compartilhar a fé é importante, quando há crenças religiosas. Somente quando se acredita sinceramente em idéias religiosas ou filosóficas sobre a morte é que se deve transmiti-las à criança. Em outras circunstâncias, a complexidade destas crenças e a dificuldade para distinguir entre morte física e espiritual deixa a criança mais confusa e intrigada (“foi para o céu”, por exemplo, poderá suscitar perguntas subseqüentes mais embaraçosas, como “onde é o céu?”, etc.);

- acariciar e abraçar é tão importante quanto o que se diz. Significa responder às necessidades da criança em sua totalidade.

Em síntese, para ajudar a criança em sua compreensão a respeito da morte é preciso, fundamentalmente: ouvir, aceitar, ser honesto, partilhar (TORRES, 1999). Talvez o mais importante nesses momentos difíceis é, simplesmente, que sejam ricos em afeto e segurança.

1.5. Quanto à presença no velório e enterro ou cremação

O padrão tão arraigado em tempos atuais de esconder-se a morte torna o processo de adaptação à perda ainda mais difícil. Em contraste com as culturas tradicionais, nossa sociedade carece de suportes culturais para ajudar as famílias a integrarem o fato da morte à vida que continua (WALSH & MCGOLDRICK, 1998).

Por toda a história e, em todas as culturas, os rituais de luto facilitaram não apenas a integração da morte, mas também as transformações dos sobreviventes. Cada cultura, a seu modo, oferece assistência à comunidade dos sobreviventes para que sigam adiante com suas vidas.

Alguns autores consideram que os rituais liberam os indivíduos para demonstrar sentimentos que de outra maneira ficariam reprimidos. Rando (citado por FRISTAD et al, 2000) enfatiza como rituais, como o funeral, podem ser usados terapeuticamente para os enlutados, promovendo um importante passo na facilitação do processo de luto, além de tornar a morte mais real.

Os rituais funerários e as visitas ao túmulo têm uma função vital ao proporcionarem uma confrontação direta com a realidade da morte e uma oportunidade de prestar uma última homenagem, compartilhar o sofrimento e receber conforto da rede de apoio dos sobreviventes. Walsh & McGoldrick (1998) consideram o compartilhamento da experiência da perda crucial para a boa adaptação da família e o funeral e enterro como momento ótimo para que este padrão se inicie.

Schoen et. al (2004) chamam a atenção para o fato de que, no caso de crianças, a participação no funeral e em outros rituais de luto deve ser ofertada, porém, não forçada. Não se pode deixar de pensar nos prejuízos que podem advir do fato de deixar a criança ver o corpo e, no entanto, não deixá-la falar sobre isso, não esclarecer o que será feito desse corpo, e outras questões que a criança apresentar.

Apesar da indicação dos rituais como favoráveis para as pessoas enlutadas, poucos estudos examinaram o impacto específico da participação em um ritual funerário nas crianças enlutadas.

Fristad et al (2000) realizaram uma pesquisa com 318 crianças enlutadas por um dos pais, com idades entre cinco e 17 anos. As crianças e os pais sobreviventes foram entrevistados sobre sua participação nos rituais relacionados ao funeral e o subsequente ajustamento pós-morte, um, seis, treze e vinte e cinco meses após a morte do pai ou mãe. De acordo com seus resultados, quase todas as crianças (89%) participaram do velório, enterro ou cremação. As crianças de famílias que não participaram desses rituais não se saíram tão bem, com o passar do tempo, em comparação com as demais.

O simbolismo dos rituais (como, por exemplo, tocar a música favorita do morto) frequentemente trouxe conforto às crianças sobreviventes. Estas reportaram que alguns aspectos específicos do ritual e o suporte dos outros foram de elevada importância para assisti-las durante

esse evento carregado de emoção. Muitas delas descreveram a participação ativa (por exemplo, escolher as flores) como uma ação útil. Houve poucas reclamações e foram mais comuns em meninas; uma delas referiu-se à aparência física do defunto, outra dizia respeito a continências militares, quando de sua ocorrência, crianças mais novas algumas vezes se assustavam.

Dezesseis por cento dos participantes foram cremados ao invés de enterrados, o que não pareceu ter nenhum efeito negativo no comportamento das crianças. Contudo, no caso de cremação, alguns clínicos consideram benéfico dar informações à criança, com o intuito de criar um entendimento completo de como o corpo será transformado em cinzas (DYREGOV, citado por FRISTAD et al, 2000).

Resumindo, o funeral parece ter uma função de suporte para a criança enlutada, desde que haja alguém disponível para conversar com ela sobre suas experiências. Note-se o que disseram crianças entrevistadas por Fristad et al. (2000): “Foi bom ter ido ao enterro, eu gostaria de dizer adeus uma última vez”, “Me senti amedrontado, mas gostei que todas as pessoas estavam lá para nós” (p. 337).

1.6. Um olhar sistêmico

Este capítulo surge a partir do reconhecimento da diferença crítica entre sentir-se enlutado e compartilhar o luto e baseia-se primordialmente no livro “Morte na família: sobrevivendo às perdas” de Walsh & McGoldrick (1998).

Essas autoras definem a perda a partir de uma perspectiva familiar sistêmica, como:

Um processo transacional que envolve o morto e os sobreviventes em um ciclo de vida comum, que reconhece tanto a finalidade da morte como a continuidade da vida. Atingir o equilíbrio neste processo é a tarefa mais difícil que uma família deve enfrentar em sua vida (p. 27).

Apesar de o foco da presente pesquisa ser a criança enlutada, toda perda tem um impacto que não se dá isoladamente sobre uma pessoa, mas sobre todo o sistema familiar. Desta forma, os processos familiares constituem determinantes cruciais da adaptação saudável ou disfuncional à perda.

A perturbação individual após uma perda, fundamentalmente para uma criança, não se deve somente ao sofrimento, mas também é resultado de mudanças no realinhamento do campo emocional da família. A perda modifica a estrutura familiar e geralmente requer a reorganização do sistema como um todo.

De todas as experiências da vida, a morte impõe os desafios adaptativos mais dolorosos para a família como sistema e para cada um de seus membros individualmente, com ressonâncias em todos os seus outros relacionamentos. A negação da morte, em nossa sociedade, só contribui para o aumento dessa dificuldade.

A família vivencia e reage à perda como um sistema de relações, no qual todos os membros participam de interações mutuamente reforçadoras. Os padrões postos em ação quando da morte de um membro da família têm tanto um impacto imediato, como ramificações em longo prazo no desenvolvimento familiar, no curso do ciclo de vida e por muitas gerações.

Bowen (citado por WALSH & MCGOLDRICK, 1998) descreveu o impacto perturbador da morte ou da ameaça de perda sobre o equilíbrio funcional de uma família, entendendo a intensidade da reação emocional enquanto governada pelo nível de integração emocional da família, no momento da perda, e pela importância funcional do membro perdido. Segundo o autor, uma família mais integrada pode mostrar mais reação explícita no momento,

mas se adaptar rapidamente, em contraposição a uma família menos integrada, que pode demonstrar pouca reação imediata, mas responder, posteriormente, com problemas físicos ou emocionais.

Estas autoras colocam que, embora seja um equívoco impor expectativas ou estágios, seqüências ou escalas fixas a processos tão complexos como o luto, dada a diversidade dos estilos familiares e individuais de enfrentamento, existem tarefas adaptativas cruciais, as quais, se não forem realizadas, deixam as famílias vulneráveis à disfunção. Identificam, baseadas em pesquisas e experiência clínica, duas tarefas familiares principais que tendem a promover a adaptação imediata e em longo prazo para os membros das famílias e a fortalecer a família enquanto unidade funcional: 1) o reconhecimento compartilhado da realidade da morte e a experiência comum de perda e 2) a reorganização do sistema familiar e o reinvestimento em outras relações e projetos de vida.

Todos os membros da família, a seu próprio modo, devem confrontar a realidade de uma morte que a atinge. O reconhecimento da perda é facilitado pela informação clara e pela comunicação aberta sobre os fatos e circunstâncias da morte. A comunicação entre a família é vital no curso do processo de perda. Embora, tendo em mente que os indivíduos, as famílias e as culturas variam no grau em que a expressão aberta dos sentimentos é valorizada ou funcional, há fortes evidências de pesquisa sobre o bom funcionamento familiar de que a comunicação clara e direta facilita a adaptação familiar e fortalece a família como uma rede de apoio para seus membros. Um clima de confiança, resposta empática e tolerância a diversas reações é crucial.

Ou seja, a adaptação à perda é facilitada pela coesão da unidade familiar no apoio mútuo, equilibrada com a tolerância e o respeito às diferentes respostas à perda dos vários membros da família. Tem-se aí uma das causas mais recorrentes e mais ignoradas das dificuldades que se encontram no decorrer de um luto comum, para uma ajuda mútua. Quando

uma família perde um de seus membros, é muito difícil para cada sobrevivente admitir que há diferença na perda sofrida. Cada qual pensa a perda tal como a vive, é a negação da diferença na dor. O outro impasse no diálogo possível é, ao contrário, a negação da semelhança: “Você não vive a mesma dor que eu – você não pode compreender, não se parece comigo – você não me conhece... não o reconheço mais”. (RAIMBAULT, 1979, p. 167).

A recuperação do equilíbrio familiar e dos padrões estabelecidos de interação, após a ocorrência da morte de um de seus membros, envolve um realinhamento das relações e a redistribuição dos papéis necessários para compensar a perda e prosseguir com a vida familiar. Promover a coesão e a flexibilidade no sistema familiar é determinante à sua reestabilização.

A adaptação familiar receberá influência de diversos fatores, tais como:

- a forma da morte (repentina ou prolongada): as mortes repentinas ou após uma doença prolongada são especialmente estressantes para as famílias e demandam mecanismos de enfrentamento diferentes. Quando o processo de morrer é prolongado, os recursos financeiros e de prestação de cuidados da família podem se esgotar e as necessidades dos outros membros são colocadas em suspenso. O alívio com o fim do sofrimento do paciente e da tensão da família costuma vir carregado de culpa. Por outro lado, quando uma pessoa morre inesperadamente, os membros da família carecem de tempo para antecipar e se preparar para a perda, para lidar com assuntos pendentes ou até para dizer adeus;

- perda ambígua (seqüestro, desaparecimento, etc.): a ambigüidade em torno de uma perda interfere com a obtenção de controle sobre ela, freqüentemente produzindo depressão nos familiares;

- morte violenta: o impacto devastador da morte violenta reverbera por todo o sistema familiar;

- a rede familiar e social: os padrões de organização e comunicação e os sistemas de crenças familiares estão entre as variáveis mediadoras mais cruciais para a adaptação à perda. Quanto mais importante é a pessoa para a vida da família e quanto mais central seu papel no funcionamento dela, maior a perda. A adaptação à perda é facilitada pela coesão da unidade familiar no apoio mútuo, equilibrada com a tolerância e o respeito às diferentes respostas à perda dos vários membros da família. A estrutura familiar, suas regras, papéis e limites, precisam ser flexíveis, ainda que claros, para a reorganização após a perda. A comunicação aberta também facilita o processo de recuperação, um clima familiar de confiança mútua, apoio e tolerância é importante. Dispor de outros recursos, como por exemplo, uma família extensa, além de recursos sociais e econômicos, pode amortecer o impacto da perda, a família extensa pode ter um papel vital neste processo. Por outro lado, em casos de relações conflituosas entre os membros da família ou rompidas a época da morte, o processo de luto poderá ser mais complicado, com efeito, sobre outros relacionamentos;

- o momento da perda no ciclo de vida: o momento específico de uma perda no ciclo de vida multigeracional da família pode criar um risco maior de conseqüências disfuncionais. As complicações são mais prováveis em casos de perdas prematuras, nos quais o momento do ciclo de vida familiar, as expectativas sociais, assim como a idade cronológica, contribuem para a prematuridade de uma morte e para seu impacto sobre os sobreviventes. A viuvez, por exemplo, é muito mais difícil no início do casamento do que mais tarde na vida, devido aos sonhos e esperanças não concretizados, ao descompasso com os outros casais na mesma fase da vida e à falta de modelos de ajustamento entre os pares. Também a coincidência temporal de múltiplas perdas ou de uma perda com outros estressores e fatos evolutivos marcantes podem produzir um acúmulo de estresse capaz de soterrar a família, complicando as tarefas do luto. Perdas

traumáticas não resolvidas no passado também podem ser um fator complicador, sendo importante, pois, atentar para o legado familiar multigeracional de perda;

- o contexto sócio-cultural da morte: que engloba não apenas crenças étnicas, religiosas e filosóficas, mas também o contexto sócio-político e histórico da perda, assim como restrições por papéis de gênero.

Fica claro que o sentido e as conseqüências da perda variam dependendo da fase específica do desenvolvimento do ciclo de vida que a família está vivenciando, no momento em que ela acontece. Desta feita, perder os pais na infância ou quando adulto jovem, no momento da preparação para sair de casa, terá implicações diferentes das de se perder um filho ou o cônjuge, no início do casamento ou no fim da vida.

Finalmente, para as famílias que estão enfrentando a morte ou doença terminal o mais importante é que desenvolvam a capacidade de se relacionar francamente uns com os outros quando diante da morte, não se esquecendo, nem mesmo dos seus mais novos membros.

2. OBJETIVOS

Geral:

- Verificar como se processa a comunicação à criança da morte de um familiar.

Específicos:

- Verificar se a comunicação sobre a morte apresentada à criança pela família, se adequa ao seu nível de compreensão e desenvolvimento cognitivo;
- Verificar se a forma de comunicação adotada facilita ou dificulta a expressão de sentimentos pela criança;
- Identificar os motivos que levam a família a buscar apoio profissional para a criança enlutada e que tipo de apoio é o mais solicitado;
- Formular questões para subsidiar propostas de intervenção a partir da compreensão dos dados coletados.

3. MÉTODO

Foi escolhida para a realização desta pesquisa a abordagem qualitativa, tanto na realização da coleta de dados, quanto para a compreensão dos mesmos, pela flexibilidade e vasta possibilidade de interpretações que esta abordagem possibilita (LÜDKE & ANDRÉ, 1986). Também pela visão mais ampla proporcionada por esta abordagem, que vai além da constatação e busca o entendimento, a compreensão, fundamentalmente, do fenômeno estudado.

A este respeito, Spink (1999) considera que a escolha pela abordagem qualitativa tem o mérito de esclarecer com nossos participantes o compartilhamento de problemas e possibilidades e de poder dar algum sentido ao mundo, considerando a pesquisa um processo dinâmico que ocorre num momento histórico e num contexto específico.

Para Chizotti (1991), a abordagem qualitativa caracteriza-se pela delimitação do problema pouco a pouco; pela participação do pesquisador no conhecimento a ser produzido na relação com o sujeito da pesquisa; pelo caráter dinâmico da relação, na qual pesquisador e sujeito, ambos se modificam e são modificados; por uma visão dos dados obtidos como fenômenos que se dão na própria relação entre o pesquisador e o sujeito.

3.1. Participantes

Participaram da presente pesquisa responsáveis, sendo três mães e uma avó, por cinco crianças, entre dois e oito anos, que sofreram a perda de um parente próximo (mãe, pai, irmãos). Um dos critérios de inclusão era que a morte do ente querido tivesse ocorrido há pelo menos um ano, prazo que se justifica pelo fato de que, após este período, as reações mais agudas de luto provavelmente teriam se dissipado (KAFFMAN & ELIZUR, citado por FRISTAD et al, 2000).

O interesse por crianças desta faixa etária se justifica pelo fato, já mencionado, de ser nesta fase que as crianças apresentam maiores dificuldades em apreender o conceito de morte. Isto porque a compreensão da morte como separação definitiva ainda não se realizou para muitas destas crianças.

Não se estabeleceu um número de participantes a priori, de forma que foram entrevistados tantos quanto foram possível no período definido para coleta de dados, previsto entre agosto de 2006 e abril de 2007.

Os participantes da pesquisa foram localizados através da divulgação do trabalho entre pessoas conhecidas, uma espécie de boca a boca, que propiciou que algumas pessoas participassem desta pesquisa voluntariamente ou que indicassem conhecidos que se enquadravam no perfil procurado, constituindo-se uma amostra intencional. Fez-se também contato com instituições de educação, a saber: creches da USP e o Centro de Ensino São José. A pesquisa foi apresentada às psicólogas e pedagogas responsáveis por tais instituições, que se prontificaram a procurar alunos que se enquadrassem nos critérios de inclusão. Havendo indicação, os responsáveis seriam convidados a participar da pesquisa através de carta convite (em anexo). Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em anexo).

A princípio, não se realizou a caracterização por nível sócio econômico da clientela, tendo sido consideradas apenas a profissão e a religião, por serem relevantes para o contexto da

pesquisa. Acredita-se que tanto uma quanto a outra podem influenciar no que é dito à criança, ao se falar de morte.

3.2. Procedimentos da coleta de dados

Como se trata de pesquisa qualitativa, foram utilizadas para a coleta de dados entrevistas abertas, por permitirem a flexibilidade necessária em cada caso particular. A entrevista na investigação operativa, tal como postulada por Bleger (1980), pode ser um momento no qual acontece a interação entre participante e pesquisador. Para Ludke e André (1986), na situação de entrevista há uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde.

Iniciou-se a entrevista com a seguinte questão aberta: Eu gostaria que o senhor (a) me falasse sobre a morte deste parente (esposo (a), filho (a)), focando, principalmente, em como esta notícia foi dada ao seu filho (a).

Os entrevistados responderam livremente à questão. Na medida em que se tentou propiciar um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluíram de maneira autêntica, perpassando pontos considerados importantes na entrevista, a saber:

- quem comunicou;
- tipo de vínculo do comunicador com a criança;
- tempo decorrido entre a morte e a comunicação da mesma;

- se as explicações foram claras, respeitando-se as capacidades emocional e intelectual da criança, ou metafóricas;
- omissão de informações, quais e por quê;
- se havia estímulo para as crianças falarem;
- se suas questões eram respondidas;
- em caso de morte anunciada, se a criança sabia e se foi preparada;
- comportamento da criança imediato e nos meses subsequentes à perda;
- quem a acompanhou no desenrolar do processo de luto;
- como foi o processo de luto deste acompanhante;
- se os sentimentos foram compartilhados.

Quando algum dos pontos acima deixou de ser mencionado pelo entrevistado, foi feita a intervenção necessária. Ressalta-se que os pontos acima mencionados foram apenas norteadores, não se constituindo em objetivo final das entrevistas, que visavam averiguar como aquela família comunicou a morte à criança, como eventualmente facilitou ou dificultou a expressão dos sentimentos na criança e como se deram as demais interações criança-responsável durante o processo de luto da mesma.

Ludke & André (1986) apontam que a entrevista, sendo cada vez um momento singular, permite correções, esclarecimentos e adaptações que aumentem sua eficácia na obtenção das informações desejadas. Desta forma:

Enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado (LUDKE & ANDRÉ, 1986, p. 34).

As entrevistas foram realizadas individualmente com cada familiar responsável pela criança que sofreu a perda, foram gravadas, com a devida autorização dos participantes e, em seguida, transcritas e analisadas.

3.3. Procedimentos da compreensão de dados

A ferramenta utilizada na compreensão dos dados foi a análise temática. Segundo Minayo (2000):

Fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado. (p. 209)

O primeiro procedimento foi o de transcrição das entrevistas. Momento no qual pode-se ouvir novamente e de outra forma o que foi dito pelos entrevistados. Após a transcrição, foi realizada leitura flutuante de cada entrevista, para registrar as primeiras impressões, assim como o sentido mais amplo daquilo que foi dito, iniciando-se, assim, o levantamento dos principais temas e categorias.

Após a pré-análise (leitura flutuante), foi feita a análise propriamente dita, através da leitura e releitura do material coletado, levando-se em conta as características do discurso e a repetição de falas no texto, dividindo, assim, o material em seus elementos componentes sem, contudo, perder de vista sua relação com o todo (LUDKE & ANDRÉ, 1986), chegando-se, desta forma, aos temas recorrentes e categorias descritivas.

Inicialmente, este levantamento se deu na fala de cada participante; posteriormente, foram buscados os aspectos comuns a todos. Na fase de síntese, houve retorno ao texto e às análises para reportar seus achados formulando-se propostas para pais, psicólogos e educadores, com o intuito de subsidiar uma melhor comunicação com a criança que sofre uma perda.

Vale lembrar que, como bem enfatizam Ludke & André (1986), a pesquisa representa uma atividade humana e social e, inevitavelmente, dela fazem parte cargas de valores, crenças, preferências, interesses e princípios que norteiam o investigador. Junto com seu referencial teórico-técnico, toda esta carga estará presente desde a escolha do tema, até a entrevista propriamente dita e na análise desta.

Enquanto pesquisadora e, ao optar pela abordagem qualitativa, busquei estar consciente dos aspectos acima mencionados, para não atribuir ao outro aquilo que é meu e não contaminar o processo de escuta e interpretação, desenvolvendo o que Bleger (1980) denomina “dissociação instrumental”, uma distância ideal entre os elementos que configuram o campo.

4. APRESENTAÇÃO E COMPREENSÃO DAS ENTREVISTAS

As entrevistas foram lidas e relidas inúmeras vezes na tentativa de levantar os elementos mais significativos que os entrevistados trouxeram em suas falas. O levantamento destes temas se deu, primeiramente, em cada entrevista, sendo, posteriormente, buscados os aspectos comuns em todas elas.

4.1. Compreendendo a entrevista 1

A primeira entrevista (em anexo) foi concedida pela mãe de dois rapazes atualmente com dezoito e vinte e quatro anos que perderam o pai em consequência de um câncer quando tinham dois anos e meio e oito anos. A mãe é psicóloga e não tem religião.

Minhas impressões sobre a entrevista 1

Por ser a primeira entrevista estava um pouco nervosa. Ao chegar ao lugar marcado, que foi uma sala no prédio do COSEAS/USP onde trabalha a participante, nos sentamos uma de cada lado de uma mesa, como em uma consulta médica, pois era essa a disposição da sala. Essa barreira física entre nós aumentou meu desconforto e deu uma falsa impressão de que a conversa poderia não fluir bem. Ao contrário, feita a pergunta disparadora, a entrevistada trouxe praticamente todos os dados que eu procurava.

Apesar do tempo decorrido desde a morte, suas lembranças eram ainda muito vivas e seu relato muito claro e organizado, o que facilitou a compreensão desta entrevista.

- Perda dupla

Em decorrência da doença do pai, a mãe também se ausenta de casa para lhe prestar cuidados. Para as crianças a perda é dupla.

Eu passava o dia inteiro no hospital.

[...] “mãe, você tem dois filhos, você precisa voltar para casa, mãe”. O meu filho falou bravo comigo. “Fala para o papai que você não pode ficar, fala para o médico que você não pode ficar aí, você tem que vir para casa cuidar da gente”.

O filho reivindica a presença da mãe em casa. Muitas vezes, quando a mãe ou algum outro cuidador se ausenta de casa para cuidar de um ente doente da família, os parentes saudáveis que ficam em casa podem não compreender sua ausência e sentir-se abandonados ou trocados.

- Preparando as crianças

As crianças, angustiadas com a ausência do pai, queriam saber o que estava ocorrendo.

Eles queriam muito saber o que ele tinha, eu expliquei que ele tinha tido uma doença na barriga e que a gente precisava ter força para ele sarar.

[...] as crianças foram ficando angustiadas, e aí eu fui dizendo: “papai está lutando, está fazendo força para vencer essa doença”. E já nos últimos dias eu comecei a dizer: “olha, a doença está ficando muito grande, eu estou achando... ele está lutando muito, mas [...] quem sabe, não sei se ele vai conseguir”. Isso para o maior, o menor certamente ouviu, mas, eu [...] não era para ele que eu dirigia a conversa, né. Eu fui dizendo um pouco disso para ele que [...] “acho que papai não está agüentando, a doença está ficando pesada, grande”.

As crianças foram sendo preparadas aos poucos, a mãe fornecia informações dosadas, à medida que o quadro ia piorando e suas esperanças esmorecendo. No início, esperava passar pelo menos mais um verão com a família toda reunida posteriormente, se conseguisse passar as festas de fim de ano já seria muito bom.

E a minha expectativa era que a gente ainda vivesse mais aquele verão.

Vamos viver este novembro da cirurgia, passamos o natal juntos, janeiro e fevereiro, bom, está bom, a partir de março estou pronta, vamos dizer assim.

Eu, a essa altura, ainda achava que [...] já não achava mais que ia dar para passar o verão, mas quem sabe o natal, né? Você vai encurtando seus prazos também; conforme a situação, vai se apertando, você vai encurtando os prazos. Então eu dizia: “quem sabe ele ainda sai para o natal” [...] eu ainda tinha uma esperança de que talvez o L. saísse, se não fosse para ir para casa, quem sabe para o quarto?

A preocupação era maior com o filho mais velho, pois ele tinha uma relação muito próxima com o pai. O mais novo, por que se pensava que ele não tinha uma noção muito clara sobre a morte, não era o foco das comunicações.

[...] eu só pensava no mais velho, né? Achei que o menor [...] importaria menos.

Então eu tinha muito mais preocupação com o maior, de ouvir, de conversar, de estar atenta. E o menor [...] menos.

Eu achava que o I., que é o mais velho, era quem de fato sofreria, porque ele tinha tido uma convivência estreita com o pai, ele era muito parecido fisicamente com o pai [...] Meu marido saía muito com ele, todo fim de semana, sábado e domingo eles iam para o clube, iam para praça, iam andar de bicicleta. Meu marido contava histórias, tinha histórias assim, que ele inventava. Punha o I. no colo e desenhava com ele. Tinha, assim, eles tinham toda uma vida muito dos dois. E o menor, ainda era um pouco menor para isso tudo, né. Ele também carregava, porque ele nunca se aborreceu se era pequeno, se precisava trocar fralda ou não, mas participava menos efetivamente. Não andava de bicicleta, não ia jogar bola, não desenhava ainda. Tudo isso teria seu lugar se ele tivesse vivido, mas não teve.”

O filho mais velho teve uma vida muito intensa com o pai, que era extremamente participativo; para o mais novo, tudo isso teria o seu lugar se o pai não tivesse morrido.

- A ausência de despedida

As crianças não visitaram o pai no hospital, não tiveram, portanto, a oportunidade de se despedir dele ainda em vida.

Esse mês ele ficou inteiro na UTI, então as crianças não viram ele [...] Nenhuma vez.

A uma certa altura, a enfermeira, a chefe da UTI [...] me perguntou, a enfermeira chefe, me chamou e disse: “eu não faço isso, isso não é nossa conduta, mas eu vou abrir uma exceção, se você quiser trazer as crianças você pode trazer.

Mãe e pai não acharam apropriado que as crianças fossem à UTI, apesar do pessoal do hospital ter se mobilizado nesse sentido.

A certa altura eu perguntei para ele: “você quer que eu traga as crianças?” Ele disse: “[...] não, vou sair daqui.” [...] E eu perguntava: “você quer encontrar com as crianças?” e ele dizia: “não, não, aqui não, vamos nós embora para casa”.

[...] ele me dizia assim: “diga para os médicos que eu quero ir embora”, ele todo entubado.

Havia, em ambos, a esperança de uma melhora, por menor que fosse, então, neste momento de melhora, seria mais apropriado levar as crianças. Ou estaria o pai consciente da proximidade de sua morte e pedia para morrer em casa?

Naquele momento eu não quis, que eu achei que ele já estava comprometido demais, ele não responderia [...] Então eu achava que para o maior era muito penoso ver o pai tão comprometido. E eu achava que como ele não tinha

esperança nenhuma [...] eu achava uma coisa sem glória. Vou levar ele lá para quê?

Eu achava que ia trazer uma angústia para o meu filho, maior do que eu supunha que a gente pudesse [...] levar avante.

Então eu dizia: “quem sabe ele ainda sai para o natal”, para quê que eu vou fazer meu filho passar [...] porque eu iria fazer ele passar por essa angústia se eu ainda tinha uma esperança de que talvez o L. saísse, se não fosse para ir para casa, quem sabe para o quarto?

A idéia que se tinha era que ver o pai naquele estado traria mais angústia às crianças, angústia esta que já havia sido desencadeada pela ausência.

- Comunicando a morte

Momento delicado que pediu proximidade e acolhimento.

[...] até que chegou o dia em que ele morreu [...] sentei com meu filho no chão [...] com o mais velho. E disse para ele que, bom, papai não tinha agüentado e que ele tinha morrido.

eu disse pra ele: “bom, meu filho, foi muito chato, que pena, mas pelo menos papai parou de sofrer”. E aí ele disse: “é ele parou e nós vamos começar”.

Para o meu filho pequeno eu não falei no mesmo dia.

O filho mais novo ficou de fora dessa conversa e só veio receber a notícia um dia depois.

[...] no dia seguinte, eu falei para o pequeno que tinha acontecido uma coisa muito triste e que o papai não tinha agüentado. Falei mais ou menos as mesmas palavras. Que o papai não tinha agüentado, que a doença tinha sido muito grande, que tinha [...] vencido ele, que ele tinha lutado bastante, mas que mesmo assim ele não tinha agüentado e que ele tinha morrido e que então ele não ia mais voltar.

Explicação didática foi oferecida para essa criança, ao comunicá-la, a mãe dá ênfase ao fato de que o pai não vai mais voltar. Crianças na idade de seu filho ainda não alcançaram a noção de irreversibilidade da morte e, por isso, podem esperar tornar a ver o ente querido que se foi.

- A preocupação com as palavras

Houve grande preocupação com as palavras escolhidas para a comunicação.

Tinha assim, uma preocupação de escolher uma boa palavra que... que representasse a coisa efetiva e, não assim, que nem um brinquedo que quebrou ou estragou. Eu tinha preocupação com essas palavras. Então eu achei que esta frase era uma frase limpa. “Papai morreu, papai não volta mais”. Eu dizia o que aconteceu e a conseqüência.

A mãe, ao comunicar, fez questão de utilizar frases simples, sem apelo a metáforas ou a expressões de cunho religioso. Procurou trabalhar sempre com explicações que fossem acessíveis ao entendimento de uma criança tão pequena; talvez por ser psicóloga e ter conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil. Tendo sido o mesmo levado em conta na hora de fornecer respostas às indagações das crianças.

[...] eu preciso dar uma resposta para esse menino, concreta como pede a idade dele, a concretude que a idade dele pede.

Contudo, por mais didática que possa ser a comunicação, nem sempre a criança compreende o que lhe dizem. Por esse motivo, alguns questionamentos não cessam até que a criança se torne capaz de assimilar o que lhe foi dito ou, até que uma outra explicação mais acessível, lhe seja prestada.

[...] ele perguntava pra todas as pessoas, todas, Vanessa, que apareciam na frente dele ele dizia: “cadê o meu pai?” Eu parava num farol, vinha um cara pedir esmola, ele punha a cabeça para fora e dizia: “cadê meu pai?” Perguntava para o porteiro, para a faxineira, qualquer pessoa. E eu tinha sempre a mesma

resposta: “papai morreu, papai não volta mais” [...], mas não dava conta do que aconteceu, isso. Um dia ele disse: “mãe, cadê o papai?”. Eu dizia: “mas meu filho, eu já expliquei para você, papai morreu, ele não volta mais”. “Disso eu já sei, eu quero saber onde que ele está” [...] Aí eu fui à varanda, era um fim de tarde, tinha Vênus nascendo assim, bem luminosa. Eu disse “está vendo aquela estrela bem linda? Papai está lá, papai agora mora lá”. Eu achei que nesse momento ele se aquietou de alguma maneira, pelo menos para esta pergunta.

- Presença no enterro

As crianças não foram ao enterro do pai. O filho mais velho foi indagado se queria ou não participar, optou por não ir por causa da aparência do defunto, questão relevante para crianças em um nível mais concreto de desenvolvimento. Já ao filho mais novo nada foi perguntado, apenas não o levaram.

[...] disse para ele se ele queria ir ao enterro. Aí ele me perguntou como é que o pai dele estava. Eu disse: “como você já viu em filme, num caixão, cheio de flores, com as pessoas em volta, vela e tal, é assim que ele está”. Ele disse: “então eu não quero ir, quero guardar dele a lembrança [...] que eu tenho dele vivo”.

- A grande surpresa

Pensava a mãe, que o filho mais velho lhe daria muito mais trabalho que o mais novo, pois, conviveu muito mais tempo e intensamente com o pai.

Fiquei muito impressionada com o M. Eu achava que o I., que é o mais velho, era quem de fato sofreria, porque ele tinha tido uma convivência estreita com o pai, ele era muito parecido fisicamente com o pai.

E qual não foi a minha surpresa quando quem me deu muito mais trabalho foi o menor do que o maior.

Então ele foi me dando um trabalho que o I. não me deu.

Entretanto, o filho mais velho foi preparado e assistido durante todo o processo doença-morte do pai e o mais novo não, talvez por isso tenha dado mais trabalho.

- Ele não me amava

Em função do pensamento egocêntrico e animista é comum que as crianças nutram fantasias de abandono e culpa com relação à morte. Uma ambivalência de sentimentos pode ter levado M. a se achar um mal menino e pais não gostam de crianças más, pode pensar que por isso seu pai fora embora.

[...] um dia ele disse: “papai não gostava de mim”.

Estaria, a criança, projetando sentimentos seus na figura do pai? M. amava o pai, mas dele também era rival pelo amor da mãe. Pode ter desejado algumas vezes que o pai não existisse e pode sentir-se culpado por isso. Com a morte do pai, passa a ser o homem da casa.

[...] M. dizendo para mim, lá pelos cinco anos talvez: “mãe casa comigo?”. “Mas meu filho eu não posso casar com você”. “Mãe, casa mãe, por favor mãe, casa comigo!”. “Mas meu filho você é pequeno e eu sou grande. Eu preciso casar mas, com um outro homem”. “Mas mãe eu vou crescer!”

- Outras fantasias

Como a criança pequena ainda não compreende a irreversibilidade da morte, é comum ter a esperança de que seu ente querido retorne. A perda de um dos genitores também pode levá-la a desenvolver o medo de perder aquele que lhe resta, por isso, vivencia, por vezes, um apego demasiado forte com ele; não querer sair de casa, por exemplo, pode ser a expressão desse medo.

[...] ele vinha para creche da USP e houve um momento em que ele não quis mais vir. Ele não saía de casa por nada deste mundo, por nada. Não queria ir brincar na casa da minha mãe, da avó. Não queria ir para casa de amigo, não queria ir para creche. E eu comecei a achar que ele estava esperando o pai [...] sei que eu, com muito custo, fui conseguindo tirar ele de casa. Eu acho que todo esse processo demorou o ano inteiro seguinte.

A mãe, atenta às necessidades da criança, reitera a irreversibilidade da morte.

[...] eu disse para ele: “filho papai não vai voltar, por mais que a gente deseje, por mais que a gente imagine, ele nunca mais vai estar aqui com a gente, só no que a gente consegue lembrar”.

- Eu não me lembro

Crianças que perdem os pais ainda em idade muito precoce podem ter muitas dificuldades para lembrar deles, com os quais conviveram tão pouco.

[...] uma das coisas que ele também me disse a uma certa altura [...] é que ele lembrava pouco do pai. Ele disse: “eu não me lembro. Eu lembro de três cenas: meu pai parado na porta, meu pai ficando bravo comigo porque eu fui mexer nos discos dele e do meu pai me dando macarrão na boca do prato dele, que ele estava comendo”. Então tinha aí um pedido também de falar desse pai que [...] e isto eu fiz.

Nesse caso a mãe fez questão de reconstruir ou co-construir com as crianças a imagem do pai e criou até o que eles chamam da marca do pai.

Aí eu fui buscar uma porção de fotos onde o L. estava carregando ele no colo, procurei as mais alegres e felizes e fui mostrando, coleí do lado do berço para ele [...]

[...] eu fui o tempo inteiro montando esta imagem, porque eu achei que eles eram muito pequenos e que perder assim esta imagem [...] Eu me achei no lugar de [...] de ajudar eles a construir uma boa imagem, nem que ela não fosse inteira, porque certamente a imagem não é [...] a imagem, ainda mais construída pelo outro, não é a imagem que você constrói do seu pai.

[...] a gente sempre gostou muito de música [...] E isso era uma coisa que eu quis manter, quis manter como assim, a marca, a marca do pai e tal [...] Então eu gravava músicas da nossa discoteca [...] e a gente vinha ouvindo no carro, né. E aí eu ia contando: “o papai gostava dessa música, tarara, tarara [...]”. Eu sempre fui referenciando a vida dos meninos em coisas do pai.

- Comportamento desafiante

As crianças, por terem maior dificuldade de expressão, acabam se comunicando e mostrando seus sentimentos através das ações.

[...] nos anos seguintes o M. fez todos os desafios que ele pôde no mundo... eu tinha uma idéia de que faltava ali esta marca masculina da autoridade [...] você dizia um não qualquer e ele emburrava, ele queria, e aí ele entrava numa espécie de um transe, de um surto, que nem aquelas crianças que se joga no chão e esperneia o M. fazia isso. Ele entrava no quarto dele, ele pegava as cobertas da cama, arrancava, jogava no chão e ficava bravo e desafiava.

A mãe entendia o comportamento desafiante do filho não como um ataque a ela, mas, como a expressão da falta do pai, falta com a qual a criança tinha dificuldades de lidar. O filho mais velho reprovava o comportamento do mais novo e questionava a mãe, a qual argumentava que eles precisavam se unir para ajudar M. a suportar.

E eu tinha como postura o seguinte; eu encostava a porta do quarto e dizia: “quando você ficar melhor a gente conversa”

Muitas vezes o meu maior dizia: “mãe você vai deixar o M. fazer isso!” E eu dizia para o I.: “o M., ele não consegue agüentar, a gente precisa agüentar para ele, para ele poder aprender, um dia ele vai aprender, então a gente precisa agüentar”. Isso me trouxe alguns problemas com o I., inclusive porque o M. [...] era uma coisa, era uma coisa impressionante.

Mas eu acho que isso tem muito a ver com a falta do pai, sabe [...] O que faltava para ele aqui, isto aqui é uma reação a essa falta, não é um ataque a mim isso aqui, é uma resposta dele a um dado de realidade.

No caso da perda do pai, esses comportamentos podem surgir também como uma reação à ausência da figura de autoridade representada por ele.

[...] eu tinha uma idéia de que faltava ali esta marca masculina da autoridade para o M.

- A questão dos papéis

Quando acontece uma morte na família o problema dos papéis e da reformulação destes é central, principalmente quando morre um dos genitores.

[...] eu tinha mesmo essa missão [...] dar conta financeiramente, então eu tinha que estar inteira [...] Como ele morreu muito cedo, a gente não tinha dinheiro acumulado, não fizemos o nosso pé de meia [...] Eu precisei ganhar dinheiro por dois.

No contexto desta família, a questão econômica tornou-se uma das mais prementes. Para manter o padrão de vida ao qual estavam acostumados, a mãe teve que dobrar seu ritmo de trabalho. Tendo que trabalhar mais, poderá dispor de menos tempo para dedicar-se às crianças que tanto precisam dela. Por outro lado, ter alguém para cuidar ajuda a manter-se de pé e, muitas vezes, é o que impede de sucumbir.

[...] me foi útil essa coisa de ficar muito de pé e cuidar muito das crianças. E, por outro lado, também as crianças te impõem na vida, você tem aí uma via de duas, de duas mãos, porque, se por um lado eu me apurava para estar bem para as crianças, para fazer elas ficarem de pé, por outro lado foram eles que me deram todo esse gás.

A tarefa primeira desta viúva e mãe era “reerguer suas crianças”; precisava ser forte para cumprir sua “missão”. Desta forma, não lhe sobrava muito espaço para mergulhar na própria dor, dor que procurava esconder sofrendo sozinha na calada da noite.

[...] bom, eu tenho uma missão que é botar essas crianças de pé. Eu preciso fazer [...] eu tinha isso muito, muito marcado para mim. Eu preciso fazer essas crianças serem boas pessoas, então, eu tinha muito empenho nisso.

[...] até eles dormirem eu ficava bastante amparadora, cuidadora deles, né, depois era meu espaço. E daí era o momento mesmo da dor.

[...] não é que eu não chorasse, mas não era um chorar de me descabelar, isso eu fazia eu comigo mesma.

Todavia, as crianças não são bobas, elas não só percebem, como também validam e acolhem o sofrimento da mãe.

Muitas vezes quando eu ficava com os olhos cheios d'água, meu maior dizia: "chora mãe, chora, pode chorar, nós estamos aqui". Eles foram muito [...] muito amparadores também.

- O processo de luto: do sofrimento à sobrevivência

Saindo um pouco do luto teorizado para o luto experienciado.

[...] o luto é muito [...] uma coisa devastadora.

[...] eu sofri feito cão.

Mas a gente sobrevive, surpreendentemente a gente sobrevive.

Essa mãe sentiu necessidade de buscar terapia para ajudar na elaboração de seu luto.

Bom, eu procurei ajuda. Eu já tinha feito uma análise e eu voltei a procurar essa mesma pessoa, com quem eu fiquei um tempo.

Apesar da enorme dor e sofrimento, no fim, ficou a gratificante sensação de dever cumprido.

[...] também não posso achar que foi só mérito meu. Acho que foi, principalmente, mérito das crianças também.

[...] Acho que as crianças sobreviveram também e bastante bem. Até pelo auxílio do meu companheiro [...] ele teve um papel de figura masculina importante para essas crianças.

Bom, hoje o M. é um doce menino [...] Eu acho que de fato a gente acabou tendo mesmo um sucesso nessa história.

O trabalho conjunto da família, o novo companheiro, as próprias crianças, todos contribuíram para o sucesso final.

Acho que o meu contexto familiar é um contexto muito acolhedor, tenho uma família muito unida. Eu tinha dois irmãos, tinha minha mãe ainda viva. Então eu tive muito suporte familiar.

4.2. Compreendendo a entrevista 2

A entrevista dois (em anexo) foi concedida pela avó materna de um garoto atualmente com oito anos de idade cuja mãe foi brutalmente assassinada pelo próprio pai da criança, há cerca de seis anos. Como se trata de uma morte repentina, a criança não foi preparada e, muito menos, teve a chance de despedir-se de sua mãe. A avó materna é a responsável pela criança, funcionária pública aposentada, católica de criação, atualmente pratica o kardecismo.

Minhas impressões sobre a entrevista 2

Esta entrevistada apresentou um relato dos fatos muito desorganizado, provavelmente, pela situação de morte inesperada e muito violenta. Ia e voltava no tempo, o que fazia com que eu me sentisse perdida em alguns momentos, por vezes tendo de interferir para poder entender.

Aí foi isso, que eu me lembre, é que é tanta coisa e já passou um tempo grande. Quando eu fui conversando com você sobre esse assunto, eu, eu falo muitas coisas ao mesmo tempo, porque, devido à situação [...] Então aí eu vou falando uma coisa, vou lembrando de outra.

Mais do que fazer uma entrevista senti que abrira, talvez pela primeira vez, um espaço para a R. falar deste assunto, havia ali um desabafo, por parte da entrevistada, que, provavelmente, teve poucas oportunidades para falar sobre o acontecido. Na medida do possível, acolhi a entrevistada, mas, havia um objetivo de colher dados para a pesquisa, portanto, quando o foco se perdia, tentava voltar ao tema comunicação com a criança.

- Omitindo informações

A ambigüidade em torno da perda acabou por levar a avó a postergar a comunicação. Não sabendo se tratar de morte ou desaparecimento optou por não falar nada para o neto. É muito difícil conviver com esta dúvida, no fundo, os parentes sempre têm uma esperança de que seu ente querido não tenha morrido.

Eu falei, eu não vou falar para a R., para o M.V., que a mãe dele é desaparecida, até então eu sabia, não tinha certeza se ela estava morta ou não [...] Resultado escondi tudo.

A avó estava munida da melhor das intenções, a de poupar a criança, livrá-la do sofrimento, temia o que poderia lhe acontecer diante de tão trágica notícia, por isso, escondeu tudo. Por que exporia a criança à tamanha dor quando não tinha certeza da morte, se ainda alimentava a esperança de que a qualquer hora sua mãe poderia entrar pela porta?

[...] escondi as fotos da R., todas.

[...] porque eu não sabia o que ia acontecer com ele, como é que ele ia ficar, entendeu.

Reconhece não ter agido da melhor maneira, mas agiu da maneira que lhe era possível diante de tamanho sofrimento. Talvez não se sentisse preparada para dar ao neto todo o suporte

que ele precisaria, ao saber do que ocorrera à sua mãe; estava por demais envolvida na tentativa de localizar o corpo da filha.

Olha a notícia dela foi, do falecimento dela, foi trágico porque no começo a gente não sabia que ela tinha sido morta ainda, a gente imaginava.

Foram quatro meses vivendo essa agonia, até que o corpo foi localizado e reconhecido.

R. precisou ser muito forte e corajosa para encontrar o corpo da filha, no início enfrentou o descaso das autoridades, que combateu levando sua história à mídia.

Eu ligava para lá (para o Morro) “quero saber onde é que está o corpo da minha filha”, “eu sei quem está falando Dona”, eu falei: “eu não estou ligando escondido, aqui quem está falando é R., mãe da R., e eu não tenho medo de vocês não, eu quero saber onde é que está o corpo da minha filha”. Fiquei uns três meses, por aí, três ou quatro meses [...] Aí, de tanto eu encher o saco, um belo dia ligaram lá para a delegacia, para esse caso, porque o delegado também não se importou, entendeu. Só que depois que o delegado não se importou eu fui para a televisão, quando eu fui para a televisão [...] aí designaram o delegado Dr. C. para o meu caso, aí ele ligou para mim, para o meu celular, eu estava lá em I., foi a primeira residência que eu fui. “Ah, porque eu vou tomar conta do caso da sua filha”, eu falei: “agora eu não quero, porque quando eu fui à delegacia, que era para procurar a minha filha, que ela poderia estar viva, mesmo toda quebrada, entendeu, vocês não deram, agora eu não quero”. “Ah não, mas a senhora [...]”. Aí começaram a falar um montão de coisa, depois acabei deixando que a investigação corresse.

- Comunicando a morte

Não querer ver o neto sofrendo e a esperança de a filha poder ainda estar viva fizeram a avó postergar a notícia. Depois de terem encontrado o corpo, a criança, talvez por um ato super protetor da avó, continuou sem ser informada, até que um “acidente” fez com que a comunicação finalmente se desse um ano depois do desaparecimento.

[...] ele achou uma foto dela [...] quando nós fomos morar em Cabo Frio, teve uma foto pequenininha que ele viu da R. no quarto da tia S., aí ele pegou a foto da R. e trouxe a foto para mim, ele já estava começando a falar, aí ele perguntou assim para mim: “mãe, quem é?” Aí eu percebi que ele não tinha, não lembrava, apagou da mente dele, a mãe. Eu falei: “M., não lembra?” Ele falou: “não, não lembro não”. Eu falei: “essa aqui é sua mãezinha, a R. [...] ele já estava com uns três anos e pouco.

Eu falei: “essa aqui é sua mãezinha, a R., que foi para o céu e pediu para a mamãe tomar conta de você, para a vovó tomar conta de você. Então agora eu sou sua avó e sua mamãe”. Aí ele perguntou: “mas ela foi para o céu como?” Eu falei: “Papai do Céu levou, Papai do Céu levou e os anjinhos levaram a sua mãe”, eu falei para ele.

Encontrar esta foto foi a “deixa” para a avó comunicar a morte. A comunicação se fez revestida por metáforas e cunho religioso, o que está além da capacidade de compreensão de uma criança dessa idade, tendo, desta forma, gerado dúvida e mais perguntas.

- A adequação da linguagem ao nível de desenvolvimento da criança

Metáforas deste tipo, como foi para o céu, papai do céu levou ou está dormindo, são muito utilizadas ao se abordar o assunto morte com crianças.

Aí ele perguntou: “mas ela foi para o céu como?” Eu falei: “Papai do Céu levou, Papai do Céu levou e os anjinhos levaram a sua mãe”, eu falei para ele. Eu não expliquei, que não tinha o que eu explicar para ele.

Entretanto, crianças em nível pré-operacional do desenvolvimento ainda não desenvolveram sua capacidade de abstração e provavelmente irão tomar ao pé da letra o que lhes for dito, podendo, por vezes, ficar confusas.

A religião é, sem dúvida, o maior conforto do homem frente à sua finitude e à dor, por isso, não parece estranho que esta avó a tenha utilizado para compreender os horrores que estava atravessando.

- A criança sabia e procurava pela mãe desaparecida

Mesmo tendo, efetivamente, recebido a notícia do falecimento de sua mãe apenas um ano depois, a criança percebia que algo tinha acontecido e buscava por sua mãe. Bowlby (1982)

descreve o protesto e o esforço premente para recuperar a mãe perdida como a reação inicial em crianças entre seis meses e três anos de idade que são separadas de suas mães.

[...] ele ia direto na cama lá no quarto onde ela ficava, chegava lá e não via. Da última vez, ele chegou lá, ele assim em mim (faz gesto de puxar a roupa) foi correndo para o quarto, quando chegou no quarto, voltou e veio andando sabe, assim franzidinho, franzindo o cenho.

[...] ele subiu correndo, correndo, tipo assim, na esperança de encontrar a R. lá. Quando ele chegou lá, ele entrou correndo no quarto onde elas dormiam, não viu a R. e voltou. Aquilo lá me deu uma dó. Quer dizer, ele estava ainda querendo procurar a mãe, mas sem conseguir falar. Aí eu falei para ele assim [...] Ele falava algumas coisas só. Eu falei: “M., a mamãe não está”, eu falei para ele, aí ele se abraçou em mim, pronto.

Mesmo a pouca idade da criança e até o fato dela ainda não ter desenvolvido bem a fala não a impediram de perceber a situação. A avó percebe o desejo do neto de encontrar a mãe desaparecida atentando para sua comunicação não verbal e tem seu coração dilacerado cada vez que a criança vai a busca da mamãe e volta triste, sem nada ter encontrado.

[...] ele não falava direito, ele não conseguia se comunicar. Eu só entendia pelo jeito dele [...] pelo jeito dele eu percebia. Porque ele entrava no quarto.

O que esta criança nos mostrou já é consenso na literatura: elas sabem sobre a morte, percebem algo diferente, mesmo que não tenham sido diretamente informadas, por isso, não devemos deixá-las à parte, ou ocultar-lhes a verdade.

- Eu não me lembro

Uma criança de 2 anos vive, normalmente, uma fase de apego apaixonado e, muitas vezes, possessivo com sua mãe. Diante da ausência desta, após um período de protesto e busca e um período de pesar, pode desenvolver, como estratégia de defesa, o desapego. Segundo Bowlby

(1985), em bebês e crianças, ao que parece, os processos defensivos, uma vez iniciados, têm a tendência a estabilizarem-se e persistir.

Até hoje ele não lembra [...] não lembrava da R., não lembrava nada, e até hoje ele não lembra.

Neste caso, o primeiro movimento da avó foi o de esconder tudo que remetesse à mãe, movida pela dúvida da morte/desaparecimento, pelo medo de ver o neto sofrer e por toda a dor que estava vivendo. Talvez quisesse com isso apenas simplificar as coisas, escondendo tudo o que lembrasse sua filha não precisaria mais falar nela, viveria a ilusão de tê-la esquecido, como se ela nunca tivesse existido e todo esse horror não estivesse sendo vivido.

Depois que a criança achou a foto a avó então abriu todas as outras fotos, vídeos, recordações da mãe.

[...] e dessa primeira vez que eu falei nela e, que ele viu a foto, todas as fotos foram abertas para ele. Aí eu comecei a mostrar as fotos dele, aí eu comecei, no mesmo dia eu peguei dela grávida e mostrei; “você lembra da mamãe quando você estava na barriguinha?”. Aí peguei as fotos dele pequenininho, dele mamando, todas as fotos.

- Bloqueio dos sentimentos

Toda esta situação drástica e inesperada, aliada a todas as providências de que a avó se ocupava em tomar, como a busca incessante e incansável pelo corpo e a maratona necessária para encontrá-lo e depois enterrá-lo no local desejado, impossibilitaram a vivência integral da dor e da tristeza.

Quando eu descobri, eu estava em I., me ligaram dizendo: “dona R., achamos o corpo da sua filha”, aí eu desabei. Porque até então eu não chorava, eu não chorava, eu tinha [...] assim sabe [...] Só fui chorar quando eu fiquei sabendo, que o delegado me ligou dizendo que tinha achado o corpo da minha filha, que ela estava em tal lugar, enterrada em tal lugar. Foi aí que eu desabei.

Somente quando o corpo finalmente foi localizado houve espaço para uma descarga emocional. A criança vendo a avó chorando foi consolá-la, mas, provavelmente, não sabia a razão de sua tristeza. Nessa situação podemos observar a capacidade de uma criança para cuidar e a conseqüente indefinição do papel do cuidador. Quem estaria cuidando de quem?

[...] ele era pequenininho, estava com uns dois anos e pouco, três. Eu chorei e ele ficou olhando só, mas eu chorei e ele não, não sabia porque eu estava chorando. Ele ficou só olhando, aí veio me abraçar também, ficou me abraçando mas não chorou não.

- O comportamento da criança

Tanto a criança quanto sua mãe já tinham histórico prévio de maus tratos e, em conseqüência disso, algumas seqüelas emocionais anteriores à perda, como a demora para falar, por exemplo.

Aí, resultado, o M. V. era muito pequeno nessa época e ele não falava ainda, porque a minha filha sofria muitos maus tratos, e levava o M. V. como escudo na época.

[...] não mãe, não leva ele (a criança) que por conta do M. V. é que ele (o marido) não me bate muito. Porque eu pego o M.V. e corro pro banheiro, ou fico com o M. V. no colo, ele para de me bater.

Ele demorou muito para falar, quando ele começou a falar ele era gago e eu levei na fonoaudióloga, ele agora não tem mais gagueira, mas troca as letras.

Após a perda, os problemas de comportamento se agravam, a criança sofre de gagueira e se torna agressiva com seus pares, possivelmente como resposta à situação vivida, mas não elaborada.

Teve um problema de comportamento sim, ele era muito agressivo [...] eu não conseguia que ele se adaptasse com as crianças da idade dele, da mesma faixa etária. Ele, quando estava junto, ele só queria brigar, só queria bater, só queria tirar os brinquedos, coisa que é natural de criança, só que eu notava que nele não era tão natural, porque ele tinha alguns detalhes que eu ficava percebendo que eram [...] sabe ele fazia assim, fechava os punhos, as mãos e ficava assim.

E outro comportamento que ele tinha muito, que eu custei para tirar, ele vinha para a cama e quando eu via, ele estava no chão, dormindo, tá. Eu acredito que é [...] de repente, às vezes, ela podia colocá-lo na cama, mas quando estava com, com esse homem, ela botava ele no chão, eu acho.

Para a avó é difícil aceitar as dificuldades do neto, ela procura minimizar os efeitos adversos da perda no comportamento da criança, tentando remover tudo que o faça diferente das outras crianças, oscilando entre super proteção e limites.

Esse foi um comportamento que eu percebi, mas que eu consegui tirar, entendeu?

E ele levou bem, não teve outros tipos de reação que eu pudesse ter percebido, porque eu presto muita atenção. E não teve não, ficou normal.

Para ela é importante acreditar que a criança não teve seqüelas, parece que já carrega muita culpa, a negação, neste caso serve de recurso a um ego já bastante fragilizado.

- Presença no enterro

Localizar a filha enterrada como indigente em cova rasa e já decomposta foi de uma violência extrema.

Foi aí que eu, que eu consegui achar, ela já estava decomposta, com duas [...] tinha umas duas ou três balas e só tinha o cabelo dela que eu reconheci, e a arcada dentária, entendeu, os ossos, mas não tinha mais nada. Porque, como é indigente, é cova rasa né, então, em um instante se decompõe.

Foi uma coisa muito ruim, porque ela foi enterrada como indigente, estava cheia de tiro, entendeu.

Foi assim, nós tiramos o corpo, mas também foi uma maratona, porque você não consegue ir lá e pegar um corpo, entendeu. Porque como indigente, teve muito trabalho, muito trabalho até eu conseguir, agora está enterrada lá no cemitério de C. F., entendeu.

Só depois de muita luta conseguiram levar o corpo e enterrar no local onde desejavam. Devido às circunstâncias e também obedecendo ao próprio desejo, a avó não levou a criança ao enterro.

Porque não tinha por que eu trazê-lo, entendeu. E, eu não me lembro se nessa época ele já sabia do falecimento, eu acho que não.

Nesta época a criança ainda nem sabia que a mãe estava morta.

- O luto da avó

No contexto desta entrevista é muito importante tentar compreender o luto desta avó.

Eu fiquei deprimida porque eu ficava assim me achando culpada, achava que eu podia ter feito isso, ter feito aquilo. Mas eu tentei, eu tentei demais fazer a minha filha largar esse cara. Eu pedia, eu conversava, eu até mandei ela para Minas, mas não adiantou. Quando eu via estava ela ligando para ele, falando com ele.

Este luto é tão proibido que foi apenas depois que desliguei o gravador que a entrevistada pôde falar mais abertamente de sua tristeza e, principalmente, da culpa que sente, apesar de , como mãe, ter tentado alertar a filha e separá-la deste rapaz diversas vezes. Em seu processo de luto, o elemento culpa toma uma dimensão muito grande, talvez por isso esse luto tenha sido proibido a todos da família. Dessa morte não podiam falar, sentir, chorar, tudo remetia à suposta responsabilidade da avó.

Dadas as circunstâncias da morte, tudo encaminha R. para um processo de luto complicado: o desaparecimento, a morte súbita e extremamente violenta, morte invertida, ausência do corpo. Além disso, R. viveu um período de ameaças constantes e reviravolta em sua vida, largou o emprego, mudou de casa inúmeras vezes, fugindo, escondendo-se, como se o criminoso fosse.

Ele andou me procurando, ele liga lá para o meu trabalho, liga não, manda ligar. Tanto que eu não trabalho mais, entendeu. Porque até hoje ele faz ameaças, muitas ameaças para mim, eu sei disso. Ele falou: “olha, eu tirei a sua filha, vou tirar o seu filho”, entendeu. “Porque eu estou aqui e eu tenho todo o tempo do mundo. E quando eu conseguir lhe pegar, a senhora não vai morrer direto não, a senhora vai ver o que eu vou fazer com a senhora”, entendeu. “A senhora vai pedir para morrer e não vai morrer”. Então isso tudo eu tenho gravado na minha cabeça, porque até então eu falava com ele e as ameaças eram muito fortes, e eu sei realmente que ele faz porque bandido faz mesmo.

Aí a minha vida mudou, eu tive que sair do serviço, tive que vender meu apartamento, meu e da minha tia. A minha tia [...] a gente que tinha uma vida sossegada, por conta disso tivemos que praticamente fugir, como se fôssemos os condenados, entendeu.

Depois tive que sair fugida, né. Porque, porque se não ele ia me matar.

Mesmo vivendo todo esse terror psicológico, R. não esquecera que tinha alguém ali que precisava muito dela. Ter alguém para cuidar, especialmente alguém tão dependente de cuidados como uma criança, pôde ajudá-la a continuar de pé e não sucumbir, mesmo diante de tamanho sofrimento.

Eu fiquei deprimida, eu fiquei muito deprimida. Foi mesmo o M. V. que me ajudou a levantar.

O cuidado é, quase sempre, uma via de mão dupla, sendo difícil precisar quem cuida de quem. O neto, mesmo muito pequeno e sem saber o porquê, percebe o sofrimento da avó e a acolhe.

Eu chorei e ele ficou olhando só, mas eu chorei e ele não, não sabia porque eu estava chorando. Ele ficou só olhando, aí veio me abraçar também, ficou me abraçando mas não chorou não.

Ter o M.V. para cuidar foi o que motivou R. a continuar a viver.

- A questão dos papéis

Numa superposição de papéis, a avó também vira mãe.

[...] ele falava a R., ele fala: “essa é a R. né mãe?”[...] Eu falei: “é a R., a sua mãezinha, a minha filha, que foi para o céu, e você é meu netinho, que agora eu sou sua mãezinha.

Eu falei: “essa aqui é sua mãezinha, a R., que foi para o céu e pediu para a mamãe tomar conta de você, para a vovó tomar conta de você. Então agora eu sou sua avó e sua mamãe.

Bowlby (1985) já dizia que desde que exista uma determinada figura materna com a qual a criança possa se relacionar e que desempenhe para ela o papel de mãe carinhosa, com o tempo a criança acabará por aceitá-la e tratá-la como se fosse sua própria mãe.

- Perda dupla

R. não suporta a idéia de ver o neto sofrer e tenta preencher toda ausência que este poderia experienciar com a perda dupla de mãe e pai, correndo o risco de tornar-se super protetora.

E o homem também gostava muito da criança, ele era assim, o M.V. fazia o que queria. O pai, o homem que eu falo é o pai.

Ele nunca mais viu o pai, mas já viu em uma foto.

Ele está condenado, eu condenei, teve audiência, teve julgamento, eu achei que foi pouco a condenação, onze anos, mas ele já estava lá por mais coisas.

A justiça condenou M. A. à pena de prisão pelo crime que cometera, condenação que foi considerada pouca diante da devastação nas vidas de R., sua filha e seu neto. R. o condenou também, M. A. nunca mais veria o filho.

4.3. Compreendendo a entrevista 3

A terceira entrevista foi concedida pela mãe de um garoto, hoje com dez anos de idade, que perdeu o pai aos oito anos em uma tentativa de assalto seguida de morte por arma de fogo. A mãe é advogada e católica não praticante.

Minhas impressões sobre a entrevista 3

Esta foi a entrevista com o menor intervalo entre a data da morte e a de sua realização. A entrevistada me pareceu muito calma e foi bastante solícita. Em alguns momentos, precisou brincar e sorrir, talvez para amenizar a dor e o sofrimento que recontar este episódio ainda provoca.

- A espera

A morte que foi violenta e inesperada, contraditoriamente, exigiu um período de espera

E que era por isso que eu tinha que ficar muito tempo longe, fora, porque o pai dele estava no hospital.

- Ausência de despedida

Diante do estado em que se encontrava o pai - o tiro na cabeça produziu inchaço e deformação -, a mãe teve dúvidas se deveria ou não levar o filho para vê-lo.

[...] na verdade eu estava muito confusa, né, porque eu não sabia se tinha que levar na UTI, se não tinha, mas eu não era a fim que ele visse aquela imagem porque ele era muito chegado no pai e o pai estava muito feio, sabe [...] Então eu não o levei na UTI para ver.

[...] que ele não podia ir porque era na UTI, que era um lugar em que a gente não podia ficar entrando e que criança não podia entrar e, e no primeiro momento eu falei isso. Na verdade, o pai dele estava em coma, né. Então por isso também eu nem pensei em levá-lo lá porque além de estar em coma, o tiro foi na cabeça, então ele estava absolutamente deformado [...] é um inchaço anormal, então é uma coisa que você não reconhece quem é.

Apesar da dúvida sobre se deveria ou não levar o filho para visitar o pai na UTI, a vontade de preservar a imagem que ele tinha do pai ainda vivo e saudável fez com que ela não o levasse ao hospital.

- Comunicando a morte: três momentos

Como, inicialmente o quadro era de coma, a mãe apenas explica ao filho sobre o acidente e sobre onde o pai está.

Então eu contei só a parte da batida no muro, falei que ele tinha batido, tinha um acidente, uma batida forte em um muro, que ele estava em estado muito grave, que estava na UTI do hospital, que era um local onde ficavam as pessoas que estavam com um problema muito sério mas que ele estava sendo muito bem cuidado e que eu não sabia o que ia acontecer com ele mas que estava sendo muito bem cuidado.

Ao ser confirmada a morte cerebral, depois de um período de espera de cinco dias, a mãe, então, conta à criança que o pai morreu vítima de um acidente de carro.

Então quando eles finalmente me disseram que seria considerada a morte cerebral aí sim eu contei para o P., mas eu contei para o P. só que ele, que o pai dele tinha morrido. Eu entrei no quarto com ele, não deixei ninguém da família entrar, ficamos nós dois, aí eu falei para ele que [...] eu voltei na história do acidente que tinha sido muito grave e que tentaram, fizeram de tudo, mas que não conseguiram salvar e que ele tinha falecido.

Faltou “cabeça” para falar da tragédia que é a violência urbana. A mãe estava passando por um sofrimento muito grande, por isso tinha dificuldades em falar do assunto. Aliada às suas próprias dificuldades estava a vontade de minimizar o sofrimento do filho, poupá-lo de tanta violência. Dosar a informação foi a maneira encontrada para lidar com a situação de forma a abrandá-la, na medida do possível, trazendo um fato difícil de cada vez.

Porque, logo que o pai dele morreu, eu não tinha cabeça para nada, então eu falei, não eu agora vou falar isso, e, mas eu sabia que eu tinha que contar, que ele não podia descobrir isso [...]

Mas a mãe sabia que era responsabilidade sua dar a notícia completa e também temia que o filho acabasse descobrindo por outros, então, à sua maneira, e a seu tempo, acabou fornecendo a notícia por completo, com toda a carga de violência presente no acontecimento.

Então, o que quê eu falei para ele, eu falei que realmente que o pai dele tinha tido uma batida forte com o carro e que tinha batido no muro, do jeito que eu falei, mas que essa batida forte foi porque tinham tentado assaltar e ele tinha tomado um tiro e ele fez assim “nossa, mãe, mesmo?” e tal, mas não ficou bravo, não ficou, sabe? Ele só fez “nossa, mãe, mesmo?”, tal.

- A reação da criança: cuidado e medo

Ao receber a notícia, a reação imediata da criança denota desespero. Segundo Bowlby (1982), a uma perda inesperada, segue-se uma fase de protesto, caracterizada por choro e agitação intensos, tal como demonstrado por P.

E aí ele começou, ele berrou muito, ele tinha uma relação muito intensa com o pai, ele berrou, chorou, ficamos abraçados.

[...] ele chorou muito, gritou muito quando soube, mas depois parou, acabou.

Após esta descarga, a criança procura conter sua dor, segura o choro na frente da mãe, é como se fizesse de tudo para “recuperar-se” rápido e cuidar dela.

Aí a reação dele foi assim de, de cuidar de mim [...] ele não me deixava vê-lo chorar, ele não me deixava [...] Foi uma coisa assim de, de não me deixar sofrer, então ele ficou durão por um bom tempo, inclusive.

[...] ele teve uma coisa, uma ligação muito forte comigo, ele faz tudo para não me ver chorar [...]

[...] se ele percebe que eu dei uma caída ele já [...] corta a coisa, né.

Dadas as circunstâncias, acaba desenvolvendo um apego muito forte à mãe e medo da violência.

Então, ele é um pouco assustado, ele quer que a luz do corredor fique acesa, não a do quarto dele. E assim, fica acesa, mas a porta dele fica encostada, é só para ter um, um, uma luzinha mesmo. Não vi, não vejo nada em excesso, percebo que ele é um pouco assustado.

[...] eu sempre tenho que dizer aonde eu vou, com quem eu vou, com quem eu estou falando. É, eu falo para ele que eu vou chegar às nove, se eu não chego, nove e meia ele já “mãe aonde é que você está?” Mas nada assim [...] não vejo uma tensão muito grande nele, mas eu vejo que ele me cerca, que ele me cuida. Que ele tem assim, até um medo, né, porque só sobrou eu né, então.

Perder a mãe, na cabeça desta criança pode significar ficar sozinho no mundo, uma vez que o pai já não está mais presente, por isso, tanto zelo, tanta preocupação e tanto medo, que também estão presentes na mãe.

[...] vejo uma coisa assim, de protecionismo muito grande comigo e medo, eu e ele, de faróis e entrar em casa e sair de casa, os dois têm pavor.

Outra coisa, eu tenho pânico de avião, mas isso eu já tinha, então meu filho vai para a Disney, aí estava pensando se eu ia com ele ou se mandava ele com a minha irmã, que minha irmã vai também levar o filho. Aí minha irmã virou para mim e disse: “olha se o avião cair, você prefere estar lá com seu filho?”. Então, resultado, já vou para a Disney.

A -5.4((n,p)/TT8 -5.6(m)7.8(a)n)-32(i0)]TJ/32(-5)8.3(m)9.54gi0 11.67t.g

Amadurecido, comporta-se como um adulto em miniatura, mas não deixa de reivindicar seu lugar de criança.

[...] da última vez que o meu pai falou, ele virou para o meu pai e falou “mas a criança aqui sou eu, vô; ela que tem que cuidar de mim.

Outras vezes, apresenta comportamentos regressivos e age como um menino mimado, aproveitando os ganhos secundários à sua perda.

Então, eu acho até que ele fazia meio de charme, ele é assim, ele fez muita coisa, ele usou bastante, eu acho que até é inconsciente porque ele é muito bonzinho, mas ele usou bastante essa história da morte do pai dele para conseguir muita coisa comigo, e conseguiu muita coisa comigo até. Na verdade, ele é bem mimadinho.

É lógico que o P. sempre vai ter paparicos, né, todo mundo trata o P. assim, lembra né, sempre lembra e, e [...] certas coisas, certos momentos ele tem lá as regalias dele.

Neste movimento oscilatório, ora é o que cuida, ora é o que merece cuidados.

- A contra-mão do cuidado

Da mesma forma que a criança evitava chorar na frente da mãe, para poupar-lhe sofrimento, a mãe evitava, por sua vez, demonstrar fraqueza na frente do filho. Esta mútua proteção leva a uma conspiração do silêncio: ambos fingem não estar sofrendo e, assim, não podem falar um com o outro das dores que os afligem.

[...] assim, ele me pegou em várias situações chorando [...] de repente alguma coisa acontecia, eu não, não, não segurava, mas [...] eu, eu evitei bastante. Eu evitei bastante, era uma coisa que ele pegou várias situações, mas que eu evitei bastante.

Parece que um responde às expectativas do outro, de ser forte, não sofrer, seguir em frente.

- Igual ao pai

A criança acaba desenvolvendo uma identificação forte com o pai.

[...] ele é igual ao pai dele, aquele que todo mundo gosta, que faz o maior sucesso, sabe? Cheio de amigo.

É capaz de lembra-se com detalhes e sempre faz referências ao pai.

E depois disso, assim, ele fala do pai, sempre falou, é incrível porque eu achei que ele ia dar um, um apagão porque oito anos, não sei, né. Mas ele lembra de tantas coisas e tantos detalhes, em qualquer situação que tenha uma situação parecida que tenha acontecido com o pai ele já vai “lembra mãe aquela vez que o papai isso, que o papai aquilo?” Então ele fala muito do pai mas ele não chora, ele não mostra tristeza [...]

[...] a gente sempre fala coisas do tipo: “é, estou com saudades do papai”, “o papai me faz muita falta”, ele fala que também faz para ele, inclusive nessas datas, em especial, a gente fala mais, entendeu? Sempre rola isso, mas é bem contido, mas sempre acontece, mas é mais eu que puxo do que ele no espontâneo que vem e fala “ai! Mãe, estou com saudade do meu pai”, não, ele no espontâneo conta casos sempre engraçados, porque o pai sempre tinha muita coisa engraçada, então é sempre uma referência engraçada, uma referência alegre do pai. Quem fala “ai! Eu estou com saudade do seu pai” e tal, sou eu, não é ele não.

Mãe e filho conversam de maneira bem contida sobre o pai, sobre a falta que sentem dele, mas a primeira é sempre mais ativa nestas conversas, é quem as propõe. O filho parece respeitar a premissa de não levantar sofrimento adicional à mãe, de protegê-la. Quando fala do pai é de forma alegre, tenta amenizar a situação, afastar a dor, além de ficar mais parecido com o pai, que tanta falta faz aos dois.

- É duro recordar

Recordar não é uma tarefa fácil, muitas vezes evoca sentimentos com os quais temos dificuldades em lidar.

[...] ele (a criança) não vai comigo, ele (o pai) foi cremado e ele (o pai) foi jogado, as cinzas, num morro na praia, nas pedras ali tem um caminho que vai para o mar que era um lugar que a gente sempre ficou muito, então na época assim de aniversário, finados e tal, eu vou para lá, ele (criança) não vai comigo e, assim, ele se desculpa, ele fala “mãe, desculpa, eu não consigo, é muito difícil para mim”. Parece um adutozinho falando, um anão. “Me desculpa, é muito difícil para mim, eu não consigo”. E, e não vai, não vai, não foi nenhuma vez.

Certas datas comemorativas são muito difíceis para a família enlutada, as primeiras festas de fim de ano sem a presença do seu ente querido, o aniversário do parente morto, etc.

Logo que ele morreu, veio o natal, o ano novo, eu não fiz nada de coisas que [...] do tipo vamos fazer um minuto de silêncio para o M., ou coisa parecida, eu não fiz nada disso. Não tive, assim [...] deixei a coisa bem [...] foi bem difícil, não conseguia lidar muito com isso, sabe. Tipo assim, a minha terapeuta me falava que eu tinha que no natal é, virar e falar vamos pensar no seu pai, eu tentava fazer isso mas era uma coisa muito rápida, eu não conseguia parar muito nesse assunto sabe. Então, nas épocas assim de festa e tal eu [...] falava assim rapidamente “ah! Vamos pensar no papai” e tal, não sei o quê, mas fugia um pouco, fugia um pouco desse, desse assunto.

Nesse caso, o dia dos pais era a data mais difícil, senão para a criança, pelo menos para a sua mãe. Na escola as crianças são solicitadas a fazer lembranças para os seus pais nesse dia. P. nunca deixou de preparar o presente do pai, mas, depois o deixava jogado em casa. Ao mesmo tempo em que parecia não dar a mínima atenção para a lembrança feita, recusava-se a dar para qualquer outra pessoa.

Quanto à participação da escola, parece que o diálogo mãe-escola acerca da perda sofrida por esta criança foi um tanto quanto restrito.

Ah! Dia dos pais é uma droga porque na escola fazem presente para os pais. E eu conversei lá na orientação e elas disseram que não iam forçar, que iam deixar ele bem à vontade para decidir se queria ou não participar. Não sei se

elas falaram isso para mim e depois induziram, mas eu sei que ele sempre fez. A professora dele ano passado era uma amiga minha, então ela disse que ele queria, ele topava fazer mesmo e que ela falava “ah! Dá para alguém que você gosta”, mas ele nunca deu para ninguém.

[...] teve um que era, um era loção pós-barba e tal, eu deixei jogado mesmo, mas teve [...] não, teve um que era hidratante e sabonete aí ele me deu, mas ele me deu porque eu cutuquei, eu falei: “pô! Dá para mim, meu. Você fez, você quer dar para alguém? Você pode dar para o seu avó, você pode dar para o seu tio, o seu padrinho, né, mas se você não quiser dar para ninguém dá para mim” aí ele dava.

[...] eu não sei se para ele, mas para mim a comemoração mais dura sempre foi dia dos pais.

Outra questão que assolava essa mãe era o fato de ela ter pai, ao passo que seu filho não tinha, o que invertia a ordem natural das coisas.

P. precisava se desligar de toda essa dor em alguns momentos, talvez por isso tenha evitado locais, eventos e pessoas que pudessem evocar a tristeza relacionada à morte do pai. Essa foi a sua maneira de despistar a dor, fechou os olhos, “dormiu”, para não sentir a dor e o sofrimento.

Na missa de sétimo dia ele entrou comigo, deitou no meu colo, eu tenho certeza que ele fingiu, fingiu que estava dormindo, saiu carregado, dormindo, para não falar com ninguém, para não ver ninguém.

- Velório e cremação

P. foi consultado e esclarecido, pela mãe, sobre sua presença no velório.

[...] não foi, ele não foi na cremação, ele não foi no velório. Eu liberei bem para ele [...]

[...] e no enterro eu perguntei, mas não insisti, falei para ele que, é, assim, ele nunca tinha ido, né, então eu expliquei como é que era e como que ia estar o pai dele e tal e ele falou que não, ele falou assim, parece que, coisas que, de um jeito que ele já tinha ouvido em algum lugar, ele falou: “não, eu quero lembrar

do meu pai do jeito que ele era”, ele não foi. No crematório eu nem, nem falei, porque, não sei, você já foi num crematório? É horrível, então eu nem falei nada, graças a Deus, porque foi um terror.

Optou por não ir, pois queria conservar a imagem que tinha do pai quando vivo. Provavelmente, aquela com que veio a se identificar, a de um cara engraçado, cheio de amigos e cheio de vida. Imagem que tanto contrastaria com a do pai morto, deitado em um caixão e ainda mutilado.

- A tentação de fugir

Frente à tamanha dor e sofrimento, M. também se sentiu tentada a fugir.

[...] eu fiquei morrendo de medo de ceder à tentação de me enfiar na casa dos meus pais e não sair de lá, né. E não é o meu perfil. Ele morreu e eu não fiquei nem até a missa de sétimo dia, saí antes, saí antes. Foram os cinco dias que eu, na verdade eu não fiquei lá, eu fiquei vinte e quatro horas por dia no hospital. Eu não fiquei em lugar nenhum, meu filho ficou lá durante os cinco dias.

Com a perda repentina do marido, M. perdeu seu chão, não sabia mais qual seu lugar no mundo, não lhe sobrara lugar algum. Mas M. não sucumbiu e após um breve “ataque de loucura”- em suas próprias palavras -, voltou à sua rotina normal.

Então, esse um dia dessa confusão, eu fiquei nos meus pais, agi que nem uma louca, eu me enfiei num shopping e falei que eu precisava de roupa nova e branca e comprei um monte de roupa.

Roupa branca? Estaria M. fugindo ou negando o preto, cor que em nossa sociedade remete ao luto? Neste contexto de negação, M. busca algo com o que se ocupar, o trabalho pode vir a ser um lugar de fuga e desligamento.

[...] eu voltei a trabalhar [...] não tinha um mês, uns quinze dias depois eu voltei a trabalhar, mas aí eu não ficava o dia inteiro, eu fiquei bastante com o P., né. Aí já fechou aqui [...] Então eu, eu enrolei um pouco até fechar, aí fechou eu já saí de... já fiquei fora, né. Eu voltei a trabalhar mesmo, o M. morreu em vinte e

quatro de novembro, eu voltei a trabalhar mesmo dez de janeiro. Mas aí era férias então o P. já ficava na casa de um, na casa do outro, eu tenho gente em tudo quanto é canto, então ele ficou na praia, ficou também em Ribeirão, parece, alguns dias. Aí depois quando começaram as aulas aí vida normal [...]

Poder contar com uma rede social de apoio propiciou a M. esta volta à atividade e, conseqüentemente, a uma vida mais “normal”. A participação e a colaboração da família extensa, no período pós-morte, foi muito importante para mãe e filho.

- O apoio da família

M. dispõe de uma família extensa e unida. Diante de sua tragédia, todos se prontificaram a ajudar.

[...] aí já entrou meus pais, todo mundo que estava do lado de fora, de fora da porta, né, estava a família inteira.

[...] o P. tem um monte de primo [...] e a gente catou todo mundo, estava todo mundo na casa, a casa parecia um clube de, de férias, a casa da minha mãe [...] todo mundo lá, né. Então eu tenho e impressão que isso deu assim uma, uma segurada nele.

Até mesmo o mais novo membro da família, um bebezinho, deu a sua contribuição. Sua cunhada foi passar uns dias na casa de M. com o bebê, pois acreditava que este poderia distrair um pouco tanto ela quanto P. e, talvez, amenizar o clima de tristeza.

[...] um suporte enorme, família toda paparicando, nunca fiquei sozinha um minuto [...] a mulher do meu irmão pegou o bebê e foi ficar na minha casa, se enfiou lá, ficou lá uns dez dias. Ela dizia que o bebê ia fazer bem [...] distraiu bastante, não só a mim como ao P. também, aliás, essa menininha é o xodó do P., talvez até meio que por causa disso.

A presença do bebê possibilitou lembrar e celebrar a vida, mesmo mergulhados em dor e sofrimento.

- A terapia

A terapia ajudou e ainda está ajudando M. a superar o que lhe aconteceu, mas, nem sempre, o que é bom para um é bom para o outro. A mãe buscou auxílio terapêutico para enfrentar a situação e ofertou também ao filho, mas soube aceitar sua recusa.

Olha, tanto é que ele não fez terapia, embora eu tenha tentado, com a minha terapeuta, mas ele não quis, ele não quis. Então, eu o levei para a, a minha terapeuta, ele não falou nada com ela, ela tentou puxar, saímos da terapia ele falou que ele não queria fazer. E eu não forcei a barra porque eu fico de olho no seguinte, ele não briga com os amigos, não tem problema na escola, nem de aprendizado e nem social, sabe.

É estranho que a mãe tenha buscado auxílio terapêutico para o filho se não enxergava nele sintomatologia alguma. Será que todas as crianças que perdem um dos pais em idade precoce necessitam de terapia? Será que P. não teve sintomas ou teve seus sintomas controlados? E quanto ao apego muito forte à mãe, o medo, as “explosões”, não seriam indícios de que as coisas não iam bem?

E [...] assim [...] ele não teve, não foi mal na escola, não teve problema de relacionamento [...] Não vejo [...] mas vejo uma coisa assim, de protecionismo muito grande comigo e medo, eu e ele, de faróis e entrar em casa e sair de casa, os dois têm pavor.

Mas assim, o P., o P. ele é um menino super explosivo, quando ele explode, explode mesmo, mas demora para ele explodir e quando ele não explode, ele é um doce.

Nossa como eu estou me contradizendo né, porque ele é tão bonzinho, mas ele é bem mimadinho.

M. reconhece sua contradição ao falar de P., doce *versus* explosivo, bonzinho *versus* mimadinho. Usa o diminutivo com a intenção de minimizar as coisas, dizer que ele não tem problemas.

Eu tenho uma amiga que me fala que no futuro que eu vou ver se eu tinha que ter levado ele para a terapia ou não, mas eu não quis forçar a barra não. Não quis porque eu acho que ele está encarando bem, acho que ele encarou melhor que eu, sabe. E eu não queria [...] porque forçado [...] eu deixei bem claro para ele que ele podia a qualquer momento, que era legal, que era gostoso, que eu gostava porque eu tinha alguém com quem falar, alguém estranho, deixei tudo isso bem claro, o P. é bem esclarecidinho para a idade dele. Mas eu não queria que [...] deixar uma coisa como forçado, para ele não ter essa imagem dele mesmo de que ele precisa fazer terapia, de que ele não está bem, entendeu, eu deixei assim, se você não estiver bem, você me fala.

Mas a possibilidade de buscar ajuda permaneceu aberta e a critério de P.; caso sentisse que gostaria de fazer terapia, bastaria comunicar, a escolha era sua e poderia ser feita a qualquer momento.

- O luto da mãe

Nunca estamos preparados para a morte, as repentinas e violentas têm um potencial ainda maior para gerar um luto complicado.

O meu marido faleceu em 2004. Ele [...] foi vítima de uma tentativa de assalto, ele acabou levando um tiro na cabeça.

Fiquei muito mal, estou muito mal até hoje, tomo antidepressivo até hoje.

Então, para mim foi um choque violento porque ele não estava doente, ele não tinha nada para morrer, né. Foi uma coisa, “amor olha vou demorar um pouco” e, e não voltou, né. Então ficou aquela coisa de faltar uma despedida, tive uma coisa assim de culpa, é de coisas que não foram ditas.

A culpa a persegue, mesmo quando nada de diferente poderia ter sido feito. Entre outras coisas, culpa-se por não ter sido mais compreensiva com o marido, três anos antes, por ocasião da morte da mãe dele.

- Mais violência

Como se não bastasse toda a violência do assassinato do pai, a família ainda foi vítima de falso seqüestro, o que acabou provocando uma mudança brusca de endereço.

[...] depois nós tivemos a história do seqüestro relâmpago. Uns três meses depois ligaram dizendo que estavam com uma arma na cabeça da minha irmã. Não era verdade, era esses trotes [...] Ligaram para mim, ele estava do meu lado [...] eu paguei, porque eu tinha acabado de perder o meu marido com um tiro na cabeça e eles disseram que a minha irmã estava com uma arma na cabeça.

Então o que eu fiz; nesse mesmo dia eu liguei para uma daquelas empresas que embalam tudo [...] e mudei no dia seguinte de manhã, ele não deve ter acreditado, né. Essa história aconteceu na sexta-feira ao meio dia, no sábado ao meio-dia estávamos na casa nova, telefone trocado, com tudo mudado, né.

Mas, na época, talvez ele tenha dado uma balançada, porque foi aquela coisa de vamos sair correndo daqui, porque os caras ligando, eles sabiam meu endereço, da minha família, eles sabiam muita coisa, sabe, mais do que o normal.

4.4. Compreendendo a entrevista 4

Esta entrevista foi concedida pela mãe de um garoto de sete anos, que perdeu a irmã de onze, há, aproximadamente, três anos, como consequência de um acidente provocado por escapamento de gás. F. é psicóloga clínica e declarou-se sem religião.

Minhas impressões sobre a entrevista 4

F. pareceu muito tranqüila durante todo o curso da entrevista. Como psicóloga, por vezes, citava determinado acontecimento ou comportamento presente no filho e dava sua interpretação do fato. Vale ressaltar que o tema da morte é relevante para F. que, em sua atuação profissional, tem se dedicado ao estudo deste assunto, bem como à prática em hospitais.

- O dia do acidente

A morte de G. foi completamente inesperada, ela chegou da escola, almoçou com os pais e foi tomar banho, o acidente acontece neste momento e a menina acaba falecendo. Seu irmão mais novo, A., não estava em casa, acabara de sair para a escola. Os pais optaram por mandá-lo para a casa de um parente, ao término da aula.

[...] o A., ele acabou participando pouco da coisa no dia, porque da escola ele já foi para a casa de uma pessoa [...] Então, eu só fui ver o A. no dia seguinte.

Desta forma, A. acabou não participando de nada no dia do acidente e apenas veio a saber da ocorrência do mesmo no dia seguinte.

- Quanto à presença no velório

Como A. não participou dos acontecimentos no dia do falecimento da irmã, também acabou não indo ao velório.

[...] ele não viu o sepultamento, na verdade ele não viu o velório, não foi sepultamento, ela foi cremada.

Talvez, por esse motivo, recorrentemente faça perguntas sobre o assunto. Quer saber por que as pessoas são enterradas, como se enterra, etc. É como se faltasse uma parte do processo, possibilitando apenas uma compreensão parcial do acontecimento.

Mas ele, vira e mexe, ele ficava perguntando ainda sobre coisas [...] sobre o dia, como aconteceu e a gente nunca escondendo nada, à medida que ele ia perguntando a gente ia falando. E depois, muito sobre o que quê acontece, se enterra, como é que enterra, é, uma coisa assim. Quando foi ano passado, uma pessoa da família, uma pessoa afastada, faleceu e aí eu o deixei, acho que na casa de alguém ou com alguém, não me lembro. E aí, ele falou assim: “aonde é que você foi?” eu falei assim: “eu fui no enterro do Gil, o avô da Babi morreu, a mamãe e o papai foram lá”, ele falou assim: “por que você não me chamou para ir?”, aí eu falei assim: “no Gil, filho?”, daí ele: “mas eu queria ir.

Quer saber o que aconteceu com o corpo de sua irmã, já que não pôde estar lá para ver.

Cobra da mãe que satisfaça a sua curiosidade levando-o ao enterro de alguma outra pessoa.

Aí eu fiquei com aquilo na cabeça, assim, não foi no da irmã, não viu como é essa história. E aí, um tempo depois, uns dois meses depois, morreu a sogra de uma pessoa muito amiga minha, e aí, eu fui, não tinha com quem deixar, mas eu achei que era a oportunidade de levá-lo e realmente, assim, ele precisava ir em um enterro. Para mim ficou claro como foi importante ele ter ido, ele se comportou como um rapaz, assim, investigando e, ao mesmo tempo, consolando as pessoas. Foi meio a sensação do enterro, né, porque ele tem uma cara, assim, meio madura, então, ele chegava lá no corpo, ele ficava na ponta do pé para olhar e ia ver uma coisa, ia ver outra e aí, na hora de sepultar mesmo, de enterrar, ele ficou lá na frente com os familiares, a gente lá atrás, ele foi para lá para ver como é que enterrava, e falava e perguntava. Enfim, e aí, todo mundo: “nossa! Mas ele é tão pequeno para estar aqui!”, porque as pessoas criticam um pouco isso, inclusive, depois, na minha família, isso deu história, porque eu era doída de levar o menino mais uma vez para ver uma coisa assim. E aí, na volta, né, aquela coisa assim, de todo mundo voltar meio cabisbaixo e tal, e ele de mão dada com essa minha amiga, atrás de mim, e eu ouvindo ela chorando, e ele assim: “Leo, não chora por causa disso, isso é coisa da vida, isso é uma coisa da vida, todo mundo morre, até criança morre, a minha irmã morreu” [...] Isso foi ano passado, foi agosto do ano passado. Ele estava com seis, ele fez sete agora, estava com seis. Então; “isso é coisa da vida, até criança morre”, então, tipo assim, imagina uma pessoa idosa. Enfim, me surpreendeu e eu achei, assim, como foi importante para ele, assim, finalizou essa história, ele não pergunta mais o que quê enterra, o que quê não enterra, como é que faz, como é que não faz.

No enterro A. investiga tudo, como uma criança curiosa, mas também se comporta como um adulto, consolando os outros presentes. Satisfeita sua curiosidade, resta se resguardar, apontando como ele quer que aconteça com ele quando chegar a sua hora; coisa muito estranha para uma criança de seis anos pensar, não fosse todo o contexto vivido.

Às vezes, ele fala assim, como é que ele quer que seja com ele. Mas, não fica perguntando, assim, como é que é, como é que não é. Ele fala que quer ser enterrado, porque eu acho que ele viu. E aí, assim: “mas o da G. mesmo, como é que foi?”, eu falei: “o da G. foi cremado, você até participou depois quando a gente foi jogar as cinzas”. Aí depois ele oscilava: “não, então, vou querer ser cremado também, não, então, não quero ser cremado”, aí de vez em quando fica uma coisa assim [...]

Seria melhor um enterro, como o que ele pôde presenciar, ou ser cremado, como aconteceu com a irmã, mas ele não viu?

- Comunicando a morte

A mãe fazia questão de transmitir a notícia ao filho, ela mesma, acompanhada do marido.

[...] porque eu queria que eu contasse, eu não queria que ninguém contasse, né.

Mãe e pai juntos dão a notícia à criança. A comunicação é bastante simples, curta e direta, sem metáforas ou cunho religioso, para não dar margem a algum risco proveniente de uma comunicação dúbia.

assim: “olha ela [...]” - meu marido é médico - “papai chegou logo depois, mas, não foi possível fazer nada, não deu mais tempo e, enfim, ela morreu”. Aí ele abaixou a cabeça e deitou aqui no meu ombro, a gente o abraçou, choramos juntos. Eu acho que foi uma forma muito direta, acho que ele recebeu dessa forma também.

Então foi isso, foi uma forma assim, muito direta, foi a única coisa que me veio na cabeça, era que eu não queria [...] não queria fantasiar, não queria passar para ele a idéia de que vai e volta, não sei se é porque eu tenho uma visão muito dura, então para mim era isso, nem me passou outra coisa pela cabeça.

A morte da irmã foi algo completamente inesperado, tamanho choque teve, na criança, o efeito provisório de consertar seu problema na fala.

Uma coisa também, o A., quando ela morreu, tinha esse problema de fala e tal, logo que ele recebeu a notícia ele consertou completamente a fala dele, ele falava direitinho [...] Aí, depois, com o tempo, ele voltou a falar errado de novo, a trocar uns fonemas e tal.

Mais tarde, a criança, como que insatisfeita com o pouco que lhe foi dito, começa a perguntar mais a respeito. Precisava saber mais, de mais detalhes, para tentar compreender e, quem sabe, aceitar. Queria saber como sua irmã morreu; se foi por causa do escapamento de gás, então, precisava de detalhes sobre como isso aconteceu.

Não contei como aconteceu. Mais tarde, ele começou a perguntar, alguns meses depois, ele voltava ao assunto, voltou ao assunto quinhentas mil vezes [...] Então ele voltava assim, é: “mas como foi mesmo que aconteceu?”. Aí eu contava, aí eu comecei a contar que foi no banheiro de casa, que ela chegou da escola, que ela foi almoçar, e aí ele começou... aí, que foi no banheiro, ela caiu. Passava mais um tempo, ele voltava, aí, assim, a gente foi dando mais detalhes, porque aí, ele queria saber, assim: “mas como é que é isso do gás? Por que que o gás mata?”. E aí a gente ia montando, assim, de acordo com o que ele ia perguntando, a história... Mas, acho que ele foi elaborando o luto dele assim, ia e voltava, né.

A curiosidade da criança era satisfeita à medida que novas questões lhe surgiam. A informação foi dosada, novos dados eram fornecidos à medida que a criança se mostrava disposta a recebê-los. Isso pode amenizar o impacto de uma notícia traumatizante, mas requer a atenção constante dos pais para o *feedback* da criança, que pode vir explicitamente, por meio de

perguntas, ou via comunicação não verbal. Nesse caso, a comunicação fluiu muito bem, pois os pais se mostraram abertos e atentos às necessidades da criança. A família falava praticamente todos os dias e abertamente sobre a irmã morta.

- Para além do concreto

A criança que recebeu a notícia de uma forma muito direta busca se ligar a alguma fantasia, busca algo para além do concreto. Talvez isso possa ajudá-la a absorver uma notícia tão dura.

Agora, ele, às vezes, traz essa coisa assim, de estrela, mas ele sabe que é uma estrela que não volta, que não tem mais a forma da irmã dele.

Algumas pessoas da família [...] as vezes eu ouço ele falar assim: “é mãe, porque virou uma estrelinha, né”, entendeu, as pessoas começam a falar muito isso.

Depois ficou uma coisa assim, a G. está no céu. Mas ele sabia que era uma coisa, assim, que realmente não ia ter volta.

Outras vezes, ele pedia para ir para a Igreja [...] E ele gostava de entrar na Igreja, de ver como é que era a Igreja, e às vezes, depois disso, depois da morte, ele trazia isso de querer entrar em Igreja.

O cruzamento de informações de pessoas com diferentes formas de pensar na morte e no que pode ou não ocorrer depois dela, aliado à necessidade da criança de se afastar um pouco da dura realidade que a atinge, pôde colaborar para uma tentativa de buscar alento ou refúgio na fantasia e na religião.

- Trazer de volta

A mãe diz que a criança recorre à fantasia, mas que sabe que da morte não tem volta. Esta permanência da perda foi enfatizada por ela ao falar da morte de uma forma muito concreta. No entanto, parece que a criança acredita que pode trazer a irmã de volta.

Ele ficou assim, os dois primeiros meses, talvez mais no primeiro mês, ele ficava assim: “mãe, eu vou com a minha espada, com a minha corda de homem aranha, vou jogar no céu e vou buscar a G. para gente”. E a gente falava que essa coisa de ficar no céu é uma forma da gente falar, mas que não dava para buscar, trazer do céu para cá de volta.

Se ela não pode, então, quem sabe seus pais. Afinal, para as crianças, os pais são a onipotência encarnada, eles podem tudo.

Agora, teve, há pouquíssimo tempo, deve ter um mês isso, me surpreendeu uma coisa que ele falou, ele estava tomando banho, eu deitada na cama, aí, daqui a pouco, ele saiu do banho de toalha amarrada e aí entrou no quarto, assim, mas a feição assim muito triste; Vanessa, de cabeça baixa e ele falou assim: “mãe, traz a G. de volta”. Eu falei: “eu trazer a G. de volta A.? Você acha que eu posso trazer a G. de volta?”, ele falou assim: “eu acho, porque você pode tudo, você pode”, eu disse: “a mamãe não pode tudo, se a mamãe pudesse tudo a G. não tinha morrido, eu não posso trazer a G. de volta, ninguém mais pode trazer a G. de volta”. Aí ele abaixou a cabeça, me abraçou e foi brincar, assim, brincar, mas, na dele, introspectivo. Foi a primeira vez, depois daquela coisa [...] de lançar, a coisa do homem aranha para buscar e não sei o quê, a primeira vez que ele trouxe uma coisa assim, alguém pode dar conta disso. Aí eu acho que foi, talvez, um segundo momento de falar da morte, mesmo, assim, não posso fazer isso, eu não posso tudo, se eu pudesse tudo ela não teria morrido, eu até falei: “você acha que eu também não queria que ela estivesse aqui?”

A onipotência paterna recebe um golpe fatal, o mundo deixa de ser o lugar seguro que sempre fora. Ninguém pode trazer a G. de volta nem tampouco pôde impedir que ela morresse, nem mesmo os pais.

- A perda da onipotência dos pais

Se meus pais não podem trazer a G. de volta e se também “não foram capazes de salvá-la”, conseguiriam eles cuidar adequadamente de mim? Parece ser este o pensamento que se instala na criança sobrevivente.

Uma outra coisa que ele também fazia muito, que eu acho que foi um pouco do que a gente falou para ele, que a gente não conseguia, não consegui salvar a G., que a gente chegou, fez o que podia ser feito, mas que não tinha dado tempo. Então, por exemplo, nessa época ele andava de mão dada comigo e tal, de repente ele tropeçava, aí [...] e eu segurava, né, ele: “ufa! Que bom que você conseguiu me segurar, não é mãe?” Eu falei assim: “é, estou de mãos dadas, dá para segurar”. Mas, essa coisa assim, do que quê a mãe consegue, do que quê a mãe não consegue.

Ele testa a capacidade da mãe de cuidar dele; tropeça para ver se esta é capaz de segurá-lo e impedir a sua queda. Para A., seus pais teriam deixado que sua irmã morresse, por culpá-los, torna-se agressivo com eles.

[...] uma outra reação que ele tinha também era assim, logo no início, muita agressividade comigo, então, eu acho que tinha uma coisa assim, tipo: como é que você não salvou a G., como é que você deixou isso acontecer, isso escapar assim.

- As brigas e a culpa

Assim é o relacionamento entre irmãos, marcado pela ambivalência: amam-se e odeiam-se, brincam e brigam todo o tempo. A., por ser tão pequeno, pode acreditar que seus sentimentos ruins em relação à irmã foram responsáveis pela sua morte, principalmente se desejou, alguma vez, que ela não existisse para ter para si toda a atenção dos pais. O pensamento egocêntrico e animista, característico das crianças neste período de desenvolvimento, contribui para que pensem dessa forma.

Ao mesmo tempo era para brigar, brigar, brigar, mas, ao mesmo tempo, era o apoio dele [...] Muito isso de irmão, as brigas, tinha um monte de brigas, ela até

falou uma coisa uma vez engraçadíssima, ela falou: “mãe, o A., ele só exerce a masculinidade dele comigo”, porque ele batia nela e, na escola, ele não batia, ele não é de bater, assim, ele tem pouquíssima agressividade até. Então, caíam nas brigas, uma confusão danada, mas, de noite, eles decidiam partir para a cama dela para dormir abraçado, eu ia olhar, estavam os dois abraçados. Irmãos, bem irmãos mesmo.

Parece, então, ora culpar os pais, ora culpar a si próprio.

No início tinha muito uma coisa assim, de culpa, ele falava assim: “mãe, eu brigava tanto com a G, não é?”, eu falava: “não, é porque irmão briga mesmo”. Aí ele falava assim: “mas eu a chamava de idiota”, aí eu falei: “ela também te chamava.

A mãe quer remover do filho o peso da culpa, mostra a ele que as brigas entre irmãos são comuns, que esta ambivalência é natural e inofensiva.

- Idealizando a irmã morta

A. tinha na irmã uma companheira e fiel escudeira, G. o protegia e o ajudava em suas dificuldades.

Era maternal, a G. era muito mãezona dele [...] Então, eu acho que a G. introduzia muito ele, chegava numa festa, a G. abria as portas e ele junto, ele usufruía dessa abertura. Ele agora já não tem isso, ele tem que forçar as portas, então eu acho que é custoso para ele, então eu via assim, em algumas festas, alguns lugares, ele via uma menina mais velha, ele ficava vidrado, ele olhava e tentava se juntar, mas as meninas não davam a menor pelota para ele, muito pequeno. Acho que ele queria resgatar um pouco do que ele tinha com a G.

Hoje A. tem de cuidar de si, sem a ajuda da irmã, tarefas antes simples tornaram-se custosas. Busca, em vão, por alguém que pudesse substituí-la. A irmã está, ao mesmo tempo, em todo lugar e em lugar nenhum, todas as meninas na rua remetem a ela, mas nenhuma é ela.

Então tinha essa coisa assim, às vezes, na rua, ele fala assim: “parece a G.”, às vezes, não tem nada a ver; às vezes, tem a ver realmente, eu falo: “nossa! É mesmo, igualzinha, loirinha, magrinha”. Mas às vezes não tem nada, eu falo: “é meu filho, você acha que é parecida com a G.?””, “é, um pouco, olha só, não sei o quê”, mas eu acho que não tem nada a ver.

G. era única, sua única e insubstituível irmã. A irmã perfeita, que estará sempre presente, é o que mostram suas histórias e seus desenhos, neles, A. representa-se tímido, pequenino, incapaz, enquanto a irmã é enorme, poderosa.

[...] ele falou assim: “vou contar história para você”, eu falei: “ah! Mas que idéia ótima!”. Eu achei que ele fosse ler, porque ele sempre que fica deitado, então pega um livro para ler, ele falou: “não, vou inventar da minha cabeça. Vou contar uma história da gente” [...] eu não me lembro mais qual era a história [...], mas era uma coisa assim, que incluía a G., tinha a G. no meio. Desenho, ele coloca a G. ainda, raramente, ele escreve, ele desenha nós três, sempre tem a G., outro dia, ele escreveu uma coisa que está até afixado na parede [...] ele botou assim: G. e A., G. e A., morte e vida, e pregou na parede do quarto dele.”

Outro dia ele fez um desenho, os dois de mãos dadas, os dois juntos, a G. enorme, ele pequenininho. Então acho que tem um pouco dessa coisa assim, do filho que morre, que é sempre um filho muito presente, pela dor.

Então, um

A. descobriu muito cedo que crianças morrem, por isso, tem medo de morrer também. Identifica-se com a irmã morta e teme que o mesmo aconteça com ele, o que requer atenção, principalmente, quando A. estiver aproximando-se da idade que G. morreu, o que pode aumentar o medo.

O medo de morrer leva à questão: quando morrerei? Quem decide? Quem sabe? Deus? E por que ele achou que estava na hora da G., quando será a minha hora? Estas são questões que passam na cabeça do menino A.

Um outro questionamento que ele ainda traz é: por quê Deus achou que estava na hora da G. morrer. Ele fala assim: “mãe, eu fico pensando, por quê Deus achou que estava na hora da G. morrer, por que quê estava na hora dela morrer?”[...] Então ele fica assim: “por que quê estava na hora?”

- As mudanças de comportamento

A. não teve problemas na escola, em casa, tornou-se mais agressivo, agitado. Talvez porque culpava a mãe por não ter salvado a irmã, despejava nela sua agressividade.

Eu acho que em casa, ele ficou mais agitado, mais briguento, o A. era muito briguento, agora ele está mais calmo [...] ele agora até cede demais, foi para o outro lado [...] Então, ele brigava muito mais, ele foi muito agressivo comigo, eu também tive pouca paciência nos primeiros meses com ele, o pai teve mais.

Com as outras pessoas o movimento foi contrário, estava mais aberto, mais receptivo, como se buscasse a confiança, o conforto, que perdera na mãe, nos outros.

Uma coisa, assim, também [...] ele é muito aberto às pessoas [...] Na época, eu achei que isso ficou mais, assim, mais grudento, ele via alguém ia totalmente de braços abertos, daqui a pouco, estava ele dormindo no colo da pessoa. Então, isso, sim, e mais irritadiço, mais agitado, mais irritado.

Precisava suprir a falta, tentou, não só com pessoas, mas até com coisas. Não podia suportar um não, a ausência, a falta, mesmo a falta de um objeto.

Uma outra coisa, de alteração de comportamento que teve; na época, ele ficou com uma coisa, assim, de querer comprar coisas. Era uma coisa escancarada, ele entrava em desespero. Que era uma coisa, também, que ele já tinha um pouco [...] Então já tinha esse comportamento, assim. Isso se agravou muito depois da morte da G., ele entrava em desespero para comprar uma coisa que ele queria, desespero mesmo, assim, dava pena dele, e a gente não comprava [...] Era um desespero para ter aquilo que ele elegia, aí acalmava, abrandava um pouco. Aí, foi abrandando, eu me lembro que uma vez eu conversei com ele sobre isso, eu falei: “olha, eu sei que dá vontade de comprar um monte de coisas, porque a gente fica querendo ter coisas, por causa da saudade que a gente tem, da falta que a gente sente, mas não é isso, não é isso, isso não vai resolver o problema. É bom comprar quando a gente quer comprar, precisa, mas, não por isso. Não vai resolver”. Enfim, aí foi trabalhando em análise, isso melhorou.

A mãe e a analista mostram a ligação entre este comportamento desesperado de adquirir coisas, ter tudo, e o não suportar a falta, não saber lidar com a ausência daquilo que ele realmente queria: ter a irmã de volta. Aos poucos esse comportamento desaparece.

Ele mudou muito, assim, por exemplo, agora ele está numa fase mais introspectiva. Ele falava sem parar, saía eu, ele e uma amiga, ele não deixava ninguém conversar, só ele falava, ele tinha histórias, ele tinha causo para contar e não sei o quê. Agora não, agora ele fica na dele, ele conversa, brinca, é alegre, mas, mais assim, na dele, mais recolhido, eu acho.

Tristeza? Introspecção? Amadurecimento? Seria a experiência de perda capaz de transformar precocemente a criança em um adulto?

Ele ficou assim, inclusive, com as feições mais adultas, às vezes, as pessoas vinham visitar a gente e falavam assim: “nossa! O A. envelheceu!”, né, assim, não parece que tem quatro anos, parece que tem mais, tinha uma expressão mais séria.

- A casa preta

Os primeiros meses, logo após o acidente, foram muito difíceis para todos, precisavam demais uns dos outros, dormiam todos juntos e abraçados.

Quando aconteceu isso tudo, o A. dormia com a gente, para a gente, para todos, todos precisavam disso. A gente dormia abraçado, os três, e aí, ficou bastante tempo isso, meses essa história. Aí voltamos para a nossa casa, ele voltou para

o quarto dele [...] fazendo a transição, mas era custoso. Ele acordava de madrugada ele ia para a nossa cama, aquela transição difícil.

Não suportando todas as recordações que a casa trazia, decidiram mudar-se. Mas a dor, o sofrimento, foram juntos na mudança. A nova casa, onde permaneceram por apenas dois meses, recebeu o apelido de “casa preta” em alusão a toda dor vivenciada nesse período.

Uma outra coisa que eu acho que fala também do luto dele, a gente é... como o acidente foi em casa, a gente saiu desse apartamento, eu achei que eu nunca mais fosse conseguir voltar para essa casa, então a gente alugou um apartamento para decidir o que quê ia fazer com ele, se ia vender, se ia alugar [...] e a gente ficou, acho que uns dois meses nesse apartamento e a gente optou por voltar para a nossa casa, a gente resolveu voltar. Aí, depois de um tempo, a gente passava por essa casa e ele falava assim: “mãe, lembra que a gente morou nessa casa?”, eu falei: “lembro”, aí ele: “é a casa preta”. Aí eu disse: “a casa preta? por que quê é a casa preta?”, ele: “lembra que entramos eu, você e o papai, sem a G?”. Então eu acho assim, que o que estabeleceu ali foi a casa da dor, do luto, a fase que a gente estava mais fragilizado, nos primeiros meses, os dias mais difíceis mesmo, essa transição da vida diferente.

A partir do dia do acidente, a vida ficou diferente, todos, inclusive o pequeno A., deveriam aprender a estar nesse novo mundo, com uma outra configuração, sem a presença da G.

- Preenchendo a falta

Na tentativa de se reorganizar e reorganizar a configuração da família, levantam a possibilidade de um novo membro. Seria um movimento de substituição da criança morta?

[...] eu cheguei a pensar em engravidar nesse período [...] Eu cheguei a engravidar, mas ele (o A.) não soube que eu engravidei, eu perdi esse bebê. Na época, tinha risco de perder, então, eu nem comentei da gravidez para ele, aliás, ninguém soube da gravidez, ninguém da família. Eu fiquei fazendo os exames na minha, abortei, espontaneamente, em casa, ele estava dormindo, então ele não tem nem idéia. Uma coisa que às vezes ele fala, de ter irmão e agora a gente fala assim: que eu não quero ter mais, porque agora eu não quero tentar de novo mesmo.

- As lembranças

Desde o começo A. evoca lembranças da irmã, precisava falar, quase todo dia trazia alguma coisa, era como se pedisse: vamos falar sobre a G. Para isso serviam suas lembranças: evocar a imagem da irmã e torná-la presente pela palavra, já que não podia trazê-la de volta, cumpria imortalizá-la na lembrança.

Também muito no início, assim, ele ficava [...] às vezes parecia até um velhinho, assim, com recordações [...] trazendo lembranças de coisas antigas, sempre contando para a gente: “lembra [...]”, começava sempre assim: “lembra [...]” e aí contava uma história.

Dois anos após o acidente, passada a fase mais crítica da dor, continua a lembrar, constantemente, da irmã.

[...] hoje é mais assim, lembranças, às vezes de coisas assim, que nem podia passar pela minha cabeça que ele lembrava, ele era muito pequeno e a gente

- Outros momentos difíceis

Outro momento que costuma ser muito difícil para os enlutados é o de mexer nas coisas do parente falecido. F. resistiu ao máximo, até que chegou o dia em que não pôde mais adiar.

Um outro momento que eu acho que foi muito difícil [...] as coisas da G. todas ficaram na casa da minha mãe, que é um apartamento, no meu prédio, fechado, eles não moram lá. Lá ficaram coisas encaixotadas, eu não mexi em nada, porque eu achei que eu não ia dar conta de mexer nas coisas dela. Eu acho que é uma das coisas mais difíceis [...] Teve uma questão familiar que eu tive que tirar as coisas da casa dos meus pais [...] Ele participou muito disso e começou a escolher coisas da irmã que ele queria para ele, principalmente livros, que era uma coisa que ela era muito chegada e ele também, então, os livros, alguns brinquedos, as roupas, ele me ajudou a separar para ir para a escola. Porque foi uma coincidência, na época, a turma dela estava recolhendo roupa, para o Morro dos Prazeres, ali de Santa Teresa, então, as roupas acabaram na mão dos amigos dela para mandar para o Morro. Acho que isso até me ajudou muito a mexer nas roupas, eu falei: “é a turma dela que está levando, as roupas vão para lá”. Então, foi muito tranquilo para mim, eu tinha feito um bicho de sete cabeças [...] Mas, eu dei conta, achei que não ia dar conta, foi menos horrível do que eu imaginava. Ele acabou participando muito disso e foi uma época que ele voltou a falar muito na escola, no carro, com essa pessoa que faz o transporte, que é uma professora da escola. Então, ele falava muito: “ah! Sabia que vi não sei o quê da G.?”; “lembra não sei o quê que a G. te emprestou, o livro, o filme, não sei o quê?”. Então, retomou muito.

A. participou, ajudou sua mãe nesta tarefa e escolheu para si alguns objetos da irmã, outros foram levados à escola para doação, o que amenizou a dor. No fim, acabou sendo mais tranquilo do que imaginara, o que seria um “bicho de sete cabeças” tornou-se um momento para recordar.

- Análise e elaboração

Para essa criança, a análise parece ter ajudado bastante no processo de compreensão e elaboração da perda. Processo antes odiado, torna-se, após a morte da irmã, um espaço privilegiado e desejado.

[...] ele odiava a análise, ele odiava, era uma coisa assim, de eu estar na sala de espera, ele era muito pequenininho, ele abria a porta e ele falava assim: “vamos embora daqui agora, ela é uma iota” – é idiota – “ela é uma iota, acabou, eu vou embora daqui”, ele era desse nível. Logo que a gente contou, a analista dele foi muito presente [...] Ele logo voltou para a análise, bem no início, e ele falava assim: “eu quero ir nela”. Ele pedia, ele entrou em análise, assim, abertamente, de braços abertos. A transferência dele foi que foi depois que a G. morreu [...] Ele entendeu que agora ele precisava daquele lugar, a ponto de, às vezes, ele sair da análise e falar assim: “mãe, eu adoro a I., sabia?”, eu falava: “ah! É? que bom!”, ele: “ela sabe de tudo mãe”, não, “ela sabe tudo”. Totalmente transferido, entregue completamente, totalmente diferente da postura dele.

Entre outras coisas, A. trabalhou os conceitos de vida e morte representados em suas brincadeiras pelos processos de construção e destruição, a onipotência dos pais e também a sua, ora conseguindo, ora não conseguindo fazer as coisas.

Então, ele começou a elaborar melhor essas coisas, ele tinha uma brincadeira na análise de montar uma cabana e de repente a cabana desmoronava, e aí ele ficava com raiva da analista, porque ele achava que a analista tinha desmoronado, mas ele começou a lidar com essa coisa, disso que se desfaz e montar de novo de um outro jeito, então, assim, foi trabalhando isso em análise. Tinha uma outra coisa também que ele trabalhava muito em análise [...], uma coisa [...] um super-herói fazia algo, que ora ele conseguia, ora ele não conseguia.

A. elabora aos poucos, num constante vai e volta. Precisa de dados, quando os consegue, parece levar um tempo para assimilá-los e, mais tarde, retornar com novas questões. Começa por perguntas mais concretas e vai evoluindo até as questões filosóficas, quando é introduzido à diversidade, sua mãe explica que há diferentes formas de se falar sobre o pós-morte.

Agora, uma coisa assim, que me surpreendeu, porque vem nessa coisa da construção, então, pára um pouquinho, pergunta, vira e mexe surgia alguma pergunta [...] Primeiro, foram, assim, perguntas ligadas ao dia, porque, como eu te falei, eu falei que passou mal, caiu, morreu, a gente tentou socorrer, mas não deu, mas não tinha falado nada de gás, nada disso. Aí depois ele começou a perguntar como é que tinha sido, aí a gente falou no banho, do gás, depois começou a perguntar mais sobre o gás. Então, eu acho assim, primeiro foram perguntas mais objetivas, depois, ele passou para perguntas mais filosóficas, por que quê chegou a hora dela, se é Deus que determina isso, quem é que determina isso, ele até perguntava, muito uma coisa assim, o que quê acontece

depois que morre, e a gente sempre falava assim é [...] eu tenho uma visão mais crua disso, meu marido tem uma visão mais espiritualista, ele acha que vive de uma outra forma e tal, que cada pessoa pensa de um jeito. Até essa questão da estrelinha, que eu acho que a tia que fala, porque ele tem uma tia que gosta mais é [...] Eu falo que tem várias formas de se falar disso [...]

Como todos da família A. ainda está elaborando, o movimento é cíclico, nunca linear, ora o assunto surge com mais força, ora acalma-se. Assim, filho, mãe e pai, ajudando uns aos outros, irão trilhar o caminho que falta.

Eu percebo assim, que ele, ele vem construindo essa questão para ele, assim, elaborando, como um adulto, né, só que de uma outra forma, óbvio. Acho que ele vai e volta, elabora, tem épocas que ele fala mais, tem épocas que ele fala menos.

E é isso, sempre vai e volta, é um assunto que ainda está se elaborando mesmo, acho que ainda tem muito chão aí pela frente, para todo mundo.

- A importante e ativa participação da escola

A. e G. estudavam há muitos anos na mesma escola, por isso tinham uma relação muito próxima com seus professores, os quais tiveram um importante papel nesse momento difícil da vida do menino A.

O dia seguinte, que ele foi à escola, acho que dois dias depois ele foi à escola, no dia seguinte, ele não foi porque era o dia que eu queria falar com ele, eu não queria que ele fosse à escola sem eu falar com ele, porque a escola toda sabia. Então, ele faltou no dia seguinte, aí, acho que no dia logo depois ele foi, e aí, ele avistou a professora dele, ele saiu correndo para abraçar e a primeira coisa, ele falou assim: “L., a G. morreu”.

Surpreendentemente, a escola não se omitiu diante da questão morte, teve participação ativa nos rituais, além de informar e acolher seus alunos. G. era muito querida na escola e, apesar do impacto e do fato de ter sido pega de surpresa, a escola fez um bonito trabalho. É uma escola realmente muito especial, abrindo espaço para a discussão desse tema, o que raramente é visto.

[...] a G. era muito querida na escola, então, foi uma coisa, para a escola, muito impactante, também.

E a escola também, eu acho que tratou com muita clareza, conversando muito, tinha dias, que na rodinha todos conversavam sobre morte, quem perdeu quem na família.

E aí, conversaram muito na sala, até bem pouco tempo isso ainda era falado por ele na sala de aula... Tinha muito essa coisa de, na escola, falar, também discutiram sobre gás, o que quê acontece quando a pessoa inala gás, porque que morre, trabalharam muito isso, eu acho que muito concretamente.

A identificação da menina com a escola e toda sua filosofia alternativa era tanta, G. amava tanto a escola, que esse foi o local escolhido para jogar as suas cinzas.

Porque a gente jogou na escola deles, porque a escola deles fica na mata, em Santa Teresa, no meio do morro, então a gente jogou ali na área verde e a escola fez uma cerimônia comum.

5. DISCUSSÃO

Esta pesquisa trabalhou com diferentes configurações familiares o que implica em algumas diferenças na reorganização da vida após a morte. Quanto mais central era o membro perdido para o funcionamento adequado da estrutura familiar, maiores os desafios adaptativos para o restante da família.

O quadro um, abaixo, traz um breve esquema de configuração dos tipos de perda abordadas neste trabalho.

Quadro 1 - Configuração das perdas

	Entrevista 1	Entrevista 2	Entrevista 3	Entrevista 4
Ente perdido	Pai (marido) ⁵	Mãe (filha)	Pai (marido)	Irmã (filha)
Tipo de morte	Anunciada / doença / desfecho rápido	Repentina / violenta / homicídio	Repentina / violenta / homicídio	Repentina / acidente
Fase do ciclo de vida familiar	Casal jovem com filhos pequenos	Filha adulta jovem, recém saída de casa	Casal jovem com filho pequeno	Casal jovem com dois filhos pequenos
Outros complicadores associados	Viuvez jovem; 2 crianças para criar sozinha	Ambigüidade em torno da perda; 1 criança para criar	Viuvez jovem; 1 criança para criar sozinha	Inversão da ordem natural

As entrevistas um e três trataram da perda de pais por crianças entre dois e oito anos de idade que, após a morte de seus pais, ficaram sob os cuidados da mãe viúva. A viuvez no início do casamento, por ser relativamente incomum, poderá tornar-se uma experiência chocante e

⁵ A descrição fora dos parênteses informa o parentesco do falecido com a criança, entre parênteses tem-se o parentesco entre o ente perdido e o entrevistado.

isoladora, devido à carência de preparação emocional e suportes sociais essenciais. Além desta falta de preparo e suporte, a perda do parceiro nesta fase da vida também se complica pelas obrigações financeiras e de cuidados com os filhos (WALSH & MCGOLDRICK, 1998).

Na entrevista um, a morte foi anunciada por um diagnóstico de câncer no esôfago que teve uma progressão rápida levando à morte em um mês. Diante de tal quadro, a mãe teve a possibilidade de ir preparando as crianças aos poucos, conforme a doença ia se agravando.

Já na entrevista três, a morte foi repentina e violenta, o que pode tornar o luto mais complicado. A tragédia sem sentido que é a perda de vidas inocentes para a violência que assola nossa sociedade é sobremaneira difícil de suportar. Para a família de uma vítima de homicídio, o luto pode ser interminável se os membros acreditam que a justiça não foi feita (WALSH & MCGOLDRICK, 1998).

A ausência de despedidas, não poder realizar um “fechamento”, são dificuldades que nos trazem uma morte repentina. A morte anunciada e prolongada, como no caso de doenças crônicas, por outro lado, pode levar a um desgaste físico, emocional e até financeiro, além de uma ambivalência de sentimentos em relação ao ente perdido.

A entrevista dois abordou a perda, também violenta, da mãe por uma criança de pouco mais de dois anos, que acabou “perdendo por tabela” o pai, condenado pelo assassinato da esposa e ele nunca mais viu o filho, que ficou sob os cuidados da avó materna.

Nesse caso, a perda, além de repentina e violenta, revestiu-se de ambigüidade o que, segundo Walsh & McGoldrick (1998), interfere com a obtenção de controle sobre ela, freqüentemente, produzindo depressão nos familiares, sintoma este relatado pela entrevistada. Um ente querido desaparecido pode estar fisicamente ausente, mas psicologicamente presente, a família pode se consumir nos esforços para manter a esperança, mesmo temendo pelo pior, e em

buscas e tentativas desesperadas de obter informações que confirmem o paradeiro do ente desaparecido.

A quarta e última entrevista lidou com a perda, também repentina, da irmã mais velha por um menino de quatro anos. A rivalidade normal entre irmãos pode contribuir para uma intensa culpa no irmão sobrevivente. Com relação aos pais, houve aqui uma inversão da ordem natural das coisas, uma vez que é esperado que os pais morram antes de seus filhos. A morte de um filho é, provavelmente, a mais trágica de todas as perdas prematuras.

Contextualizadas as perdas, passo à análise dos temas recorrentes que surgiram nas entrevistas. O quadro dois (no fim deste capítulo) facilita a visualização desses temas, que são discutidos a seguir.

A comunicação ocorreu em todos os casos, apesar da variação no tempo decorrido entre a morte e a sua informação à criança. As crianças mais novas, com idades entre dois e quatro anos, não receberam a notícia no mesmo dia. M. e A. foram comunicados do ocorrido no dia seguinte, M. V. só foi receber a notícia de que sua mãe havia falecido mais de um ano depois. Já as crianças mais velhas, I. e P., foram comunicadas do falecimento de seus parentes no mesmo dia.

Nos casos de perda do pai foram as mães que deram a notícia; no caso de perda da mãe, quem comunicou foi a avó materna; quando o ente perdido pela criança foi a irmã, mãe e pai juntos deram a notícia. Deve-se, no entanto, atentar para a particularidade do caso dois, no qual não havia um pai presente para comunicar essa criança, o mesmo encontrava-se preso e, era ele próprio, o assassino da mãe.

Nas entrevistas um, três e quatro, a notícia foi passada de uma maneira bastante real e concreta. Aqueles que tiveram que comunicar crianças mais novas preocuparam-se em usar palavras que representassem efetivamente o ocorrido, dando ênfase à permanência da morte, fato

este que, como vimos, é de difícil compreensão para essas crianças. Na entrevista um, a mãe de M. mostra preocupação explícita em adequar a linguagem utilizada ao nível de desenvolvimento da criança; provavelmente, por ser psicóloga atuante em creche.

Entretanto, a metáfora foi uma ferramenta utilizada, em algum momento, por todos aqueles que tiveram que se comunicar com crianças pequenas. As metáforas escolhidas foram: “foi para o céu” e “virou estrela”. Apesar da contra-indicação para o uso de metáforas com crianças no nível pré-operatório de desenvolvimento, em razão de seu pensamento não abstrato, as mesmas pareceram se acalmar para alguns de seus questionamentos quando uma explicação desse tipo lhes foi fornecida. O mundo real e hostil torna-se tangível para a criança por meio da fantasia ou após um período de negação, seja porque ela ainda não compreende ou porque não suporta a dura realidade.

Quando a fantasia ou a negação está a serviço da criança, deve-se proceder com parcimônia, respeitando-se o limiar da criança à frustração, até onde podemos ir com ela, até onde ela pode ouvir. Os adultos devem estar preparados para uma cadeia de perguntas se decidirem compartilhar suas crenças religiosas com as crianças.

A reação imediata da maioria das crianças à comunicação foi de choro que, por sua vez, foi acolhido com um abraço. Em longo prazo, a agressividade foi um componente muito presente no comportamento das crianças. Essa é uma resposta de luto que pode ocorrer tanto nas crianças quanto em adultos. Sendo assim, é muito importante tentar compreender o comportamento agressivo e possibilitar uma outra válvula de escape da dor, raiva e outros sentimentos, convidando a criança a manifestar estes sentimentos pela fala ou pela via lúdica.

A culpa aparece nas quatro entrevistas, ora na figura do responsável, ora na figura da criança. A culpa é, muitas vezes, produto de sentimentos ambivalentes. Nas crianças a culpa é

estimulada pelo pensamento egocêntrico e animista, característico do nível pré-operacional do desenvolvimento, como é o caso de M. e A.

As crianças menores também apresentaram um comportamento de querer consumir coisas e não suportavam ouvir um não quando seus parentes decidiam não comprá-las, jogando-se no chão, esperneando, num comportamento típico de “birra”.

Outras fantasias como, por exemplo, a volta do ente morto, apareceram, explícita ou implicitamente, nessas crianças. M. recusa-se a sair de casa para ir a qualquer lugar que seja, mesmo à casa da avó ou para brincar com os amigos, o que dá indícios de que estaria esperando pelo pai. A. diz que vai ele mesmo, com sua corda de homem aranha, buscar a irmã no céu, quando descobre que isso não é possível, pede aos seus pais que, então, tragam a irmã de volta. Essas observações vão ao encontro de dados da literatura que apontam a dificuldade dessas crianças em compreenderem a irreversibilidade da morte. Por esse motivo é importante enfatizar a permanência da morte, ainda que a criança não a compreenda num primeiro momento.

Segundo duas mães entrevistadas, a experiência de perda por morte teve o efeito de “amadurecimento” sobre seus filhos. Uma criança que passa por uma situação difícil como é a perda de um ente querido pode se ver forçada a se desenvolver mais rápido diante da mudança do seu lugar na família ou do aumento das expectativas sobre ela, como, por exemplo, em alguns casos nos quais a criança perde o pai e, sendo menino, espera-se que assuma o lugar de homem da casa.

Nenhuma das crianças, nesta pesquisa, teve a oportunidade de se despedir de seu ente querido; fosse em vida, para aqueles que não sofreram morte repentina ou pós-morte, por meio de participação nos rituais de despedida.

Nas entrevistas um e três, os parentes (no caso, pais) mortos permaneceram por certo tempo internados em Unidade de Terapia Intensiva, mas as crianças não foram levadas para visitação, pois as mães achavam que os pais já estavam por demais comprometidos e que seria muito penoso para seus filhos vê-los em tal estado.

Do velório e enterro ou crema o, nenhuma criança participou. As crianças mais velhas foram consultadas se queriam ou não participar e, diante da explica o sobre tais ritos, decidiram que não iriam, pois queriam guardar de seu ente querido a imagem que tinham dele ainda em vida. Quanto às crianças mais novas, simplesmente não participaram dos rituais acima mencionados.

A dúvida acerca do que uma visita   UTI ou a participa o nos rituais funerários pode acarretar para uma criança, influenciou a tomada de decisão das mães. Acabaram optando por não levar seus filhos, pois não sabiam o que aconteceria a eles caso participassem dos rituais e que influência isso teria posteriormente.

O apoio da família extensa na situa o de perda   algo muito importante tanto para a criança quanto para seu responsável. Já no próprio dia do ocorrido, parentes acolhem as crianças em suas casas, enquanto seus responsáveis tomam certas providências e vão ao velório e enterro. Essa solidariedade continua por longo tempo durante o processo de luto da criança e de seu responsável, o que parece ter influência positiva sob sua elabora o.

De acordo com Brown (1995), as famílias que conseguem se comunicar, compartilhar informa es e sentimentos e que contam com fontes externas de apoio, como a família extensa ou os amigos, parecem se reestabilizar melhor depois da morte.

Crianças muito pequenas apresentaram dificuldades para lembrar de seus entes perdidos e, na tentativa de trazer   tona estas recorda es, alguns responsáveis realizaram um bonito trabalho com fotos. Auxiliar uma criança muito pequena a formar e conservar uma imagem do

seu ente perdido é tarefa para os que ficam. Em se tratando da perda dos pais, é ainda mais urgente atentar para essa questão, pois o processo de identificação com as figuras materna ou paterna é fundamental para o desenvolvimento da criança.

Já as crianças um pouco mais velhas lembravam de seus entes com bastante frequência e com riqueza de detalhes. Entretanto, a capacidade de lembrar e falar do parente querido morto não parece estar ligada apenas à idade da criança à época da perda, mas, também, à disponibilidade, à abertura da família para acolher estas comunicações. Um exemplo é o caso do menino A., de apenas quatro anos, que se lembra de detalhes relacionados à irmã que nem mesmo a própria mãe recordava.

No caso de meninos que perderam seus pais, houve uma tendência em tornarem-se muito parecidos com estes, reproduzindo seus traços mais marcantes de personalidade. Alguns assumiram o papel de homens da casa, por exemplo: M. pediu a mãe em casamento e P. passou a dormir com a mãe, após a morte do pai, além de cuidar dela.

A prática de trazer a criança enlutada para dormir junto com o adulto responsável também enlutado foi comum entre os entrevistados, que reconheceram não saber se isso ocorre por uma necessidade da criança ou deles próprios. Talvez ambos precisassem disso, como disse a quarta entrevistada.

Em todas as entrevistas ficou clara a importância de ter a criança sob seus cuidados, esse foi um fator importante para a recuperação do responsável. A criança, cuidada pelo adulto, ao presenciar sua dor, expressava reconhecimento e acolhimento a seu modo. Este fato aponta para o cuidado como uma via de mão dupla, apesar de os responsáveis, em sua maioria, esconderem das crianças o seu pesar, sofrendo recolhidos em seus quartos à noite.

Compartilhar os sentimentos, bons ou ruins, é de grande importância para o processo de luto, o sofrimento compartilhado valida e reconhece a própria dor e a dor do outro. Uma morte na

família atinge cada um de seus membros de forma diferente, mas a tristeza pertence a todos, todos perderam alguém que amavam.

A questão das datas comemorativas também apareceu na fala da maioria dos entrevistados; na entrevista um, a mãe torcia para que a família ainda pudesse passar reunida as festas de fim de ano. Na entrevista três, a mãe fala categoricamente da dificuldade que foi o primeiro natal e ano novo e o transtorno causado pelo dia dos pais. Na última entrevista a dificuldade se concentrou em torno da festa junina da escola, evento muito apreciado pela G.

Com relação a datas comemorativas, é freqüente encontrarmos, na literatura sobre luto, referências às chamadas reações de aniversário. Em certas datas comemorativas fica ainda mais difícil suportar a dor da perda; as primeiras festas de fim de ano sem a presença daquele ente querido podem ser profundamente angustiantes. Esses mesmos sentimentos podem ocorrer em aniversários e, principalmente, no aniversário de morte, pois cada uma dessas situações relembra a morte.

A terapia foi um recurso buscado por quase todos os participantes nesta pesquisa, diante da experiência devastadora que foi a perda da pessoa amada. Nos casos um e três, os adultos buscaram terapia para si. No caso três, a terapia também foi oferecida à criança, que a recusou. No caso quatro, a criança esteve em análise, inicialmente por motivo diverso da perda, permanecendo até os dias atuais. A terapia não é sempre necessária em casos de perda por morte, mesmo para crianças, visto que o luto não é doença, mas pode contribuir muito como auxiliar no processo de reconhecimento e elaboração dos sentimentos vinculados à perda, principalmente nos casos de luto complicado.

Por fim, a mudança de casa foi um outro desafio que algumas crianças tiveram que enfrentar concomitantemente à perda de seus entes queridos. No caso quatro, a mudança foi

motivada pelo sofrimento e a dificuldade que os pais sentiam em permanecer na casa onde sua filha acabara de morrer, para onde, pouco tempo depois, resolveram retornar. Já nas entrevistas dois e três, foram outras questões, relacionadas à violência, que acabaram por provocar a mudança de endereço.

Em suma, as crianças parecem ter respondido ao modelo passado por seus responsáveis, sendo assim: quando o silêncio em torno da morte foi quase total, a criança, talvez pela sua pouca idade, acabou esquecendo a pessoa morta. Quando o sofrimento da mãe foi muito intenso e explícito, a criança passou a cuidar dela escondendo seu próprio pesar para não lhe causar sofrimento adicional. Nas situações nas quais os sentimentos foram compartilhados e conversou-se abertamente e com frequência sobre o ente perdido, as crianças pareceram mais à vontade para mostrar seus sentimentos e fazer perguntas.

Quadro 2 – Temas recorrentes que surgiram nas entrevistas

	ENTREVISTA 1	ENTREVISTA 2	ENTREVISTA 3	ENTREVISTA 4
TIPO DE COMUNICAÇÃO	Realista, com preparação das crianças e preocupação com as palavras; sempre falaram bastante sobre o pai	Tardia e cheia de metáforas; silenciaram em torno da morte	Dosada e realista; falam sobre o pai de uma forma contida	Realista com preocupação de não fantasiar; falam com muita frequência e muito abertamente sobre a irmã
QUEM COMUNICOU	Mãe	Avó	Mãe	Mãe e pai
USO DE METÁFORAS	Da estrela	Religiosa (Papai do Céu levou, foi para o céu)	Não houve	Do céu e da estrela
EM QUANTO TEMPO A CRIANÇA SOUBE	A mais velha, no mesmo dia; a mais nova, no dia seguinte	Um ano depois	No mesmo dia	No dia seguinte
PARA ONDE ELA FOI LEVADA NO DIA DO FALECIMENTO	Casa do tio	_____	Casa da avó	Casa do tio
REAÇÃO IMEDIATA DA CRIANÇA	Choro; abraçam-se	Não lembrava da mãe, apenas perguntou: “ela foi para o céu como?”	Chorou, berrou muito; abraçaram-se	Seriedade; questiona se a irmã não foi levada ao médico; choram juntos; abraçam-se
REAÇÃO EM LONGO PRAZO DA CRIANÇA	Comportamento desafiante; não sabe ouvir um não	Agressividade, gagueira, problemas na escrita	Cuidado demasiado com a mãe; medo; amadurecimento	Quer comprar tudo, não suporta ouvir um não; briguento; agitado; agressivo com a mãe; grudento com os outros; amadurecido
DESPEDIDAS	As crianças ao foram à UTI	_____	A criança não foi à UTI	_____
PARTICIPAÇÃO NOS RITUAIS FUNERÁRIOS	As crianças não foram ao velório e enterro	Não foi ao enterro	Não foi ao velório e cremação	A criança não foi ao velório e cremação
FANTASIAS	Culpa, na criança, e espera pelo pai morto	Culpa na figura da avó	A mãe sente-se culpada	A criança se considera culpada e tenta trazer de volta a irmã morta

Continuação do Quadro 2

LEMBRANÇAS	A criança mais nova tem poucas lembranças do pai: trabalho com as fotos; a marca do pai.	A criança apagou a mãe da memória: trabalho com fotos e vídeo	Lembra-se detalhadamente do pai e fala dele com frequência	Tem muitas lembranças, recorda de coisas que aconteceram quando ele ainda era bem pequeno
IDENTIFICAÇÃO COM O FALECIDO	Crianças cresceram muito referenciadas no pai	_____	É igual ao pai; reproduziu seus traços mais característicos	_____
SUPORTE FAMILIAR	A família extensa deu suporte	Suporte apenas dos parentes bem próximos (o filho e uma tia)	Família bem grande que esteve sempre presente prestando apoio	A família extensa deu suporte
CUIDADO MÚTUO	As crianças autorizavam e amparavam o sofrimento da mãe; A importância de ter as crianças para cuidar	A criança consola a avó quando a vê chorando; A importância de ter o neto para cuidar	O filho cuida da mãe, preocupa-se com seu bem estar e em não levantar sofrimento adicional	_____
O LUTO DOS ADULTOS	Foi devastador; de dia amparava os filhos, à noite, chorava escondida em seu quarto	Não chorou; quando acharam o corpo da sua filha “desabou”	Evitava chorar na frente do filho, mas ele a pegou em várias situações	Compartilharam seu luto com o filho, choravam todos juntos
DORMINDO JUNTOS	_____	Avó e neto dormiam juntos	Mãe e filho dormiam juntos	Todos (pai, mãe e filho) dormiam juntos
MUDANÇA DE CASA	_____	Mudam-se de casa: fugidos	Mudam de casa por medo da violência (trotos)	Mudam por não suportar a dor das lembranças
TERAPIA	A mãe busca terapia	_____	A mãe busca terapia	A criança já estava em terapia antes do ocorrido, permanecendo até hoje
DATAS COMEMORATIVAS	Desejava poder passar pelo menos as festas de fim de ano com a família completa	_____	Festas de fim de ano são difíceis, mas o pior é o dia dos pais	A dificuldade de voltar à festa junina da escola

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa tratou do tema muito importante e delicado que é a comunicação da morte com uma criança. A perda da pessoa amada é uma das experiências mais intensamente dolorosas que o ser humano pode sofrer. É penosa não só para quem a experimenta, como também para quem a observa, ainda que pelo simples fato de sermos tão impotentes para ajudar (BOWLBY, 1985). Foi assim que me senti, por vezes, quando coletava os dados para este trabalho, ao entrevistar pessoas que, voluntariamente, aceitaram me contar um episódio tão dolorido da história de suas vidas.

Penso, entretanto, que foi extremamente importante propiciar um espaço para discussão de um tema tão negligenciado em nossa sociedade, a morte, principalmente, em sua interface com a infância.

Ao levantar essa temática, meu objetivo era acessar as necessidades imediatas da criança que sofre a perda por morte de um parente próximo, no que tange à comunicação; assim como, a observância de seus cuidadores em supri-las.

Os resultados apontam para algumas tarefas importantes a serem desempenhadas por aqueles que têm sob seus cuidados uma criança enlutada. São elas: ser um bom ouvinte; promover uma comunicação aberta e adequada aos níveis de compreensão da criança; permanecer atento às comunicações verbais e não-verbais da criança; deixar que ela dê o tom e estabeleça o ritmo da conversa; promover a participação das crianças nos rituais, com consentimento e informação; trabalhar as fantasias da criança com relação à morte, principalmente as de culpa e de um possível retorno da pessoa morta; possibilitar a expressão não

só da tristeza, mas também de sentimentos como raiva, desamparo e medo; ajudar as crianças a formar e manter uma imagem de seu ente querido immortalizando-o na lembrança; buscar apoio de toda a rede de relacionamento social, cada membro da família, os amigos, vizinhos, professores, profissionais de saúde, e todos os que puderem dar sua contribuição para o sucesso final.

Todavia, não há uma receita sobre como comunicar e assistir uma criança enlutada, cada processo é particular e único. Não podemos esquecer que aquele que comunica está também de luto e, portanto, sofre e necessita de apoio tanto quanto a criança.

Resta evidente o quão difícil é a tarefa de ter que notificar uma criança sobre a morte de uma pessoa amada. Os resultados demonstram que algumas famílias, naturalmente, conseguem fazê-lo de uma forma que seria considerada mais favorável para a elaboração do luto na criança; outras, padecendo de um sofrimento intenso, paralisadas em sua própria dor, podem apresentar maiores dificuldades em oferecer toda a disponibilidade que uma criança demanda. É diante dessa fragilidade no sistema familiar, que deve ser visto como um todo, que se coloca a necessidade do apoio da família extensa, amigos, comunidade, etc.

Nesse contexto, a escola ocupa lugar de destaque, uma vez que tem como papel principal preparar pequenos cidadãos para a vida. Neste trabalho podê-se ver o quanto foi determinante o posicionamento da escola no processo de elaboração do luto do menino A. e sua família, ao abrir espaço para o tema da morte, tratando-o de maneira natural e sensível.

Fica a sugestão para as escolas em geral, que possam sensibilizar e instrumentalizar seus profissionais para essa prática, oferecendo conhecimentos sobre desenvolvimento infantil e processo de luto, além de espaços para reflexão sobre seus próprios limites e medos frente ao tema da morte.

O luto é uma experiência devastadora e, em muitos momentos apesar de todo conhecimento e preparação, não saberemos como agir, não teremos respostas ou mesmo que a

tenhamos, as palavras, por mais adequadas que possam ser, serão insuficientes. Nestas horas, um afago, um abraço apertado, a simples troca de carinhos faz toda diferença.

Por fim, vimos como a presente pesquisa trabalhou com a comunicação de uma morte na família à criança, partindo do relato daquele que deu a notícia. Fica a sugestão, para futuros estudos, de se trazer à tona como determinada comunicação foi recebida pela criança, a partir de seu próprio depoimento.

7. SUGESTÕES

Alguns livros infanto-juvenis que abordam o tema da morte, assim como alguns filmes, podem ser utilizados para facilitar o diálogo com as crianças sobre esse assunto e propiciar uma reflexão entre os adultos. No presente capítulo aponto algumas sugestões.

Livros infantis que abordam o tema da morte:

1. Conversando sobre a morte, de Carla Hisatugo, editora Casa do Psicólogo;
2. Corda bamba, de Lygia Bojunga, editora Casa Lygia Bojunga LTDA;
3. O dia em que o passarinho não cantou, de Luciana Mazorra e Valéria Tinoco, editora Livro Pleno;
4. A felicidade dos pais, de Rubem Alves, editora Paulus;
5. O medo da sementinha, de Rubem Alves, editora Paulus;
6. Menina Nina, de Ziraldo, editora Cia. Melhoramentos;
7. A história de uma folha, de Léo Buscaglia, editora Record;
8. Quando alguém muito especial morre: as crianças podem aprender a lidar com a tristeza, de Marg Heegaard, editora ArtMed;
9. Quando seu animal de estimação morre: manual de ajuda para crianças, de Victoria Ryan, editora Paulus.

Filmes:

1. Bambi, de Walt Disney (EUA, 1942);

2. Um dia para lembrar, de James Foley (EUA, 1995);
3. Pollyanna, de Walt Disney (EUA, 1960);
4. Ponette, de Jacques Doillon (França, 1996);
5. Valentin, de Alejandro Agresti (Argentina, 2004).

Vídeos didáticos:

1. Falando de morte: a criança, vídeo produzido pela equipe do Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM) da Universidade de São Paulo, (Brasil, 1997).

Cabe ressaltar a importância de que um adulto leia o livro para a criança e converse com ela a respeito, os filmes e vídeos também devem ser assistidos em conjunto e discutidos. A este respeito diz Rubem Alves:

Quando se anda pelo escuro do medo é sempre importante saber que há alguém amigo por perto. Alguém está contando a estória. Não estou sozinho [...] Nem o livro que se lê, nem o disquinho que se ouve têm o poder de espantar o medo. É preciso que se ouça a voz de um outro que diz:
- estou aqui meu filho. (ALVES, 1999, capa)

Depois de contarem as histórias ou assistirem aos filmes, os adultos podem utilizar recursos como a dramatização e o desenho, entre outros, como uma forma de expressão dos sentimentos suscitados. Essa dinâmica pode ser realizada na escola, por professores capacitados, como uma forma de abordagem do tema da morte com as crianças nas aulas de filosofia, ciências, religião, enfim, em diversos contextos, dependendo da criatividade do adulto (L. PAIVA, comunicação pessoal, 23 de junho de 2007).

REFERÊNCIAS

Agresti, A. & Geels, L. (2004). *Valentin* [filme-vídeo]. A. Agresti (dir.), L. Geels (rot.). Argentina: Buena Vista Home Entertainment. DVD/NTSC, 83 min. color.

Alves, R. (1999). *O medo da sementinha*. Coleção estórias para pequenos e grandes. São Paulo: Paulus.

Alves, R. (2006). *A felicidade dos pais*. São Paulo: Paulus.

Anthony, S. (1972). *The discovery of death in childhood and after*. New York: Basic Books.

Ariès, P. (1977). *História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Bleger, J. (1980). *Temas de psicologia: entrevistas e grupos*. São Paulo: Martins Fontes.

Bojunga, L. (1979). *Corda bamba*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga LTDA.

Bolduc, J. (1972). *A developmental study of the relationship between experiences of death and age and development of the concept of death*. Columbia University, (Doctoral Dissertation). Ann Arbor, Michigan, University Microfilms A Xerox Co.: 1972.

Bowlby, J. (1982). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.

Bowlby, J. (1985). Perda, tristeza e depressão. In: J. Bowlby. *Apego e Perda, vol. III*. São Paulo: Martins Fontes.

Bromberg, M. H. P. F. (2000). *A psicoterapia em situações de perdas e luto*. Campinas: Livro Pleno.

Brown, F. H. (1995). O impacto da morte e da doença grave sobre o ciclo de vida familiar. In: B. Carter, e M. McGoldrick. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Brown, L. K. & Brown, M. (1998). *Quando os dinossauros morrem: um guia para entender a morte*. Ed. Salamandra.

Buscaglia, L. (1999). *A história de uma folha*. São Paulo: Record.

Chizotti, A. (1991). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez.

Disney. (1942). *Bambi* [filme-vídeo]. Walt Disney. Estados Unidos: Disney DVD. DVD/NTSC, 70 min. color.

Disney. (1960). *Pollyanna* [filme-vídeo]. Walt Disney. Estados Unidos: Walt Disney Home Entertainment. DVD/NTSC, 134 min. color.

Doillon, J. & Sarde, A. (1996). *Ponette* [filme-vídeo]. J. Doillon (dir. e rot.), A. Sarde (prod.). França: Le Studio Canal+. DVD/NTSC, 97 min. color.

Foley, J, Cohn, A.& Stefano, J. (1995) *Um dia para lembrar* [filme-vídeo]. A. Cohn (prod.), J. Stefano (rot.), J. Foley (dir.). Estados Unidos: Spectro Nova. DVD/NTSC, 83 min. color.

Fristad et. al. (2000-2001). The role of ritual in children's bereavement. *Omega*, 42 (4): 321-339.

Heegaard, M. (1998). *Quando alguém muito especial morre: as crianças podem aprender a lidar com a tristeza*. Porto Alegre: ArtMed.

Hisatugo, C. (2002). *Conversando sobre a morte*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kastenbaum R. & Aisenberg R. (1983). *Psicologia da Morte*. São Paulo: Pioneira: Ed. Da Universidade de São Paulo.

Koocher, G. P. (1972). *Childhood, death and cognitive development*. In: Psychology Clinical. Columbia, University of Missouri. PhD., 1972. Ann Arbor, Michigan. Univ. Microfilms A Xerox Co., 81 p.

Kovács, M. J. (1992). Morte no processo do desenvolvimento humano. A criança e o adolescente diante da morte. In: J. M. Kovács. *Morte e Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kovács, M. J.; Esslinger, I.; Vaiciunas, N. & Franco M. P. H. (1997). *Falando de morte: a criança*. [filme-vídeo]. Insight Produções. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. DVD/NTSC, 35 min. color.

Kovács, M. J. (2003 a). *Educação para a morte: temas e reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kovács, M. J. (2003 b). *Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lione, F. R. (2005). Sobre as vivências dos irmãos da criança com câncer. In: E. Perina & N. A. G. Nucci (orgs.). *As dimensões do cuidar em psiconcologia pediátrica*. Campinas: Livro Pleno.

Lüdke, M. & André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.

Mazorra, L. (2005). O luto na infância. In: L. Mazorra & V. Tinoco (orgs.). *Luto na infância*. Campinas: Livro Pleno.

Mazorra, L. e Tinoco, V. (2000). *O dia em que o passarinho não cantou*. Campinas: Livro Pleno.

Minayo, M. C. S. (2000). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco.

Nagy, M. H. (1959). The child's view of death. In: H. Feifel. *The meaning of death*. New York: McGraw-Hill.

Naletto, A. L. (2005). Morte e luto no contexto escolar. In: L. Mazorra & V. Tinoco (orgs.). *Luto na infância*. Campinas: Livro Pleno.

Parkers, C. M. (1965). Bereavement and mental illness. *British Journal of Medical Psychology*, 38: 126.

Piaget, J. (1967). *Seis estudos de Psicologia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Pinto, Z. A. (2002). *Menina Nina: duas razões para não chorar*. São Paulo: Cia. Melhoramentos.

Raimbault, G. (1979). *Criança e a morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Rando, T. A. (1993). *Theories of complicated mourning: a historical review in treatment of complicated mourning*. Champaign, Research Press.

Richardson & Weinfurt. (1996-97). Death education: a comparison of two programs for mothers of young children. *Omega*, 34 (2): 149-162.

Ryan, V. (2004). *Quando seu animal de estimação morre: manual de ajuda para crianças*. São Paulo: Paulus.

Schoen, A. A.; Burgoyne, M. & Schoen, S. F. (2004). Are the developmental needs of children in America adequately addressed during the grief process? *J. Instr. Psychol*, 31 (2): 143-148.

Soares, O. & Monteiro, P. (2004, 04 de julho). Órfãos da violência. Rio de Janeiro: *Jornal O Globo*, caderno especial pp. 1-8.

Spink, M. J. P. (1999). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez.

Torlai, V. C. (2005). Impacto do luto em crianças hospitalizadas: o trabalho na clínica de hematopediatria. In: L. Mazorra & V. Tinoco (orgs). *Luto na infância*. Campinas: Livro Pleno.

Torres, W. C. (1978). *O conceito de morte em diferentes níveis de desenvolvimento cognitivo: uma abordagem preliminar*. Rio de Janeiro, ISOP/FGV. (Tese de Mestrado).

Torres, W. C. (1979). O tabu frente ao problema da morte. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 31 (1): 53-62, jan/mar.

Torres, W. da C. (1999). *A criança diante da morte: desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Walsh, F. & McGoldrick, M. (1998). *Morte na família: sobrevivendo às perdas*. Porto Alegre: Artmed.

Winnicott. (1994). *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes médicas.

Worden, J. W. (1998). Luto e sistemas familiares. In: J. W. Worden (org.). *Terapia do luto*. Porto Alegre: Artmed

Ee. ler, W. 979.5.

ANEXOS

ANEXO A – Entrevista 1

ANEXO B – Entrevista 2

ANEXO C – Entrevista 3

ANEXO D – Entrevista 4

ANEXO E – Carta convite

ANEXO F – Termo de consentimento livre e esclarecido

ANEXO G – Considerações éticas

ANEXO H – Aprovação do Comitê de Ética do IP-USP

ENTREVISTA 1

Participante: T.

Idade: 58

Profissão: Psicóloga

Religião: não tem

Grau de parentesco com a criança: mãe

Ente perdido pela criança: pai

Idade da criança na época: dois anos e quatro meses / oito anos e onze meses

Idade da criança atualmente: dezoito anos / vinte e quatro anos

Data: 24/08/2006

Antes de passar à entrevista propriamente dita, convém contextualizar, de maneira breve, a perda. Trata-se de uma morte anunciada por um diagnóstico de câncer no esôfago com metástase no fígado, que teve um desfecho por morte rápido (um mês entre o diagnóstico e o falecimento).

V: Eu queria que você me falasse um pouco sobre a morte do seu esposo, focando, principalmente, como foi passada essa notícia para o seu filho.

T: Bom, meu marido teve um câncer, mas, quando a gente descobriu, ele já não tinha mais o que fazer. Tanto que ele morreu um mês depois. Na época, quando a gente se alertou, ele já tinha metástase no fígado. Então, desde o momento em que houve o diagnóstico eu sabia que ele não tinha... não tinha futuro. Eu só não sabia que fosse ser tão rápido; eu tinha uma expectativa de que... A gente descobriu e, trinta e um de outubro eu tive a notícia. E a minha expectativa era que a gente ainda vivesse mais aquele verão. Porque uma... era quase um pensamento mágico, um desejo de a gente ainda passar mais uma temporada de férias numa casa na praia que a gente

como a gente estava em outubro, eu fiz as contas; bom, dá tempo de passar mais um fevereiro, estava bom para mim também. Daí ele fez uma cirurgia, porque ele teve um câncer de esôfago que não tinha mais o que fazer, era um câncer enorme. Então foi feita uma cirurgia para fazer uma... um esôfago falso. Vamos dizer uma outra via para ele poder comer e pronto. Era... a intervenção ia ser esta porque a luz estava diminuindo, a luz do esôfago estava diminuindo muito e ele não ia conseguir... e não ia passar a comida. Ele fez essa cirurgia... e a expectativa era que ele saísse. E aí eu tinha a minha idéia. Vamos viver este novembro da cirurgia, passamos o natal juntos, janeiro e fevereiro, bom, está bom, a partir de março estou pronta, vamos dizer assim. Mas ele teve uma necrose nessa cirurgia, daí ele teve que retirar esse atalho, esse caminho para o estômago. E ele ficou com uma alimentação direta. E aí foi se complicando e em um mês ele morreu. Bom... eu fiquei com ele todos os dias, eu fui dia por dia vendo ele definhando. Eu tinha uma visão assim muito concreta e muito racional da história. Meu irmão também é médico, então eu tinha uma familiaridade, esse ambiente, tinha uma re... tive uma relação; meu pai já tinha morrido; mas tive uma relação muito particular com meu pai. Tinha muita confiança na medicina, não tinha conflitos nessa área. Então aí eu comecei a dizer para as crianças, principalmente para o mais velho, que eu achava que tinha uma noção mais clara, que o papai estava doente, que ele tinha... Eles queriam muito saber o que ele tinha, eu expliquei que ele tinha tido uma doença na barriga e que a gente precisava ter força para ele sarar, etc, etc. Esse mês ele ficou inteiro na UTI, então as crianças não viram ele.

V: Nenhuma vez?

T: Nenhuma vez. A certa altura eu perguntei para ele: “você quer que eu traga as crianças?” Ele disse: “eu não... não... não... vou sair daqui.” E ele foi, como característica da metástase no fígado, também perdendo um pouco... tendo um pouco de... de encefalopatia, perdendo um pouco a noção, a crítica sobre ele mesmo. Ele sabia quem eu era, ele sabia a data, ele sabia... Ele tinha assim... sinais de lucidez muito explícitos. Mas ele me dizia assim: “diga para os médicos que eu quero ir embora”, ele todo entubado. Ou então dizia assim: “vamos comigo”, isso mais para o final, “vamos comigo lá em cima tomar um, um refrigerante, um suco de laranja”. Ele perdeu a crítica sobre o estado dele, mas ele sabia das crianças, sabia tudo, conhecia todas as pessoas que foram visitá-lo. E eu perguntava: “você quer encontrar com as crianças?” e ele dizia: “não, não, aqui não, vamos nós embora para casa”. A uma certa altura, a enfermeira, a chefe da UTI... porque o caso dele foi uma caso assim que... comoveu um pouco todo o pessoal da UTI. Ele tinha

quarenta anos, a gente era jovem, tinha dois filhos jovens. O médico que operou ele também tinha filhos jovens, enfim. Meu marido era muito bonito, era uma pessoa, assim, muito interessante. Então de alguma maneira aquilo ocupou um pouco a UTI e a enfermeira me perguntou, a enfermeira chefe, me chamou e disse: “eu não faço isso, isso não é nossa conduta, mas eu vou abrir uma exceção, se você quiser trazer as crianças você pode trazer”. Naquele momento eu não quis, que eu achei que ele já estava comprometido demais, ele não responderia. Principalmente, eu só pensava no mais velho, né? Achei que o menor... importaria menos. Mas, para o mais velho... porque ele tinha uma relação super estreita, ele foi muito bom pai, muito presente junto às crianças desde a hora que eles nasceram. Nunca teve problema de pegar no colo, trocar fralda, essas coisas. Então eu achava que para o maior era muito penoso ver o pai tão comprometido. E eu achava que como ele não tinha esperança nenhuma... eu achava uma coisa sem glória. Vou levar ele lá para quê?

V: Você não queria que essa fosse a última imagem do pai dele?

T: Não queria. Eu achava que ia trazer uma angústia para o meu filho, maior do que eu supunha que a gente pudesse... levar avante. Eu, a essa altura, ainda achava que... já não achava mais que ia dar para passar o verão, mas quem sabe o natal, né? Você vai encurtando seus prazos também; conforme a situação, vai se apertando, você vai encurtando os prazos. Então eu dizia: “quem sabe ele ainda sai para o natal”, para quê que eu vou fazer meu filho passar... por que eu iria fazer ele passar por essa angústia se eu ainda tinha uma esperança de que talvez o L. saísse, se não fosse para ir para casa, quem sabe para o quarto? Você vai... E daí, é... bom, as crianças foram ficando angustiadas e aí eu fui dizendo: “papai está lutando, está fazendo força para vencer essa doença”. E já nos últimos dias eu comecei a dizer: “olha, a doença está ficando muito grande, eu estou achando... ele está lutando muito mas... quem sabe, não sei se ele vai conseguir”. Isso para o maior, o menor certamente ouviu, mas, eu... não era para ele que eu dirigia a conversa, né. Eu fui dizendo um pouco isso para ele que... acho que papai não está agüentando, a doença está ficando pesada, grande. Então, bom, até que chegou o dia em que ele morreu. Ele morreu num fim de semana... eu estava com o pequeno em casa... Retomando, então chegou o dia em que ele morreu. Ele morreu assim, as cinco da manhã. Eu estava só com o pequeno em casa, esse meu maior estava com, com o meu cunhado e meu sobrinho que é mais ou menos da mesma idade do, do meu maior. Então, é, bom... foi cinco da manhã. Eu fui para o hospital, deixei meu pequeno na casa da minha mãe, fui para o hospital, fiz os trâmites que tinha que fazer e aí fui conversar com

meu filho. Meu cunhado estava separado da minha irmã, ele estava num flat, então eu fui lá no flat, fui para a varanda, sentei com meu filho no chão.

V: Com o mais velho?

T: Com o mais velho. E disse para ele que, bom, papai não tinha agüentado e que ele tinha morrido. Tem falas muito engraçadas que até hoje a gente se lembra... em que eu disse para ele:

comigo. “Fala para o papai que você não pode ficar, fala para o médico que você não pode ficar aí, você tem que vir pra casa cuidar da gente”. Eu fiquei muito impressionada com esse apelo dele, né. Então, eu acho que esse clima de uma exceção, de uma coisa assim muito fora do lugar estava ocorrendo. E o M., o M. é o menor, estava mergulhado nessa história mesmo sem ele querer. Bem...eu voltei para casa com os meus filhos no dia seguinte e, bom, fui tocando a vida, fazendo as coisas que tinha que fazer e tal. Fiquei muito impressionada com o M.. Eu achava que o I., que é o mais velho, era quem de fato sofreria, porque ele tinha tido uma convivência estreita com o pai, ele era muito parecido fisicamente com o pai. Então tinha assim, essa coisa no ar de que os dois um era a cara do outro. Meu marido saía muito com ele, todo fim de semana, sábado e domingo eles iam para o clube, iam para praça, iam andar de bicicleta. Meu marido contava histórias, tinha histórias assim, que ele inventava. Punha o I. no colo e desenhava com ele. Tinha, assim, eles tinham toda uma vida muito dos dois. E o menor, ainda era um pouco menor para isso tudo, né. Ele também carregava, porque ele nunca se aborreceu se era pequeno, se precisava trocar fralda ou não, mas participava menos efetivamente. Não andava de bicicleta, não ia jogar bola, não desenhava ainda. Tudo isso teria seu lugar se ele tivesse vivido, mas não teve. Então eu tinha muito mais preocupação com o maior, de ouvir, de conversar, de estar atenta. E o menor...menos. E qual não foi a minha surpresa quando quem me deu muito mais trabalho foi o menor do que o maior. Ele começou, acho que eu cheguei a contar para você... ele perguntava para todas as pessoas, todas, Vanessa, que apareciam na frente dele ele dizia: “cadê o meu pai?” Eu parava num farol, vinha um cara pedir esmola, ele punha a cabeça para fora e dizia: “cadê meu pai?” Perguntava para o porteiro, para faxineira, qualquer pessoa. E eu tinha sempre a mesma resposta: “papai morreu, papai não volta mais”. Tinha assim, uma preocupação de escolher uma boa palavra que... que representasse a coisa efetiva e, não assim, que nem um brinquedo que quebrou ou estragou. Eu tinha preocupação com essas palavras. Então eu achei que esta frase era uma frase limpa: “Papai morreu, papai não volta mais”. Eu dizia o que aconteceu e a consequência. E... mas não dava conta do que aconteceu, isso. Um dia ele disse: “mãe, cadê o papai”. Eu dizia: “mas meu filho, eu já expliquei para você, papai morreu, ele não volta mais”. “Disso eu já sei, eu quero saber onde que ele está”. Bom, eu não tenho religião, não podia dizer está no céu, nada disso. Mas eu falei, eu preciso dar uma resposta para esse menino, concreta como pede a idade dele, a concretude que a idade dele pede. Aí eu fui na varanda, era um fim de tarde, tinha Vênus nascendo assim, bem luminosa. Eu disse: “está vendo aquela estrela

bem linda? Papai está lá, papai agora mora lá”. Eu achei que nesse momento ele se aquietou de alguma maneira, pelo menos para esta pergunta. Eu não sei precisar para você no tempo, eu acho que foi... eu fico tentando deduzir, eu não sou capaz. Ele vinha para creche da USP e houve um momento em que ele não quis mais vir. Ele não saía de casa por nada deste mundo, por nada. Não queria ir brincar na casa da minha mãe, da avó. Não queria ir para casa de amigo, não queria ir para creche. E eu comecei a achar que ele estava esperando o pai. Aí eu disse para ele: “filho, papai não vai voltar, por mais que a gente deseje, por mais que a gente imagine, ele nunca mais vai estar aqui com a gente, só no que a gente consegue lembrar”. Devo ter falado só no coração, só na imaginação, na lembrança, não me lembro exatamente. Mas eu sei que eu, com muito custo, fui conseguindo tirar ele de casa. Eu acho que todo esse processo demorou o ano inteiro seguinte. De ele ir um pouco se apurmando nesta idéia. Bem, o M., desde que ele nasceu, ele foi uma criança muito, como eu vou dizer para você... voluntariosa e muito desafiante da autoridade. E meu marido era uma pessoa que tinha, assim... ele era muito doce, muito carinhoso, mas ele tinha um dom da autoridade, com as positivas e negativas desta história. Muitas vezes eu... para fazer o M. dormir eu demorava quarenta, cinqüenta minutos, no meu colo, indócil, sem conseguir dormir. No colo do L. ele dormia em dez minutos. Ele gostava de ir para o colo do L., ele tinha essa... acho que essa presença masculina era reasseguradora para ele. E, bom, nos anos seguintes o M. fez todos os desafios que ele pôde no mundo. Ele tinha um... eu não sei te dizer o que aconteceria se o L. tivesse vivo mas, eu tinha uma idéia de que faltava ali esta marca masculina da autoridade para o M.. Eu acho que ele ficava o tempo inteiro... ele fazia assim... ele... você dizia um não qualquer e ele emburrava, ele queria, e aí ele entrava numa espécie de um transe, de um surto, que nem aquelas crianças que se jogam no chão e esperneiam, o M. fazia isso. Ele entrava no quarto dele, ele pegava as cobertas da cama, arrancava, jogava no chão e ficava bravo e desafiava. E eu tinha como postura o seguinte; eu encostava a porta do quarto e dizia: “quando você ficar melhor a gente conversa” e eu entrava no meu quarto e segurava a porta comigo, porque eu dizia: “se eu for lá, eu vou bater nele e, se eu bater nele, não vai ter fim. Então eu, eu, eu preciso me segurar aqui dentro”. Porque era uma coisa, de fato, de um desafio profundo, tá. Muitas vezes o meu maior dizia: “mãe você vai deixar o M. fazer isso!” E eu dizia para o I.: “o M., ele não consegue agüentar, a gente precisa agüentar para ele, para ele poder aprender, um dia ele vai aprender, então a gente precisa agüentar”. Isso me trouxe alguns problemas com o I., inclusive porque o M. era... era... era uma coisa, era uma coisa impressionante. Bom, hoje o M. é

um doce menino, entendeu? E ele se reporta a essas cenas dizendo: “mãe, que coisa, como eu fazia não? Eu jogava mesmo tudo no chão”. Eu acho que de fato a gente acabou tendo mesmo um sucesso nessa história. Muito dele, dessa capacidade dele de ir podendo aumentar o seu limiar na frustração. Mas eu acho que isso tem muito a ver com a falta do pai, sabe. Eu acho que tem um... Eu não gostaria nem de teorizar muito porque eu acho que a gente fica muito besta teorizando sobre os próprios filhos. Mas eu tinha, eu tinha esta intuição na época. O que faltava para ele aqui, isto aqui é uma reação a essa falta, não é um ataque a mim isso aqui, é uma resposta dele a um dado de realidade. Ele passou toda esta primeira infância muito referenciado no pai. Houve uma época em que, já bem... ainda pequeno, ele ainda dormia no berço, em que um dia ele disse: “papai não gostava de mim”. Aí eu fui buscar uma porção de fotos onde o L. estava carregando ele no colo, procurei as mais alegres e felizes e fui mostrando, coleí do lado do berço para ele... Então ele foi me dando um trabalho que o I. não me deu. Um dia, eu sentei com o maior, passado assim, sei lá, uns quatro ou cinco meses, e perguntei pra ele assim: “filho, como é que está para você? Ah, o papai faz tanta falta!”. Aí ele disse: “mãe, eu tenho muita saudade do papai, mas eu acho que teria sido muito pior se você tivesse morrido”. Eu disse para ele... eu fiquei muito chocada com isso, eu disse: “mas por quê?” Ele disse: “porque com o papai eu brincava, você cuida, é você que cuida da gente”. Então eu fiquei esse tempo todo cuidando muito do luto das crianças. Sabe eu tinha essa... esse empenho, esse desejo de acertar, de fazer direito, de poder dar um conforto para eles. Eu acho que o M. passou, o menor, passou a infância dele muito referenciado, sabe. Até eu me lembro de um dia que eu estava no banheiro, antes de a gente vir para a creche, tomando banho, ele bateu na porta, eu disse: “quê, meu filho?” e ele do outro lado disse assim: “mãe eu queria tanto que o meu pai fosse me buscar na creche”, isso já quatro anos depois da morte do pai. Eu, do lado de cá, gritei do chuveiro: “é meu filho, eu sei que é chato mesmo, mas que pena que não dá...”. Então, era só para te dizer como esse assunto aparecia recorrentemente na vida dele. Uma vez ele me perguntou, mas isso já um pouquinho maior, ultrapassados os sete anos, ele me perguntou: “você acha que eu vou ser um bom pai?” E, bom, e uma das coisas que ele também me disse a uma certa altura, também, eu acho, que talvez depois dos sete anos, é que ele lembrava pouco do pai. Ele disse: “eu não me lembro. Eu lembro de três cenas; meu pai parado na porta, meu pai ficando bravo comigo porque eu fui mexer nos discos dele e do meu pai me dando macarrão na boca do prato dele, que ele estava comendo”. Então tinha aí um pedido também de falar desse pai que...e isto eu fiz. Porque meu marido... a gente

sempre gostou muito de música em casa, meu marido era músico, tocava violão, ele tocava bateria, a gente tinha uma coleção de discos bacana, né. Eu já trouxe da minha casa esse gosto pela música e juntou com o dele, então a gente tinha muitos bons discos. E isso era uma coisa que eu quis manter, quis manter como assim, a marca, a marca do pai e tal. Então, eu gravei muitas fitas. E o menor vinha comigo para a creche né, a diferença entre eles é seis anos e meio, então tem um descompasso mesmo nos... nos tratamentos, porque o maior já estava no ensino fundamental e o pequeno ainda vinha para creche. Então eu gravava músicas da nossa discoteca, a música o cancionero popular, MPB, e a gente vinha ouvindo no carro, né. E aí eu ia contando: “o papai gostava dessa música...”. Eu sempre fui referenciando a vida dos meninos em coisas do pai, tanto que até hoje eles têm assim, uma certa brincadeira, que às vezes eu digo assim: “sabe quem é essa pessoa?” e aí eles dizem: “já sei, mãe, é amigo do papai”. Porque eu fui o tempo inteiro montando essa imagem, porque eu achei que eles eram muito pequenos e que perder assim essa imagem... Eu me achei no lugar de... de ajudar eles a construir uma boa imagem, nem que ela não fosse inteira, porque certamente a imagem não é... a imagem, ainda mais construída pelo outro, não é a imagem que você constrói do seu pai. Mais eu achei que estava bom. Algum pai interno, se fosse bastante bom... estava bom. Então eu fui muito referenciando isso e acho que o M. foi, o menor, foi arrumando essa história na cabeça dele, né. Teve também cenas muito lindas, para os psicólogos, muito lindas, do M. dizendo para mim, lá pelos cinco anos talvez: “mãe casa comigo?”. “Mas meu filho eu não posso casar com você”. “Mãe, casa mãe, por favor mãe, casa comigo!”. “Mas meu filho você é pequeno e eu sou grande. Eu preciso casar mas com um outro homem”. “Mas mãe eu vou crescer!”. A primeira vez que eu saí com outra pessoa ele foi me levar até o portão.

V: Ele tinha que idade? Desculpa.

T: Ele... isso foi três anos depois, ele tinha, portanto, cinco anos e pouquinho, e ele voltou aos prantos para dentro e contou para um vizinho que depois me contou. Esse vizinho perguntou para ele: “mas M. está chorando por quê?” E ele respondeu: “porque minha mãe saiu com um homem”; de quem ele acabou ficando depois muito amigo e teve um papel importante na vida deles e tal, tanto do maior quanto do menor. Foi um companheiro que eu tive, por oito anos, de quem eu também fiquei viúva. Então, foi a segunda perda de homem, foi uma pessoa que ocupou um pouco esse lugar de pai. Bom, acho que é isso que eu tenho para falar. Você quer me perguntar mais alguma coisa?

V: Eu queria que você me falasse um pouco, tanto sobre os aspectos positivos que pode ter quanto dos negativos; você estar num processo de luto e estar cuidando do luto de uma outra pessoa. Porque você atentou sempre para o luto das crianças, cuidou sempre para que elas pudessem elaborar da melhor maneira possível, e você nisso tudo?

T: Bom, eu procurei ajuda. Eu já tinha feito uma análise e eu voltei a procurar essa mesma pessoa, com quem eu fiquei um tempo. Mas o luto é muito... é muito...uma coisa devastadora. Eu tinha... eu era muito apaixonada por ele e foi pra mim... era uma coisa assim...bom, eu tenho uma missão que é botar essas crianças de pé. Eu preciso fazer... eu tinha isso muito, muito marcado para mim. Eu preciso fazer essas crianças serem boas pessoas, então, eu tinha muito empenho nisso. Agora, eu sofri feito cão, tá. E eu tinha, mas eu tinha assim, uma divisão entre ... Quando eles eram pequenos, eles também dormiam cedo né, então, até eles dormirem, eu ficava bastante amparadora, cuidadora deles, né, depois era meu espaço. E daí era o momento mesmo da dor. Eu também nunca... Agora, eu sou uma pessoa também muito... eu acho que a dor não é pública. Então muito naturalmente eu fazia isso, né. Eu nunca deixei de... de me entristecer. Muitas vezes, quando eu ficava com os olhos cheios d'água, meu maior dizia: “chora mãe, chora, pode chorar, nós estamos aqui”. Eles foram muito... principalmente o maior, muito amparadores também, né. Ele dizia: “não mãe, pode chorar” e tal. Agora, eu não sou uma pessoa... muito derretida em público mesmo, né. Então, não é que eu não chorasse, mas não era um chorar de me descabelar, isso eu fazia eu comigo mesma. Mesmo diante de amigos ou de situações assim eu, eu tinha um pouco dessa postura e eu... Bom e você vai descobrindo também que... uma viúva jovem, eu tinha quarenta e dois anos, é algo que, que comove. Porque você, primeiro que você não foi abandonada, você é uma mulher sem um companheiro mas por uma fatalidade do destino. Tem uma honradez nessa coisa. Eu percebia com muita clareza. E me foi útil essa coisa de ficar muito de pé e cuidar muito das crianças, né. E, por outro lado, também as crianças te impõem na vida, você tem aí uma via de duas, de duas mãos, porque, se por um lado eu me apurava para estar bem para as crianças, para fazer elas ficarem de pé, por outro lado foram eles que me deram todo esse gás. Você tem uma missão, você executa essa missão. Eu tinha uma missão que era fazer os nossos filhos ficarem de pé. Posso te dizer, por exemplo, que o meu segundo luto foi muito duro, porque eu não tinha missão nenhuma. Os meus filhos estavam crescidos e eram meus, de um outro casamento, os filhos dele também estavam crescidos e todo amparo que eu pudesse dar, como dou até hoje, era para adolescentes, o menor tinha dezessete anos, o maior tinha vinte e

dois, né. Então era uma relação muito mais de adulto para adulto. E foi um luto muito, muito difícil de lidar. Mas com o luto do L. eu tinha mesmo essa missão. Primeiro, dupla, dar conta financeiramente, então eu tinha que estar inteira. Meu marido era arquiteto e ele morreu, fechou o escritório e acabou o dinheiro. Como ele morreu muito cedo, a gente não tinha dinheiro acumulado, não fizemos o nosso pé de meia, nem ele montou um escritório que andasse sozinho. Então... ele na verdade estava recém montando o escritório, porque ele tinha trabalhado na FIESP por sete anos e ele achava, na função que ele tinha lá, incompatível ele estar na FIESP e também ter um escritório, ele achava que não era ético. Então, então ele tinha saído da FIESP um ano antes, defendido sua tese de mestrado e foi tentar ganhar espaço. Então, a gente não tinha acumulação de dinheiro nenhum. Eu precisei ganhar dinheiro por dois. Então também eu tinha essa demanda de, de estar inteira, tanto que eu continuei trabalhando na universidade e tenho uma atividade paralela que é pesquisa de mercado, que não tem nada a ver com isso aqui, mas que é uma coisa que me deu possibilidade de manter o mesmo padrão de vida. Então eu tinha muitas demandas para ficar inteira, entendeu? Mas a gente sobrevive, surpreendentemente a gente sobrevive. Acho que as crianças sobreviveram também e bastante bem. Até pelo auxílio do meu companheiro... a gente não morava na mesma casa porque eu achava que não era a hora ainda, enfim. Mas ele teve um papel de figura masculina importante para essas crianças. Também não posso achar que foi só mérito meu. Acho que foi, principalmente, mérito das crianças também. Acho que o meu contexto familiar é um contexto muito acolhedor, tenho uma família muito unida. Eu tinha dois irmãos, tinha minha mãe ainda viva. Então eu tive muito suporte familiar.

V: Tem mais alguma coisa que você gostaria de me dizer ou algo que você queira me perguntar?

T: Não, não sei. Fico achando, não sei às vezes acho meu relato muito arrumado demais. Deve ter coisas que me escapam aí, tanto das crianças quanto mesmo desse luto. Ao longo desse período, ainda com as crianças, já no ano seguinte... Meu marido era artista gráfico, ele tinha feito arquitetura, mas ele fazia principalmente artes gráficas. Teve uma ocasião que ele era homenageado então eu tive que fazer... Muitas coisas também penosas por um lado também te ajudam a elaborar isso tudo. Enquanto você está mexendo nas coisas você também está na companhia da pessoa. Então você vai arrumando um pouco esse luto, né. Agora, então, assim, meu currículo é de perder pai, mãe e marido, eu não sei o que é perder nem irmão e nem filho, suponho que tenha aí uma... uma escala, acho que eu não suportaria perder um filho.

V: Eu não sei se você já ouviu falar isto, mas, às perdas, dá-se um nome. Quando você perde um pai, você fica órfão; quando você perde o marido, você é uma viúva e para quem perde um filho não tem... não tem, não existe uma...

T: Denominação.

V: Porque é uma coisa que...

T: É inominável. Bom, estou à sua disposição, se você ouvir e quiser perguntar mais coisas, se achar que falta coisa.

V: Tudo bem, obrigada.

ENTREVISTA 2

Participante: R.

Idade: 50

Profissão: Funcionária pública

Religião: católica de criação / atualmente kardecista

Grau de parentesco com a criança: avó materna

Ente perdido pela criança: mãe

Idade da criança na época: dois anos

Idade da criança atualmente: oito anos

Data: 07/10/2006

Antes de passar à entrevista propriamente dita, convém contextualizar, de maneira breve, a perda. Trata-se de uma morte repentina por assassinato. A mãe foi morta pelo próprio pai da criança.

Nesta entrevista foram abreviados, além dos nomes citados, todas as localidades mencionadas por questões de segurança.

V: Eu queria que você me falasse um pouco sobre o falecimento da sua filha e, principalmente, sobre como você passou a notícia para o seu neto, como você contou para ele.

R: Olha, a notícia dela foi, do falecimento dela, foi trágico porque no começo a gente não sabia que ela tinha sido morta ainda, a gente imaginava. Porque é, o M. A. ele fazia ameaças né, de morte, essa coisa toda. Quando ela foi visitá-lo na penitenciária, no dia do falecimento dela...

V: M. A. é o pai da criança?

R: É o pai da criança, esposo dela. Quando ela foi visitá-lo, era para levar a criança, só que naquele dia ela não levou. Desse dia em diante, ela não voltou mais. Porque quando ela chegou lá ela foi espancada, foi maltratada, saiu de lá praticamente morta, carregada. É o que eu fiquei sabendo depois, né. E que ela tinha sido levada para uma favela, lá ela tinha passado por mil e um maus tratos. Aí eu fui na delegacia, tomei as providências e tudo que podia tomar na época, e fiquei procurando o corpo, porque eu não encontrava, eles não falavam onde é que estava. E depois de muito ir para a televisão, para os meios de comunicação, eu consegui encontrar um repórter muito bom, que era um jornalista do Globo que falou: “olha, eu vou ajudar a senhora a

encontrar o corpo da sua filha”. Porque eu queria, até então, saber se ela estava morta ou viva, porque ele podia ter mandado ela para algum lugar, assim como podia ter matado também. E foi por meio desse jornalista que a gente... Saiu na reportagem no Globo, no Fantástico, em tudo quanto foi matéria de jornal e televisão. Eu consegui, um belo dia, encontrar o corpo dela, porque lá, o meu serviço, também foi acionado. Eu trabalho com é... trabalhava com funcionalismo público, trabalhava com uns comandantes, coronéis, e eles já me conheciam, então eles se dispuseram a me dar todo respaldo. Então, por conta disso, de tanto eu ligar para a favela e ameaçar, falar que era eu, que queria o corpo da minha filha, que queria saber onde estava minha filha, eu amedrontei, ameacei tanto eles, também porque eu não estava com medo, que um belo dia, depois de alguns meses, ligaram para a delegacia e informaram onde é que estava o corpo da minha filha.

V: Demorou mais de mês, então?

R: Ah, demorou acho que uns três ou quatro meses. Quer dizer, foi incrível, porque até então, os desaparecimentos de crianças, de pessoas, assim, nunca você encontra, mas como eu tive todo respaldo, e como saía nos jornais sempre... Eu ligava para as favelas, e eu era uma pessoa mais ou menos quente na época, e ele já sabia disso tudo. E eu comecei a ameaçar a mãe, demitir a mãe do emprego, a mãe era, era empregada doméstica e a minha filha tinha, tinha todos os telefones de tudo, ela é toda organizadinha. Aí eu comecei a mexer nas coisas dela, liguei para o serviço da mãe, da mãe dele e falei com a, com a filha, na época, falei: “você sabe quem está trabalhando aí? É a filha de fulano, oh! a mãe de fulano de tal, um marginal. Vocês nem sabem. Que mandou matar minha filha”. Só sei que ela perdeu o emprego. A tia trabalhava em um jogo de bicho, com os bicheiros, e os bicheiros não gostam desse negócio de traficante, essas coisas. E eu liguei, fui lá também, nos bicheiros, falei com os bicheiros tudo. Fiz um reboliço. Depois tive que sair fugida, né. Porque, porque se não ele ia me matar. Aí, resultado, o M. V. era muito pequeno nessa época e ele não falava ainda, porque a minha filha sofria muitos maus tratos, e levava o M. V. como escudo na época. Depois ela me falou: “mãe, não leva ele”, porque às vezes eu queria trazer ele para minha casa, eu chegava na casa dela e ele me agarrava, aí eu ficava com pena, “não mãe, não leva ele que por conta do M. V. é que ele não me bate muito. Porque eu pego o M.V. e corro para o banheiro, ou fico com o M. V. no colo, ele pára de me bater”. Ele demorou muito para falar, quando ele começou a falar ele era gago e eu levei na fonoaudióloga, ele agora não tem mais gagueira, mas troca as letras, vai continuar, continuar com fonoaudióloga de novo,

estou esperando melhorar a situação financeira. Aí, resultado, que quê eu fiz, escondi as fotos da R., todas, porque quando ele era pequenininho, aconteceu, lá no prédio onde a gente morava na S. V., ele dormia com ela, então, que quê acontecia, ela saía e ele ficava com a gente, quando ela chegava, às vezes estava já dormindo, ele ia direto na cama lá no quarto onde ela ficava, chegava lá e não via. Da última vez, ele chegou lá, ele assim em mim (*faz gesto de puxar a roupa*) foi correndo para o quarto, quando chegou no quarto, voltou e veio andando sabe, assim franzidinho, franzindo o cenho. Ai, aquilo me deu uma dó. Eu falei, eu não vou falar para R., para o M.V., que a mãe dele é desaparecida, até então eu sabia, não tinha certeza se ela estava morta ou não. É que eu enrolo, estou te explicando... Resultado, escondi tudo. Quando a gente mudou e fomos para... morar onde nós estamos morando agora, na R. L., ele achou uma foto dela.

V: Você tirou, então, tudo que pudesse lembrá-la?

R: É, porque eu não sabia o que ia acontecer com ele, como é que ele ia ficar, entendeu?

V: Ele fazia alguma pergunta?

R: Não, ele não falava direito, ele não conseguia se comunicar. Eu só entendia pelo jeito dele.

V: Então ele deu conta da falta? Ele a procurava pela casa?

R: Então, é, pelo jeito dele eu percebia. Porque ele entrava no quarto. Quando eu estava com os repórteres, jornalistas, que eu fui na casa de uma amiga dela, que morava lá na... Esqueci-me o lugar... J. B.. Ela ia muito para a casa dessa amiga A. e levava o M. V. A A. tinha uma bebezinha e ela o M. V., eles dormiam lá. Depois eu fiquei descobrindo que de lá ela ia para as festas e deixava o M. V., eu nem sabia. Aí, quando eu cheguei com o M. V. lá, foi lá o ponto de encontro para a reportagem, a primeira coisa, quando ele estava subindo as escadas, que não tinha elevador, ele subiu correndo, correndo, tipo assim, na esperança de encontrar a R. lá. Quando ele chegou lá, ele entrou correndo no quarto onde elas dormiam, não viu a R. e voltou. Aquilo lá me deu uma dó. Quer dizer, ele estava ainda querendo procurar a mãe, mas sem conseguir falar. Aí eu falei para ele assim... Ele falava algumas coisas só. Eu falei: “M., a mamãe não está”, eu falei para ele, aí ele se abraçou em mim, pronto. Aí, voltando, quando nós fomos morar em C. F., teve uma foto pequenininha que ele viu da R. no quarto da tia S., aí ele pegou a foto da R. e trouxe a foto para mim, ele já estava começando a falar, aí ele perguntou assim para mim: “mãe, quem é?” Aí eu percebi que ele não tinha, não lembrava, apagou da mente dele, a mãe. Eu falei: “M., não lembra?” Ele falou: “não, não lembro não.” Eu falei: “essa aqui é sua mãezinha, a R.”

V: Isso foi quanto tempo depois?

R: Ele já estava com uns três anos e pouco. Eu falei: “essa aqui é sua mãezinha, a R., que foi para o céu e pediu para a mamãe tomar conta de você, para a vovó tomar conta de você. Então agora eu sou sua avó e sua mamãe”. Aí ele perguntou: “mas ela foi para o céu como?” Eu falei: “Papai do Céu levou, Papai do Céu levou e os anjinhos levaram a sua mãe”, eu falei para ele. Eu não expliquei, que não tinha o que eu explicar para ele.

V: Essa foi a primeira vez que se falou nela desde o desaparecimento?

R: É, e dessa primeira vez que eu falei nela e, que ele viu a foto, todas as fotos foram abertas para ele. Aí eu comecei a mostrar as fotos dele, aí eu comecei, no mesmo dia eu peguei dela grávida e mostrei; “você lembra da mamãe quando você estava na barriguinha?”. Aí peguei as fotos dele pequenininho, dele mamando, todas as fotos. Foi assim que ele ficou sabendo que a mãe tinha falecido. Eu não sei na cabecinha dele, o que ele entende, porque ele não lembrava dela, eu acho que ele apagou, não sei por quê, como.

V: Depois que você mostrou todas as fotos, ele demonstrou alguma emoção?

R: Até hoje ele não lembra, eu mostrei, ele fez um aninho e ela gravou todo o aniversário, eu mostrei aquele, aquela festa de aniversário para ele no vídeo, ele não lembrava nem do aniversário, não lembrava da R., não lembrava nada, e até hoje ele não lembra. Ele olha, ele falava a R., ele fala: “essa é a R. né, mãe?”, agora não que já passou o tempo, mas na época, “essa é a R?” Eu falei “é a R., a sua mãezinha, a minha filha, que foi para o céu, e você é meu netinho, que agora eu sou sua mãezinha”. E ele levou bem, não teve outros tipos de reação que eu pudesse ter percebido, porque eu presto muita atenção. E não teve não, ficou normal.

V: Ele não teve nenhuma mudança de comportamento?

R: Teve um problema de comportamento sim, ele era muito agressivo. E outro comportamento que ele tinha muito, que eu custei para tirar, ele vinha para a cama e quando eu via, ele estava no chão, dormindo, tá. Eu acredito que é... de repente, às vezes, ela podia colocá-lo na cama, mas quando estava com, com esse homem ela botava ele no chão, eu acho. Entendeu por que custei? Eu o levava para dormir comigo, quando via, acordava, assim o M.V. estava dormindo no chão puro, sabe. Aí eu comecei até a colocar um edredom, assim do lado da cama, para quando eu estivesse dormindo e não o visse, que ele estivesse no edredom e não no chão puro. Esse foi um comportamento que eu percebi mas que eu consegui tirar, entendeu? Com o tempo, não foi rapidinho não, uns meses eu levei para conseguir fazer com que ele viesse para a cama. Acordava ele à noite; “por que você está dormindo no chão? Não tem a caminha? Você não está dormindo

com a vovó?”, entendeu. “Quando dorme aqui é maisquentinho, você vai para o chão, é frio”, sabe. Eu fui falando com ele, entendeu. Aí foi uma das coisas de comportamento. E a agressividade, ele não tinha muito, eu não conseguia que ele se adaptasse com as crianças da idade dele, da mesma faixa etária. Ele quando estava junto, ele só queria brigar, só queria bater, só queria tirar os brinquedos, coisa que é natural de criança, só que eu notava que nele não era tão natural, porque ele tinha alguns detalhes que eu ficava percebendo que eram... sabe ele fazia assim, fechava os punhos, as mãos e ficava assim. Então eu achava que aquilo já era uma coisa que veio dessa situação, que ficou apagada ou ficou na caixinha, que vocês falam que fica no subconsciente, então acredito que fosse isso. Agora ele já está com oito anos, fez agora em setembro, já tem um relacionamento melhor com as crianças. Eu já... ele é muito ciumento, mas eu já... agora tem uma menininha lá em casa, que é filha dessa menina, com quatro anos, ele ficou com ciúme porque até então ele era único, agora tem uma criancinha, uma menina de quatro anos e o bebezinho. Então ele fica: “ah, porque eu não gosto, não gosto”. Eu estou conseguindo tirar dele e falar: “não, ela é uma menininha, a mamãe gosta de você, mas eu tenho que tratar ela bem porque ela está aqui dentro de casa, ela é uma criança. Imagina se você fosse parar na casa de uma pessoa e alguém lá da família te maltratasse, fizesse e falasse que não gostava de você, como você está falando para a garotinha, não pode”. Então eu já estou conseguindo que ela entre dentro do meu quarto junto com ele, o que até então ficava um horror, ele não deixava, ele fechava a porta do quarto. Agora não, ela já entra. Mas eu procuro não ficar forçando muito, porque ele foi uma criança que passou por muitas coisas que eu também não sei e eu imagino só, mas não sei, porque nem tudo a minha filha me contava, né, porque se não eu ia pegar o M.V. “ah, não, deixa ele aqui, fica você lá sozinha com o...” E o homem também gostava muito da criança, ele era assim, o M.V. fazia o que queria. O pai, o homem que eu falo é o pai.

V: O pai ele também não viu mais?

R: Não, ele está preso, eu o condenei, entendeu. Foi uma guerra. Ele nunca mais viu o pai, mas já viu em uma foto. Tem os jornais, todos os jornais eu tenho em casa, até ia trazer para você ver. Eu ia tirar cópia de uma reportagem, se você quiser eu tiro uma cópia para mandar para você. Tem muita coisa, tem uma de jornal... a primeira reportagem conta toda a história. Eu posso tirar uma cópia daquele jornal para mandar para você, para a sua pesquisa é bom você ter. Aí foi isso, que eu me lembre, é que é tanta coisa e já passou um tempo grande. Quando eu fui conversando com você sobre esse assunto, eu, eu falo muitas coisas ao mesmo tempo, porque, devido à

situação... Então aí eu vou falando uma coisa, vou lembrando de outra. Foi isso, se você quiser me perguntar mais alguma coisa.

V: Quando o corpo foi localizado, vocês puderam fazer o enterro? O M.V. foi?

R: Não. Porque sou eu, minha tia, minha irmã, meu filho, agora tem a mulher, que antes não tinha, então, nessa época, que eu vim lá de C. F. para cá, para ver o negócio, é... descobrir onde ela estava como indigente, vim eu e minha tia, só. Porque não tinha por que eu trazê-lo, entendeu. E, eu não me lembro se nessa época ele já sabia do falecimento, eu acho que não. Foi uma coisa muito ruim, porque ela foi enterrada como indigente, estava cheia de tiro, entendeu. No laudo, na necropsia, ela foi... não tinha mais essa parte aqui dos dentes, estava toda cheia de hematomas. Quer dizer, quando ela foi visitá-lo, lá mesmo ele já bateu tanto nela que ela já saiu assim. De lá ela foi parar no morro. Me ligaram lá para casa, porque eu estava procurando por ela, ligaram “olha a R...”, não falou quem é, alguém da comunidade, “a R. está em tal lugar, no morro, em tal lugar”. Foi aí que eu fui na delegacia, fui dar queixa. Quando eu cheguei lá, o delegado disse que não podia subir no morro, ainda mais de noite. Como já tem muitos casos assim, ele nem ligou. Só que eu comecei a fazer um escarcéu mesmo, entendeu. E outra coisa, na época meu filho estava na minha casa e ele sempre soube manejar com, com, com... ai meu Deus do céu, minha

meu espírito”, falava a tia. “Eu não vou deixar não, até eu saber onde é que está o corpo da minha filha”. Aí, de tanto eu encher o saco, um belo dia ligaram lá para a delegacia, para esse caso, porque o delegado também não se importou, entendeu. Só que depois que o delegado não se importou eu fui para a televisão, quando eu fui para a televisão, eu era funcionária pública, nos meus meios do trabalho, saiu decreto no Diário Oficial, saiu um montão de coisa. O delegado, aí designaram o delegado Dr. C. para o meu caso, aí ele ligou para mim, para o meu celular, eu estava lá em I., foi a primeira residência que eu fui. “Ah, porque eu vou tomar conta do caso da sua filha”, eu falei: “agora eu não quero, porque quando eu fui na delegacia, que era para procurar a minha filha, que ela poderia estar viva, mesmo toda quebrada, entendeu, vocês não deram, agora eu não quero”. “Ah não, mas a senhora...”. Aí começaram a falar um montão de coisa, depois acabei deixando que a investigação corresse. Eles começaram a fazer incursão nos morros todinhos, subiam com a polícia procurando o corpo da minha filha. Eles começaram a ir, aquela tropa de polícia, nos morros todinhos, já estava começando a incomodar eles. Então o que é melhor, falar logo onde é que está o corpo dessa menina para essa mulher logo, como eles me chamavam de desgraçada, f. d. p., aí para ficar livre dessa, dessa polícia toda entendeu. Eu botei para quebrar. Você vai ver, vou mandar, quando a tia S. vier aqui vou mandar, tem a foto da polícia subindo, a foto da polícia fazendo os buracos, procurando o corpo, entendeu. Tem as reportagens do jornal, da televisão, tenho tudo. Foi aí que eu, que eu consegui achar, ela já estava decomposta, com duas... tinha umas duas ou três balas e só tinha o cabelo dela que eu reconheci, e a arcada dentária, entendeu, os ossos, mas não tinha mais nada. Porque, como é indigente, é cova rasa né, então, em um instante se decompõe. Foi assim, nós tiramos o corpo, mas também foi uma maratona, porque você não consegue ir lá e pegar um corpo, entendeu. Porque como indigente, teve muito trabalho, muito trabalho até eu conseguir, agora está enterrada lá no cemitério de C. F., entendeu. E foi isso, mais ou menos, que eu me lembro. Se você quiser perguntar mais alguma coisa, se eu lembrar, porque eu vou lembrando aos poucos. Ele está condenado, eu condenei, teve audiência, teve julgamento, eu achei que foi pouco a condenação, onze anos, mas ele já estava lá por mais coisas, né. Eu fiquei sabendo há um tempo atrás, inclusive foi a minha tia que me disse, eu não sei se foi a minha tia ou se foi a C., uma amiga que ela tinha muito íntima, que é madrinha do M. V., falou que ele tentou fugir, ou aconteceu alguma coisa que descobriram, que eu não sei muito bem o que é, e que ele foi... ele já estava para ter um... uma saída, não sei, de alguma coisa, e agora ele ficou condenado de novo. Pegou mais

tempo porque descobriram isso, mais pena, né. É isso que eu sei, nunca mais eu soube de mais nada dele e também não quero saber. Ele andou me procurando, ele liga lá para o meu trabalho, liga não, manda ligar. Tanto que eu não trabalho mais, entendeu. Porque até hoje ele faz ameaças, muitas ameaças para mim, eu sei disso. Ele falou: “olha, eu tirei a sua filha, vou tirar o seu filho”, entendeu. “Porque eu estou aqui e eu tenho todo o tempo do mundo. E quando eu conseguir lhe pegar, a senhora não vai morrer direto não, a senhora vai ver o que eu vou fazer com a senhora”, entendeu. “A senhora vai pedir para morrer e não vai morrer”. Então isso tudo eu tenho gravado na minha cabeça, porque até então eu falava com ele e as ameaças eram muito fortes, e eu sei realmente que ele faz porque bandido faz mesmo. Aí a minha vida mudou, eu tive que sair do serviço, tive que vender meu apartamento, meu e da minha tia. A minha tia... a gente que tinha uma vida sossegada, por conta disso tivemos que praticamente fugir, como se fôssemos os condenados, entendeu. E ele está na cadeia, não sei se lembra de mim. Deve lembrar de mim, mas não sei se pensa em fazer alguma coisa comigo mais. Mas eu sempre fico com o pé atrás, porque ódio, raiva... e tem a lei que tem no morro que quando acontece alguma coisa ninguém pode se manifestar, nem pode falar nada porque eles são os “bambambans”, e eu me manifestei, nunca tive medo, está entendendo. Ele me ameaçava daqui, eu ameaçava ele de lá. Falei para ele que eu tinha um dossiê dele, de quando ele, ele era... ele começou a namorar com a minha filha. Que eu não queria... eu ameaçava muito ele de largar a minha filha, mas ele falava: “a senhora vai para aquele Palácio Guanabara e a senhora não sabe se andando se a senhora vai chegar lá ou se vai chegar em casa”. Ele tinha aquela comunidade do Morro Azul, que era ali no Palácio, eu ia a pé para o meu trabalho e muitas vezes ele ameaçou tirar minha vida para a R. Aí a R. falou: “se você fizer alguma coisa com a minha mãe, aí então é que você nunca mais vai me ter”. E aí minha filha me falava: “mãe vai de ônibus”, eu falei: “R. como é que eu vou de ônibus, eu moro aqui na S. V., pego a P. e estou no Palácio, como é que eu vou de ônibus?”. “Pega um táxi, mãe, pega um carro”. “Mas por quê?”. Aí ela me contou. Ela falava: “mãe se você ficar falando para eu não me encontrar com ele, para ele não fazer isso, as coisas que você fala, simplesmente ele disse que manda te apagar. Passa um carro, passa uma moto, te dá um tiro e você não vai chegar em casa. Eu não quero que você morra, eu faço tudo para ele não fazer isso e eu também ameaço ele de nunca mais ficar com ele. Mas ele fala isso e eu não sei o que que ele pode fazer.” Mas eu continuei, falei: “você pode mandar me matar mas eu tenho um dossiê teu, você manda me matar

e está condenado para o resto da vida”. Eu não tinha dossiê nenhum, mas até hoje ele acha que eu tenho o dossiê e vai continuar achando, entendeu.

V: Voltando um pouco ao seu neto, vocês não falavam nada para ele, mas você me disse que ele percebia a ausência da mãe porque ele dormia com ela e que algumas vezes ele foi procurá-la no quarto. Também, vocês todos estavam sentidos, sofrendo, provavelmente você chorava, sua tia chorava ou o seu filho. O M. V. chegou a ver vocês emocionados ou chorando? Como ele reagia?

R: Chegou, ele não chorava junto, ele ficava olhando. Quando eu descobri, eu estava em I., me ligaram dizendo: “dona R., achamos o corpo da sua filha”, aí eu desabei. Porque até então eu não chorava, eu não chorava, eu tinha... assim sabe... Só fui chorar quando eu fiquei sabendo, que o delegado me ligou dizendo que tinha achado o corpo da minha filha, que ela estava em tal lugar, enterrada em tal lugar. Foi aí que eu desabei, ele era pequenininho, estava com uns dois anos e pouco, três. Eu chorei e ele ficou olhando só, mas eu chorei e ele não, não sabia porque eu estava chorando. Ele ficou só olhando, aí veio me abraçar também, ficou me abraçando mas não chorou não.

V: Bom, se você quiser me perguntar alguma coisa. Muito obrigada R.

Já com o gravador desligado a entrevistada volta a falar. Ouço com atenção e logo após deixar sua casa faço as anotações.

R: Eu fiquei deprimida, eu fiquei muito deprimida. Foi mesmo o M. V. que me ajudou a levantar. Eu fiquei deprimida porque eu ficava assim me achando culpada, achava que eu podia ter feito isso, ter feito aquilo. Mas eu tentei, eu tentei demais fazer a minha filha largar esse cara. Eu pedia, eu conversava, eu até mandei ela para Minas, mas não adiantou. Quando eu via estava ela ligando para ele, falando com ele.

ENTREVISTA 3

Participante: M.

Idade: 40

Profissão: Advogada

Religião: católica não praticante

Grau de parentesco com a criança: mãe

Ente perdido pela criança: pai

Idade da criança na época: oito anos

Idade da criança atualmente: dez anos

Data: 05/03/2007

Antes de passar à entrevista propriamente dita, convém contextualizar, de maneira breve, a perda. Trata-se de uma perda repentina por causa violenta, uma tentativa de assalto seguida de morte.

V: Eu queria que você me falasse um pouco, M., sobre o falecimento do seu marido, focando, principalmente, em como você transmitiu essa notícia para o seu filho.

M: O meu marido faleceu em 2004. Ele estava deixando um amigo em casa e foi vítima de uma tentativa de assalto, ele acabou levando um tiro na cabeça. Ele ficou na UTI do hospital durante uns cinco dias e num primeiro momento eu falei para o meu filho que o pai dele tinha sofrido um acidente de carro. Porque na verdade o que quê aconteceu, ele levou um tiro, o pé dele ficou preso no acelerador, o acelerador, o carro saiu andando e bateu num muro no final da rua. A rua era uma rua assim que não tinha... meio, meio torta assim, então o carro foi reto e tinha um muro na frente, porque a rua desviava assim, sabe. Então eu contei só a parte da batida no muro, falei que ele tinha batido, tinha um acidente, uma batida forte em um muro, que ele estava em estado muito grave, que estava na UTI do hospital, que era um local onde ficavam as pessoas que estavam com um problema muito sério mas que ele estava sendo muito bem cuidado e que eu não sabia o que ia acontecer com ele mas que estava sendo muito bem cuidado. E que era por isso que eu tinha que ficar muito tempo longe, fora, porque o pai dele estava no hospital. Que ele não podia ir porque era na UTI, que era um lugar em que a gente não podia ficar entrando e que criança não podia entrar e, e no primeiro momento eu falei isso. Na verdade, o pai dele estava em

coma, né. Então por isso também eu nem pensei em levá-lo lá porque além de estar em coma, o tiro foi na cabeça, então ele estava absolutamente deformado, a cabeça... não sei se você já viu isso mas é um inchaço anormal, então é uma coisa que você não reconhece quem é. Aí ele ficou em coma durante cinco dias e... é um tempo que o hospital vai dando, vinte e quatro horas, mais quarenta e oito horas, não sei o quê, para ver se ele sai de um estágio, né, até eles considerarem a coma, a morte cerebral, né. Porque existe uma evolução de número um a número dez e ele tem que estar no mínimo no cinco para ele não ser considerado morte cerebral e ele estava no dois e do dois ele não saiu. Então quando eles finalmente me disseram que seria considerada a morte cerebral aí sim eu contei para o P., mas eu contei para o P. só que ele, que o pai dele tinha morrido. Eu entrei no quarto com ele, não deixei ninguém da família entrar, ficamos nós dois, aí eu falei para ele que... eu voltei na história do acidente que tinha sido muito grave e que tentaram, fizeram de tudo mas que não conseguiram salvar e que ele tinha falecido. E aí ele começou, ele berrou muito, ele tinha uma relação muito intensa com o pai, ele berrou, chorou, ficamos abraçados, aí já entrou meus pais, todo mundo que estava do lado de fora, de fora da porta, né, estava a família inteira.

V: Isso foi no final dos cinco dias?

M.: Sim, quando realmente eles me disseram acabou. Ainda demorou um dia mais ou menos para ele ser liberado porque eu fiz doação de órgãos. Depois ele foi cremado, era um desejo que ele já tinha de ser cremado. Então nesse um dia, aí eu já não fiquei no hospital porque ele foi para o Hospital São Paulo para doação e depois para a liberação do corpo foi uma coisa demorada. Nesse um dia eu fiquei com o P. e ele chorou muito, gritou muito quando soube, mas depois parou, acabou. Eu fiz todo mundo... ele tem, o P. tem um monte de primos que ele convive, mas que dois moram na Ilha Bela, dois moram em Ribeirão Preto, um mora em Campinas e a gente catou todo mundo, estava todo mundo na casa, a casa parecia um clube de, de férias, a casa da minha mãe. Parecia um clube, as caminhas pelo chão e todo mundo lá, né. Então eu tenho a impressão que isso deu assim uma, uma segurada nele. Aí a reação dele foi assim de, de cuidar de mim, a preocupação dele toda... E eu tenho a impressão que até, assim, ele não me deixava vê-lo chorar, ele não me deixava... Foi uma coisa assim de, de não me deixar sofrer, então ele ficou durão por um bom tempo, inclusive. Na missa de sétimo dia ele entrou comigo, deitou no meu colo, eu tenho certeza que ele fingiu, fingiu que estava dormindo, saiu carregado, dormindo, para não falar com ninguém, para não ver ninguém. E depois disso, assim, ele fala do pai, sempre

falou, é incrível porque eu achei que ele ia dar um, um apagão porque oito anos, não sei, né. Mas ele lembra de tantas coisas e tantos detalhes, em qualquer situação que tenha uma situação parecida que tenha acontecido com o pai ele já vai “lembra mãe aquela vez que o papai isso, que o papai aquilo?” Então ele fala muito do pai mas ele não chora, ele não mostra tristeza, ele não vai comigo, ele foi cremado e ele foi jogado, as cinzas, num morro na praia, nas pedras ali tem um caminho que vai para o mar que era um lugar que a gente sempre ficou muito, então na época assim de aniversário, finados e tal, eu vou para lá, ele não vai comigo e, assim, ele se desculpa, ele fala “mãe, desculpa, eu não consigo, é muito difícil para mim”. Parece um adultoquinho falando, um anão. “Me desculpa, é muito difícil para mim, eu não consigo”. E, e não vai, não vai, não foi nenhuma vez. E... e... que mais... que mais, não sei mais o que falar para você.

V: Ele chegou a ir ao enterro também, quer dizer à cremação do pai, ou foi apenas à missa de sétimo dia?

M: Então, não foi, ele não foi na cremação, ele não foi no velório. Eu liberei bem para ele porque... assim na verdade eu estava muito confusa, né, porque eu não sabia se tinha que levar na UTI, se não tinha, mas eu não era a fim que ele visse aquela imagem porque ele era muito chegado no pai e o pai estava muito feio, sabe. Era muito difícil. E, assim, o pai dele era um cara é muito... sabe aquelas pessoas que conhecem o mundo inteiro, que é, assim, é o... que todo mundo conhece, dá risada, sabe aquele o engraçado da turma, o tal. Então as meninas do hospital falavam gente parece que tem um ator da globo aqui, porque tinha sempre no hospital umas cinquenta pessoas, sempre, vinte e quatro horas durante cinco dias. Quer dizer a noitão, assim, era mais só os parentes mas ficava muito cheio, todo mundo chorando, chorando, chorando e ele... se o P.entrasse então... muito feio. Então eu não levei ele na UTI para ver e no enterro eu perguntei, mas não insisti, falei para ele que, é, assim, ele nunca tinha ido, né, então eu expliquei como é que era e como que ia estar o pai dele e tal e ele falou que não, ele falou assim, parece que, coisas que, de um jeito que ele já tinha ouvido em algum lugar, ele falou “não, eu quero lembrar do meu pai do jeito que ele era”, ele não foi. No crematório eu nem, nem falei, porque, não sei, você já foi num crematório? É horrível, então eu nem falei nada, graças a Deus, porque foi um terror. E... assim... ele não teve, não foi mal na escola, não teve problema de relacionamento, ele é igual ao pai dele, aquele que todo mundo gosta, que faz o maior sucesso, sabe? Cheio de amigo. Então, sei lá, olhando assim não vejo... mas vejo uma coisa assim, de protecionismo muito grande comigo e medo, eu e ele, de faróis e entrar em casa e sair de casa, os

dois têm pavor. Mas na verdade eu já tinha antes do M. morrer então eu não sei, é uma coisa meio que eu passei para ele já antes sabe? Então eu não sei.

V: Então você não notou nenhuma mudança de comportamento?

M: Então, ele teve uma coisa, uma ligação muito forte comigo, ele faz tudo para não me ver chorar. Então, eu percebo que ele presta muita atenção nas pessoas sabe? Se alguém... se ele percebe que eu dei uma caída ele já... corta a coisa, né. Está sempre querendo saber onde eu estou, com quem eu estou. Não sei te falar até onde isso é coisa de filho homem com mãe mulher, e ainda mas sem pai. Ainda mas que ele tem um avô que fala para ele o tempo todo que ele tem que cuidar da mãe, que ele é o homem da casa. Então, coisa de gente idosa, né... aqueles pensamentos. Se bem que da última vez que o meu pai falou, ele virou para o meu pai e falou “mas a criança aqui sou eu, vô; ela que tem que cuidar de mim”. Porque toda hora eu fico doida, depois que o meu pai fala; meu pai é de idade, então, eu não reclamo muito na frente dele mas depois reclamo, né. Então da última vez ele falou: “vô, a criança aqui sou eu: ela é que tem que cuidar de mim”.

V: Você acha que isso foi um cuidado normal de um filho com uma mãe ou um pouco exagerado? Ele tinha muito medo de você sair de casa, muito medo de se separar de você, mesmo por períodos curtos?

M: Não, não, não, foi muito. Eu acho que tem um pouquinho... Sabe quando você vai numa churrascaria, o ponto para mais, um pontinho a mais assim, um pouquinho a mais. É, eu sempre tenho que dizer aonde eu vou, com quem eu vou, com quem eu estou falando. Eu falo para ele que eu vou chegar às nove, se eu não chego, nove e meia ele já “mãe onde é que você está?”, sabe? Mas nada assim... que me... eu acho que se fosse uma coisa exagerada, nada assim que me sufocasse, sabe. Não fica o tempo todo tenso, não vejo uma tensão muito grande nele, mas eu vejo que ele me cerca, que ele me cuida. Que ele tem assim, até um medo, né, porque só sobrou eu né, então. Eu vejo uma coisa assim, não vejo... Olha, tanto é que ele não fez terapia, embora eu tenha tentado com a minha terapeuta, mas ele não quis, ele não quis. Então, eu levei ele para a, a minha terapeuta, ele não falou nada com ela, ela tentou puxar, saímos da terapia ele falou que ele não queria fazer. E eu não forcei a barra porque eu fico de olho no seguinte, ele não briga com os amigos, não tem problema na escola, nem de aprendizado e nem social, sabe. Ele tem um ciúminho com o primo mais novo, mas, com os primos em geral ele não tem, sabe, problemas, assim, com as pessoas ou que eu tenha que ficar muito preocupada, não sei. Eu tenho uma amiga

que me fala que no futuro que eu vou ver se eu tinha que ter levado ele para a terapia ou não, mas eu não quis forçar a barra não. Não quis porque eu acho que ele está encarando bem, acho que ele encarou melhor que eu, sabe. E eu não queria... porque forçado... eu deixei bem claro para ele que ele podia a qualquer momento, que era legal, que era gostoso, que eu gostava porque eu tinha alguém com quem falar, alguém estranho, deixei tudo isso bem claro, o P. é bem esclarecidinho para a idade dele. Mas eu não queria que... deixar uma coisa como forçado, para ele não ter essa imagem dele mesmo de que ele precisa fazer terapia, de que ele não está bem, entendeu, eu deixei assim, se você não estiver bem, você me fala. Então não fez não.

V: E para você, Mônica, como é que foi? Como foi o seu pesar, o seu luto? Como é que você viveu isso? E o seu filho, ele via toda a sua dor, ele participou?

M: Então, para mim foi um choque violento porque ele não estava doente, ele não tinha nada para morrer, né. Foi uma coisa, “amor olha vou demorar um pouco” e, e não voltou, né. Então ficou aquela coisa de faltar uma despedida, tive uma coisa assim de culpa, é de coisas que não foram ditas, ele tinha, nos últimos três anos, depois que a mãe dele morreu, principalmente, ele entrou numa crise de depressão, o M., muito grande, eu não soube lidar com isso muito bem. Porque, aí o que aconteceu, ele não trabalhava, produzia, trabalhava mas não produzia, dormia muito, eu não soube lidar muito com isso, então eu acho que foram os três últimos anos bem difíceis. Não sei, na verdade, se teria mudado alguma coisa. Também a gente fala em culpa, mas também não é uma coisa que tenha me tirado o sono mas que me passou... que eu podia ter... agido de outras formas. Fiquei muito mal, estou muito mal até hoje, tomo antidepressivo até hoje. Mas assim, para ele, eu também tinha muito essa... assim, ele me pegou em várias situações chorando, porque eu não... assim, de repente alguma coisa acontecia, eu não, não, não segurava, né, chorava ou se não... mas não era uma... eu, eu evitei bastante. Eu evitei bastante, era uma coisa que ele pegou várias situações, mas que eu evitei bastante. Logo que ele morreu, veio o natal, o ano novo, eu não fiz nada de coisas que... do tipo vamos fazer um minuto de silêncio para o M., ou coisa parecida, eu não fiz nada disso. Não tive, assim... deixei a coisa bem... foi bem difícil, não conseguia lidar muito com isso, sabe. Tipo assim, a minha terapeuta me falava que eu tinha que no natal é, virar e falar vamos pensar no seu pai, eu tentava fazer isso mas era uma coisa muito rápida, eu não conseguia parar muito nesse assunto, sabe. Então, nas épocas assim de festa e tal eu...falava assim rapidamente: “ah! Vamos pensar no papai” e tal, não sei o quê, mas fugia um pouco, fugia um pouco desse, desse assunto. Mas me pegou chorando várias vezes. Ele dormiu

comigo, na minha cama, por quase um ano, e eu, na verdade, até hoje eu não sei se ele dormia na minha cama porque ele precisava ou porque eu precisava. Eu sei que ele se enfiava lá na minha cama, dormia lá comigo.

V: E hoje ele já dorme sozinho?

M: Não, já faz tempo. De vez em quando ele se enfia na minha cama, mas hoje eu percebo que é safadeza.

V: Mas como é que foi para fazê-lo voltar à cama dele?

M: Cheguei para ele e falei: “ô meu, essa cama é minha, você se mexe demais, quando é que você vai dormir na sua cama?” porque eu comecei já há um tempo, ele, ele, ele ficou meio irredutível nisso, né. Então, ele queria continuar, ele falava que eu não gostava dele, eu falava: “não, eu gosto, mas eu não consigo dormir, você se mexe muito, para que quê você tem seu quarto e eu tenho o meu, né, cada um tem o seu e tal”. Mas assim, o P., o P. ele é um menino super explosivo, quando ele explode, explode mesmo, mas demora para ele explodir e quando ele não explode ele é um doce. Sabe, assim, se o copo transbordar sai de baixo, mas eu também já aprendi a lidar com ele, eu simplesmente saio de baixo, saio e converso depois. Mas, fora esses momentos de explosão, que eu acho que até mais ele puxou o meu modelo do que... não vieram porque aconteceu isso tudo, ele já era, e eu acho que, que eu sou assim também, sabe. Então, fora isso, ele é muito fácil, ele é muito... me entende muito e, e topa muitas coisas. Na hora que eu virei e falei mesmo: “oh! Chega!”, ele chega. Um pouco assustado, ele, além do negócio da rua, ele sempre quer saber se a porta está trancada. E uma época ele veio com umas histórias, que eu falei “você não é um bebê para pensar um negócio desses”. Ele achava que iam botar uma escada e subir pela janela, ele vinha com esse papo para cima de mim, que eu acho que era mais charme, porque eu moro no décimo terceiro andar, sabe, então alguém subir pela janela, isso é coisa de garotinho de cinco anos, o P. não... até de dez anos, mas não ele, ele é muito esperto sabe. Então, eu acho até que ele fazia meio de charme, ele é assim, ele fez muita coisa, ele usou bastante, eu acho que até é inconsciente porque ele é muito bonzinho, mas ele usou bastante essa história da morte do pai dele para conseguir muita coisa comigo, e conseguiu muita coisa comigo até. Na verdade, ele é bem mimadinho. Nossa como eu estou me contradizendo né, porque ele é tão bonzinho, mas ele é bem mimadinho. Mas assim, sabe aquele menino que faz tudo que você quer, mas em compensação, ele quer também, né, é uma coisa assim. Então, ele é um pouco assustado, ele quer que a luz do corredor fique acesa, não a do quarto dele. E assim, fica acesa, mas a porta

dele fica encostada, é só para ter um, um, uma luzinha mesmo. Não vi, não vejo nada em excesso, percebo que ele é um pouco assustado.

V: E ele não sabe que foi um crime?

M: Ah, então perdi essa parte, né, pulei essa parte, sabe claro. Ele soube logo, ele soube logo, na verdade, eu sabia que eu tinha esquecido alguma coisa. O que quê acontece, passou uns quinze dias mais ou menos, eu contei para ele. Porque, logo que o pai dele morreu eu não tinha cabeça para nada, então eu falei, não eu agora vou falar isso, e, mas eu sabia que eu tinha que contar, que ele não podia descobrir isso, porque foi uma coisa que o bairro inteiro soube, e a gente mora em apartamento, imagina todo mundo, a molecada toda sabendo. Foi do lado lá de casa, foi perto, era um, um cara que morava na rua debaixo, sabe uma coisa assim, que ele foi dar uma carona e então muita gente ficou sabendo. Eu sabia que eu ia ter que contar para ele assim que, que a gente voltasse, eu fiquei, na verdade não fiquei na casa dos meus pais, fiquei esses cinco dias e mais uns dois, depois voltei para a minha casa. Mas eu morria de medo, eu fiquei uns três dias em casa e já contei, então acho que com uns dez dias, porque eu morria de medo que alguém comentasse com ele. Então, como ele não estava saindo, tudo bem, mas depois, quando eles já começaram a vir lá chamar ele, eu já contei logo, para resolver. Então, o que quê eu falei para ele, eu falei que realmente que o pai dele tinha tido uma batida forte com o carro e que tinha batido no muro, do jeito que eu falei, mas que essa batida forte foi porque tinham tentado assaltar e ele tinha tomado um tiro e ele fez assim “nossa, mãe, mesmo?” e tal, mas não ficou bravo, não ficou, sabe? Ele só fez “nossa, mãe, mesmo?”, tal. Mas assim, nossa eu falei toda essa parte do assustado e você achando que eu não tinha contado do tiro, né. Eu contei, eu sempre quis contar, eu só não consegui de cara porque eu estava muito pó para ter uma conversa assim, mas...

V: Você me falou que tem uma família muito grande, uma rede de apoio social; me pareceu, muito forte, muito legal. Como que foi ter todas essas pessoas? Te ajudou bastante, e ao seu filho?

M: Então, logo que eu voltei para a minha casa, os meus pais não queriam que eu voltasse para a minha casa de jeito nenhum, né. Mas, eu não quis ficar na casa deles porque, assim, eu, eu... engraçado, eu tenho uma irmã viúva também, como eu, ficou viúva também nova e, ela não teve filhos, então não serve para você (risos). Mas logo que... eu fiquei morrendo de medo de ceder à tentação de me enfiar na casa dos meus pais e não sair de lá, né. E não é o meu perfil. Ele morreu e eu não fiquei nem até a missa de sétimo dia, saí antes, saí antes. Foram os cinco dias que, eu na

verdade eu não fiquei lá, eu fiquei vinte e quatro horas por dia no hospital. Eu não fiquei em lugar nenhum, meu filho ficou lá durante os cinco dias, vim para a casa dos meus pais nesse um dia de doação de órgãos, de negócio de Instituto Médico Legal, ah, teve que ainda ir para o Instituto Médico legal porque foi tiro, né. Tinha que ter autorização para o crematório, porque não ia poder fazer biópsia, autópsia, autópsia. Então, esse um dia dessa confusão, eu fiquei nos meus pais, aqui que nem uma louca, eu me enfiei num shopping e falei que eu precisava de roupa nova e branca e comprei um monte de roupa. Mas fiquei nos meus pais, mas isso foi no quinto dia à noite, aí às três horas da tarde do dia seguinte ele já estava no velório. Então não foi tanto assim, foi até às três horas da tarde. Então fiquei no velório, aí fiquei no velório... a noite inteira, ou fechou, olha, engraçado, né, como a gente tem uns brancos de certas coisas, você sabe que tanta gente esteve lá e eu não, não lembro, comentam que estiveram e eu não lembro, sabe. Depois eu li aquela listinha ali, vi um monte de nome que eu não vi, mas enfim, não me lembro se eu passei a noite inteira no velório ou se eu voltei. Porque tem velório que fecha, né. É, não faço a menor idéia. Ah! Não, passei a noite inteira, lembrei agora, é, lembrei que eu fiquei no carro com uma amiga minha conversando. Passei a noite inteira no velório, no dia seguinte de manhã fui para, para o crematório, aí fui para a casa dos meus pais e dormi esse dia na casa dos meus pais, e eu acho que no dia seguinte também, depois fui para a minha casa. Aí, todo mundo desesperado, né, e realmente o que você me perguntou, um suporte enorme, família toda paparicando, nunca fiquei sozinha um minuto. Então, a minha mãe, que quê ela fez, a minha mãe não, a minha cunhada, mulher do meu irmão, o meu irmão que mora em Campinas, a mulher dele tem um filho pequeno, filha pequena e não estava trabalhando, então a mulher do meu irmão pegou o bebê e foi ficar na minha casa, se enfiou lá, ficou lá uns dez dias. Ela dizia que o bebê ia fazer bem, não era bebê, já andava assim.

V: E fez?

M: Fez, fez, ah! Distraiu bastante, não só a mim como ao P. também, aliás, essa menininha é o xodó do P. talvez até meio que por causa disso. Ficou lá uns dez dias, depois foi embora e nós

Mas aí era férias então o P. já ficava na casa de um, na casa do outro, eu tenho gente em tudo quanto é canto, então ele ficou na praia, ficou também em Ribeirão, parece, alguns dias. Aí depois, quando começaram as aulas, aí vida normal, aí já acabaram os paparicos todos. É lógico que o P. sempre vai ter paparicos, né, todo mundo trata o P. assim, lembra né, sempre lembra e, e... certas coisas, certos momentos ele tem lá as regalias dele. Mas, em contrapartida, também é bem complicado, dia dos pais, né.

V: Como é o dia dos pais para ele?

M: Ah! Dia dos pais é uma droga, porque na escola fazem presente para os pais. E eu conversei lá na orientação e, elas disseram que não iam forçar, que iam deixar ele bem à vontade para decidir se queria ou não participar. Não sei se elas falaram isso para mim e depois induziram, mas eu sei que ele sempre fez. A professora dele ano passado era uma amiga minha, então ela disse que ele queria, ele topava fazer mesmo e que ela falava “ah! Dá para alguém que você gosta”, mas ele nunca deu para ninguém.

V: Ele guarda?

M: Não, jogava lá e dane-se. Entendeu, ele fazia mas... teve um que era, um era loção pós-barba e tal, eu deixei jogado mesmo, mas teve... não, teve um que era hidratante e sabonete aí ele me deu, mas ele me deu porque eu cutuquei, eu falei “pô! Dá para mim, meu. Você fez, você quer dar para alguém? Você pode dar para o seu avó, você pode dar para o seu tio, o seu padrinho, né, mas se você não quiser dar para ninguém dá para mim” aí ele dava. E assim como a comemoração do dia dos pais é em um dia diferente, é no sábado, então a gente simplesmente não ia e pronto. Então nessa parte pelo menos não teve esse constrangimento. Agora... eu via os presentes, até... eu não sei se para ele mas para mim a comemoração mais dura sempre foi dia dos pais. Porque eu tenho pai, então, no primeiro dia dos pais eu não fui, eu fui antes, no primeiro, no primeiro ano, eu fui antes e eu falei “olha pai eu tenho pai, eu sei, aqui está seu presente, eu te amo, mas meu filho não tem e eu não estou a fim logo da cara de vir aqui”. Peguei o P. e fomos no parque, sei lá fomos... nada extravagante mas saímos no dia nós dois, passamos um dia assim, eu e ele mesmo. Mas depois no ano seguinte eu já fui, falei olha... eu expliquei pro P. né, porque aí eu achei que ele já estava mais fortinho, né. Expliquei para ele, ele falou “não, mãe, claro, o vovô” e tal, foi... tudo bem.

V: Vocês já tiveram a oportunidade de conversar, seja na comemoração da escola, seja na da família de vocês, sobre como ele se sente?

M: Não, a gente sempre fala coisas do tipo: “é, estou com saudades do papai”, “o papai me faz muita falta”, ele fala que também faz para ele, inclusive nessas datas, em especial, a gente fala mais, entendeu? Sempre rola isso, mas é bem contido, mas sempre acontece, mas é mais eu que puxo do que ele no espontâneo que vem e fala “ai! Mãe, estou com saudade do meu pai”, não, ele no espontâneo conta casos sempre engraçados, porque o pai sempre tinha muita coisa engraçada, então é sempre uma referência engraçada, uma referência alegre do pai. Quem fala “ai! Eu estou com saudade do seu pai” e tal, sou eu, não é ele não.

V: Tem algo mais que você queira me dizer ou queira me perguntar?

M: Não, não. Quer dizer, eu não sei se interessa para você, mas depois nós tivemos a história do seqüestro relâmpago. Uns três meses depois ligaram dizendo que estavam com uma arma na cabeça da minha irmã. Não era verdade, era esses trotes, mas em 2004 esses trotes ainda não eram tão divulgados. Ligaram para mim, ele estava do meu lado, ele... Eu saí de casa, eu paguei, porque eu tinha acabado de perder o meu marido com um tiro na cabeça e eles disseram que a minha irmã estava com uma arma na cabeça. Quer dizer foi uma coincidência, para eles, feliz, né. Porque eles não sabiam, é essas coisas de... dos presídios de vocês lá. Eu paguei oitenta reais de conta de celular lá do Rio. Eu paguei, eu fui até o banco e tal e o P. em casa. Eu estava tão nervosa, eu só escrevi em um bilhete assim, alguma coisa, que ele não entendeu nada mas eu falei... que a empregada estava chegando, né, e ele era acostumado a ficar com ela, então eu só falei... ele já tinha oito anos, eu só falei que ela estava chegando, para ele esperar um pouquinho que eu ia no banco e tal. Tentei fazer um bilhete para ele, mas ele não entendeu nada, a minha mão tremia também, enfim. E aí o que quê aconteceu, na verdade, ele talvez nem ficasse tão ligado nisso, mas, depois que eu paguei, eles continuaram ligando.

V: Mas ele percebeu que era um seqüestro?

M: Então, aí ele, aí ele soube, porque aí veio meu pai, minha mãe, tudo lá em casa e tal, né. E os caras continuaram ligando e aí o que eu fiz, eu já tinha um apartamento, porque quando meu marido morreu a gente estava com um apartamento para mudar e... o apartamento já estava pronto, eu é que estava dando aquela segurada porque eu não estava assim muito... Mas ele já tinha pronto, ele já estava pintado, ele já tinha armários. Então o que eu fiz; nesse mesmo dia eu liguei para uma daquelas empresas que embalam tudo, eu não embalei absolutamente nada, eu tirei minhas calcinhas e minhas jóias. Liguei para uma dessas empresas e mudei no dia seguinte de manhã, ele não deve ter acreditado, né. Essa história aconteceu na sexta-feira ao meio dia, no

sábado ao meio-dia estávamos na casa nova, telefone trocado, com tudo mudado, né. Eu dei uma disfarçada, falei não P... e hoje ele vê que... já fizeram com o meu pai de novo, só que agora meu pai não caiu, mas fizeram com uma mulher gritando no fundo, sabe. Meu pai velhinho, foi um horror. Mas agora ele sabe que... estão fazendo mesmo com todo mundo, que não é com a gente. Mas, na época, talvez ele tenha dado uma balançada, porque foi aquela coisa de vamos sair correndo daqui, porque os caras ligando, eles sabiam meu endereço, da minha família, eles sabiam muita coisa, sabe, mais do que o normal. Eu não sei quem... Antigamente, a gente preenchia, a gente falava, dava essas entrevistas pelo telefone. Imagina, hoje em dia a mulher da telefônica me liga e fala que tem o produto tal eu falo: “é? Qual é o produto”, ela fala, eu falo: “está bom eu ligo para a telefônica depois e, e contrato”, mas nem para a mulher da telefônica eu dou meu nome, mas antigamente, né. Quando alguém liga e fala quem está falando, eu falo você não sabe para quem você ligou, então não era para mim e desligo. Se a pessoa não sabe o nome, nossa eu nem ouço, nem ouço.

Já com o gravador desligado M. volta a falar, assim que saio do local da entrevista tomo nota.

M: Outra coisa, eu tenho pânico de avião, mas isso eu já tinha, então meu filho vai para a Disney, aí estava pensando se eu ia com ele ou se mandava ele com a minha irmã, que minha irmã vai também levar o filho. Aí minha irmã virou para mim e disse: “olha se o avião cair, você prefere estar lá com seu filho?”. Então, resultado, já vou para a Disney.

ENTREVISTA 4

Participante: F.

Idade: 42

Profissão: Psicóloga

Religião: não tem

Grau de parentesco com a criança: mãe

Ente perdido pela criança: irmã

Idade da criança na época: quatro anos

Idade da criança atualmente: sete anos

Data: 10/04/2007

Antes de passar à entrevista propriamente dita, convém contextualizar, de maneira breve, a perda. Trata-se de uma perda repentina por acidente causado por escapamento de gás. G., filha mais velha de F.; com onze anos na época; chegou da escola, almoçou com a família e dirigiu-se ao banheiro para tomar banho, houve um acidente com o gás e ela veio a falecer imediatamente.

V: F. eu queria que você me falasse um pouco sobre o falecimento da sua filha, focando, principalmente, em como você contou, como você passou a notícia para o seu filho.

F: Olha só, foi um acidente, então foi uma coisa inesperada, completamente inesperada. O A., ele tinha acabado de sair de casa, porque ela chegava da escola e ele saía, eram horários diferentes, né. Então ele foi para a escola, ela chegou, almoçou, a gente almoçou junto, em família, ela foi tomar banho deu um escapamento de gás, ela morreu. Então o que aconteceu, assim, o A. ele acabou participando pouco da coisa no dia, porque da escola ele já foi para a casa de uma pessoa, ele não viu o sepultamento, na verdade, ele não viu o velório, não foi sepultamento, ela foi cremada. Então, eu só fui ver o A. no dia seguinte.

V: Essa questão dele sair da escola e ir para a casa de uma outra pessoa, isso foi...

F: Já foi uma orientação minha, eu pedi para uma pessoa ir buscar, para ele ir para lá.

V: Era um parente seu?

F: Era o meu irmão. Eu não quis que ele presenciasse a coisa no dia, na verdade, eu até queria, eu acho que eu queria que ele fosse ao velório, só que já não dava porque eu já não conseguia sair do

velório, porque eu queria que eu contasse, eu não queria que ninguém contasse, né. Então, não dava para eu sair do velório, então ele não foi ao velório, ele participou, assim, de todas as missas depois, da G., mas, do velório em si, ele não participou. Então, eu fui ver o A. no dia seguinte, logo depois do velório, eu fui para a casa do meu irmão e, fui contar, e aí, eu e meu marido, e eu falei... eu falei, assim, de uma forma, eu acho que muito direta e ele, apesar dos quatro anos só, me surpreendeu, assim, a seriedade com que ele recebeu a notícia. Eu falei que, que a gente tinha uma coisa muito chata para contar para ele, que a gente precisava conversar primeiro, porque a gente tinha uma coisa triste para contar para ele, que tinha acontecido uma coisa com a G., que a G. passou mal, passou mal, caiu e morreu. Na hora o semblante dele mudou completamente, ele abaixou a cabeça, super sério e falou assim: “mas ela não foi ao médico?” Aí a gente falou assim: “olha ela...” - meu marido é médico - “papai chegou logo depois, mas, não foi possível fazer nada, não deu mais tempo e, enfim, ela morreu”. Aí ele abaixou a cabeça e deitou aqui no meu ombro, a gente abraçou ele, choramos juntos. Eu acho que foi uma forma muito direta, acho que ele recebeu dessa forma também. Depois ficou uma coisa assim, a G. está no céu. Mas ele sabia que era uma coisa, assim, que realmente não ia ter volta. Ele ficou assim, os dois primeiros meses, talvez mais no primeiro mês, ele ficava assim: “mãe, eu vou com a minha espada, com a minha corda de homem aranha, vou jogar no céu e vou buscar a G. para gente”. E a gente falava que essa coisa de ficar no céu é uma forma da gente falar, mas que não dava para buscar, trazer do céu para cá de volta.

V: Isso vocês explicavam para ele?

F: Isso a gente falava, assim, tinha uma coisa bem direta. Algumas pessoas da família... as vezes eu ouço ele falar assim: “é mãe, porque virou uma estrelinha, né”, entendeu, as pessoas começam a falar muito isso. A gente... Uma coisa mais assim, menos fantasiosa com relação a isso, embora tenha até a coisa do céu, que eu acho que até eu tinha um pouco isso, assim, no sentido de que está em uma outra dimensão que eu não sei qual é. Mas não tinha essa coisa, assim, de ter um contato, “ah!, um dia...”, não. Assim, morreu, a gente não vai ver mais a G., e isso ficou. Não contei como aconteceu. Mais tarde, ele começou a perguntar, alguns meses depois, ele voltava ao assunto, voltou ao assunto quinhentas mil vezes. Esse foi só, assim, o primeiro momento mesmo. Então ele voltava assim, é: “mas como foi mesmo que aconteceu?”. Aí eu contava, aí eu comecei a contar que foi no banheiro de casa, que ela chegou da escola, que ela foi almoçar, e aí ele começou... aí, que foi no banheiro, ela caiu. Passava mais um tempo, ele voltava, aí, assim, a

gente foi dando mais detalhes, porque aí, ele queria saber, assim: “mas como é que é isso do gás? Por que quê o gás mata?”. E aí a gente ia montando, assim, de acordo com o que ele ia perguntando, a história. Eu, no início, eu tinha um certo receio de falar para ele essa coisa do banheiro porque é o banheiro da casa, eu achei que ele ia ficar... não ia querer tomar banho no banheiro, ia ter uma coisa assim. Mas, acho que ele foi elaborando o luto dele assim, ia e voltava, né. Na análise dele, assim, ele já estava em análise quando a G. faleceu, ele tinha entrado para a análise uns dois meses antes, logo que ele completou quatro anos. Então, ele começou a elaborar melhor essas coisas, ele tinha uma brincadeira na análise de montar uma cabana e de repente a cabana desmoronava, e aí ele ficava com raiva da analista, porque ele achava que a analista tinha desmoronado, mas ele começou a lidar com essa coisa, disse que se desfaz e montar de novo de um outro jeito, então, assim, foi trabalhando isso em análise. Tinha uma outra coisa também que ele trabalhava muito em análise que agora eu não me lembro exatamente o que era, uma coisa... um super-herói fazia algo, que ora ele conseguia, ora ele não conseguia. Uma outra coisa que ele também fazia muito, que eu acho que foi um pouco do que a gente falou para ele, que a gente não conseguia, não consegui salvar a G., que a gente chegou, fez o que podia ser feito mas que não tinha dado tempo. Então, por exemplo, nessa época ele andava de mão dada comigo e tal, de repente ele tropeçava, aí... e eu segurava, né, ele: “ufa! Que bom que você conseguiu me segurar, não é mãe?” Eu falei assim: “é, estou de mãos dadas, dá para segurar”. Mas, essa coisa assim, do que quê a mãe consegue, do que quê a mãe não consegue. Uma outra reação – não sei se te interessa essa coisa da reação – uma outra reação que ele tinha também era assim, logo no início, muita agressividade comigo, então, eu acho que tinha uma coisa assim, tipo: como é que você não salvou a G., como é que você deixou isso acontecer, isso escapar assim. Uma outra coisa que eu acho que fala também do luto dele, a gente é... como o acidente foi em casa, a gente saiu desse apartamento, eu achei que eu nunca mais fosse conseguir voltar para essa casa, então a gente alugou um apartamento para decidir o que quê ia fazer com ele, se ia vender, se ia alugar, o que quê ia fazer e a gente foi para um apartamento alugado, que não era nosso.

V: Logo em seguida?

F: É, eu fiquei uma semana na casa do meu irmão e aí, da casa do meu irmão eu fui para a casa dos meus pais em Santos, acho que eu fiquei uns quinze dias e aí voltei. E aí, quando eu voltei para o Rio, que os meus pais são de Santos, quando eu voltei para o Rio, eu contei para ele desse apartamento que tínhamos alugado... com os móveis da gente mas, assim, uma coisa meio

provisória e a gente ficou, acho que uns dois meses nesse apartamento e a gente optou por voltar para a nossa casa, a gente resolveu voltar. Aí, depois de um tempo, a gente passava por essa casa e ele falava assim: “mãe, lembra que a gente morou nessa casa?”, eu falei: “lembro”, aí ele: “é a casa preta”. Aí eu disse: “a casa preta? por que quê é a casa preta?”, ele: “lembra que entramos eu, você e o papai, sem a G?”. Então eu acho assim, que o que estabeleceu ali foi a casa da dor, do luto, a fase que a gente estava mais fragilizado, nos primeiros meses, os dias mais difíceis mesmo, essa transição da vida diferente. Então foi isso, foi uma forma assim, muito direta, foi a única coisa que me veio na cabeça, era que eu não queria... não queria fantasiar, não queria passar para ele a idéia de que vai e volta, não sei se é porque eu tenho uma visão muito dura, então para mim era isso, nem me passou outra coisa pela cabeça. Agora, ele, às vezes, traz essa coisa assim, de estrela, mas ele sabe que é uma estrela que não volta, que não tem mais a forma da irmã dele. Tinha outra coisa que me escapou, que eu achava importante te falar. Assim, eu tive, depois, um certo arrependimento de ele não ter participado do velório, isso é uma coisa que eu, hoje, eu teria feito diferente, acho que para ele era importante. Enfim, participou de todos os rituais, assim, de missa que a gente fazia e tal, apesar de não ser católico, mas, essa coisa assim da missa, várias vezes, a gente fez e tal, principalmente as primeiras missas, foram missas muito... com foto dela, missas muito emocionantes, essas, principalmente, ele participou de todas. Mas ele, vira e mexe, ele ficava perguntando ainda sobre coisas... sobre o dia, como aconteceu e a gente nunca escondendo nada, à medida que ele ia perguntando a gente ia falando. E depois, muito sobre o que quê acontece, se enterra, como é que enterra, é, uma coisa assim. Quando foi ano passado, uma pessoa da família, uma pessoa afastada, faleceu e aí eu deixei ele, acho que na casa de alguém ou com alguém, não me lembro. E aí, ele falou assim: “aonde é que você foi?” eu falei assim: “eu fui no enterro do Gil, o avô da Babi morreu, a mamãe e o papai foram lá”, ele falou assim: “por que você não me chamou para ir?”, aí eu falei assim; “no Gil, filho?”, daí ele: “mas eu queria ir”. Aí eu fiquei com aquilo na cabeça, assim, não foi no da irmã, não viu como é essa história. E aí, um tempo depois, uns dois meses depois, morreu a sogra de uma pessoa muito amiga minha, e aí, eu fui, não tinha com quem deixar, mas eu achei que era a oportunidade de levá-lo e realmente, assim, ele precisava ir em um enterro. Para mim, ficou claro como foi importante ele ter ido, ele se comportou como um rapaz, assim, investigando e, ao mesmo tempo, consolando as pessoas. Foi meio a sensação do enterro, né, porque ele tem uma cara, assim, meio madura, então, ele chegava lá no corpo, ele ficava na ponta do pé para olhar e ia ver uma coisa, ia

ver outra e aí, na hora de sepultar mesmo, de enterrar, ele ficou lá na frente com os familiares, a gente lá atrás, ele foi para lá para ver como é que enterrava, e falava e perguntava. Enfim, e aí, todo mundo: “nossa! Mas ele é tão pequeno para estar aqui!”, porque as pessoas criticam um pouco isso, inclusive, depois, na minha família, isso deu história, porque eu era doida de levar o menino mais uma vez para ver uma coisa assim. E aí, na volta, né, aquela coisa assim, de todo mundo voltar meio cabisbaixo e tal, e ele de mão dada com essa minha amiga, atrás de mim, e eu ouvindo ela chorando, e ele assim: “Leo, não chora por causa disso, isso é coisa da vida, isso é uma coisa da vida, todo mundo morre, até criança morre, a minha irmã morreu”.

V: Ele estava com que idade?

F: Isso foi ano passado, foi agosto do ano passado. Ele estava com seis, ele fez sete agora, estava com seis. Então, “isso é coisa da vida, até criança morre”, então, tipo assim, imagina uma pessoa idosa. Enfim, me surpreendeu e eu achei, assim, como foi importante para ele, assim, finalizou essa história, ele não pergunta mais o que quê enterra, o que quê não enterra, como é que faz, como é que não faz. Às vezes, ele fala assim, como é que ele quer que seja com ele. Mas, não fica perguntando, assim, como é que é, como é que não é.

V: E como ele fala que quer que seja com ele?

F: Ele fala que quer ser enterrado, porque eu acho que ele viu. E aí, assim: “mas o da G. mesmo, como é que foi?”, eu falei: “o da G. foi cremado, você até participou depois quando a gente foi jogar as cinzas”. Porque, a gente jogou na escola deles, porque a escola deles fica na mata, em Santa Teresa, no meio do morro, então a gente jogou ali na área verde e a escola fez uma cerimônia comum.

V: E ele foi com vocês?

F: Todas as cerimônias depois, ele foi.

V: E ele sabia o que estava se passando ali, que vocês estavam lá para espalhar as cinzas da G.?

F: Sabia, sabia. Ele participou de todas essas cerimônias, ele participou de todas essas mais marcantes. Isso deve ter sido, não me lembro direito, mas, mais ou menos um mês depois da morte dela. Então ele sabia, foram pessoas da família e algumas pessoas da escola mais chegadas, porque a G. estudou lá desde bebê e o A. também, não sei se você conhece, é o CEAT. A gente já tem contato com a escola há mais de dez anos, foram algumas pessoas da escola, alguns professores, alguns pais muito chegados e algumas pessoas da minha família e ele inclusive. Aí depois ele oscilava: “não, então, vou querer ser cremado também, não, então, não quero ser

cremado”, aí de vez em quando fica uma coisa assim. Um outro questionamento que ele ainda traz é: por quê Deus achou que estava na hora da G. morrer. Ele fala assim: “mãe, eu fico pensando, por quê Deus achou que estava na hora da G. morrer, por que quê estava na hora dela morrer?”

V: A escola dele é uma escola católica?

F: Não. A gente não tem religião, mas tem muito essa coisa de Deus, tem fé, principalmente o pai dele tem mais, uma coisa mais religiosa, não é religiosa, porque não tem religião; espiritualidade. Então ele fica assim: “por que quê estava na hora?”. Enfim, conversa ainda sobre isso, acho que ele ainda elabora isso. Uma outra coisa que ele fala também muito, se estava na hora, aí ele fala que ele não quer morrer cedo. Eu percebo assim, que ele, ele vem construindo essa questão para ele, assim, elaborando, como um adulto, né, só que de uma outra forma, óbvio. Acho que ele vai e volta, elabora, tem épocas que ele fala mais, tem épocas que ele fala menos. No início tinha muito uma coisa assim, de culpa, ele falava assim: “mãe, eu brigava tanto com a G, não é?”, eu falava: “não, é porque irmão briga mesmo”. Aí ele falava assim: “mas eu chamava ela de idiota”, aí eu falei: “ela também te chamava”. Mas, assim, um pouco foi esse componente de culpa, hoje, já não mais, hoje é mais assim, lembranças, às vezes de coisas assim, que nem podia passar pela minha cabeça que ele lembrava, ele era muito pequeno e a gente nunca mais comentou daquilo, nem eu me lembrava, e ele retoma. Assim, quando ele está passando numa fase que tem a ver com a história, ele retoma. Noutro dia ele foi convidado para patinar no gelo na Barra e a G. ia muito, e ele foi bebê, assim, muito pequeno, ele falou assim: “mas eu não sei patinar, eu acho que eu não vou, mas a G. sabia, não é, mãe?”, “como você sabe que a G. sabia?”, “porque a gente ia, eu lembro que a gente ia, você levava a gente para ela patinar”. Então, uma coisa assim, meio idealizada também, que ela sabia tudo e ele não sabe nada. Também muito no início, assim, ele ficava... às vezes parecia até um velhinho, assim, com recordações, andando na rua com ele, de repente, ele falava assim: “mãe, lembra que você fazia não sei o quê, contava uma história para a gente que era não sei o quê, parará...”, trazendo lembranças de coisas antigas, sempre contando para a gente: “lembra...”, começava sempre assim: “lembra...” e aí contava uma história. Outras vezes, ele pedia para ir para a Igreja e era uma coisa, assim, que era tão engraçado, porque um pouco antes da G. morrer ele pedia para ir à Igreja e a gente achava muito, eu achava, isso muito engraçado, porque a gente não tem o hábito de ir; antes, então, menos ainda, depois, a gente até fazia missa, essas coisas assim, mas antes, não tinha essa história. E ele gostava de entrar na

Igreja, de ver como é que era a Igreja, e às vezes, depois disso, depois da morte, ele trazia isso de querer entrar em Igreja. Hoje em dia ele fala assim, outro dia ele falou assim: “ai! Eu não paro de pensar na minha irmã, eu não paro de pensar nela”. E é isso, sempre vai e volta, é um assunto que ainda está se elaborando mesmo, acho que ainda tem muito chão aí pela frente, para todo mundo.

V: Com que idade a G. faleceu?

F: Com onze anos, tinha sete anos de diferença.

V: No dia do acidente, ele saiu da escola e foi para a casa do seu irmão e acabou dormindo lá, você só o viu no dia seguinte. Ele questionou algo? Ele não achou estranho? Não perguntou: por que eu não estou indo para a minha casa?

F: Não, isso é uma característica dos meus filhos, assim, muito aberto para ir para outro lugar, para passear, nunca foram de estranhar, nem a G. e nem ele. Ele foi para a casa do tio, que ele adorava, ficou com a empregada, que era a nossa empregada, vendo desenho, assistindo NET, sem parar, porque isso era uma coisa que ele adorava e na minha casa não tem. Então ele gostava de lá, até porque, assistia desenho. Assistiu desenho, jantou e dormiu. Assim, foi muito rápido, ele chega da escola muito tarde. Meu irmão e a minha cunhada também já não estavam lá, foi mais uma coisa da minha empregada, a pessoa do transporte, que é uma pessoa de muita confiança falou com ele: “olha, a sua mãe ligou, falou que você vai ficar na casa do tio V. hoje”. Não sei nem se ele se tocou que ele ia dormir, ia ficar lá. Ele falou: “vou te deixar lá, e a tia A. vai estar esperando você lá com a R.”, que era a empregada. E aí ficaram. Eu não sei exatamente o que foi dito, mas certamente ele não questionou, ele gostou.

V: Isso era uma coisa normal, então, acontecia de vez em quando?

F: Para lá não, para outras casas. Por exemplo, para a própria pessoa que ainda faz o transporte dele, sim, mas já para a casa do meu irmão, não. Eu imagino assim, que ele percebeu alguma coisa, mas nada ligado a isso, porque não passava pela cabeça. Agora, tenho certeza, assim, que minha empregada e ninguém falou nada, assim, com ele, nada nesse sentido. Acho que foi uma coisa meio de oba oba, de festa, sabe, tinha pipoca esperando por ele, então... Ele era muito festivo, ele ainda é, assim, muito de festa, de animação, então entrou na brincadeira e ele dorme cedo e no dia seguinte eu estava lá.

V: Você e seu esposo, juntos, comunicaram e, depois, ele voltava com algumas perguntas, como se ele estivesse num movimento de... Vocês respondiam, ele se recolhia e elaborava; mais à

frente, ele perguntava uma outra coisa. Quando ele retornava com novas questões, ele procurava um especificamente, você, o seu esposo ou os dois?

F: Eu acho que os dois. Comigo muito, mas acho que com o meu marido também, quase igual, não sei se tem uma diferença importante não. Acho que os dois.

V: Você também disse que o seu filho já estava em análise um pouco antes do acidente com a G. Isso foi alguma recomendação da escola?

F: Não, fui eu que quis. Porque o A., ele era muito alérgico, então, ele foi entupindo o ouvido e, na época de ele falar, ele estava com uma perda de quarenta por cento de audição, de entupimento mesmo, de sujeira. Então, atrasou a fala dele, ele teve que ser operado com aquele carretel para ventilar, aí, sai a secreção. A audição dele é normal, não é nada orgânico, foi só funcional. Então ele teve um atraso de fala e ele fazia fono, eu achava que estava um pouco devagar a coisa, achava que tinha uma coisa dele, assim, de teimosia, de querer sustentar o lugar de falar errado, daí eu fui em uma colega, pedi para fazer uma avaliação, ela achou isso também, ela falou: “não, ele está lutando para falar errado, ele já falou certo, mas, ele faz esforço para falar errado”. E foi a época que eu o coloquei, mas, ele odiava a análise, ele odiava, era uma coisa assim, de eu estar na sala de espera, ele era muito pequenininho, ele abria a porta e ele falava assim: “vamos embora daqui agora, ela é uma *iota*” – é idiota – “ela é uma *iota*, acabou, eu vou embora daqui”, ele era desse nível. Logo que a gente contou, a analista dele foi muito presente, aliás, das análises da família foi a analista presente, que soube se portar na situação bem, na minha avaliação. Ele logo voltou para a análise, bem no início, e ele falava assim: “eu quero ir nela”. Ele pedia, ele entrou em análise, assim, abertamente, de braços abertos. A transferência dele foi que foi depois que a G. morreu.

V: Depois que a G. morreu, ele passou a querer frequentar a analista?

F: Ele entendeu que agora ele precisava daquele lugar, a ponto de, às vezes, ele sair da análise e falar assim: “mãe, eu adoro a I., sabia?”, eu falava: “ah! É? que bom!”, ele: “ela sabe de tudo mãe”, não, “ela sabe tudo”. Totalmente transferido, entregue completamente, totalmente diferente da postura dele. Agora, uma coisa assim, que me surpreendeu, porque vem nessa coisa da construção, então, pára um pouquinho, pergunta, vira e mexe surgia alguma pergunta, hoje em dia, ele já nem pergunta mais nada ligado... Primeiro, foram, assim, perguntas ligadas ao dia, porque, como eu te falei, eu falei que passou mal, caiu, morreu, a gente tentou socorrer, mas não deu, mas não tinha falado nada de gás, nada disso. Aí depois ele começou a perguntar como é que

tinha sido, aí a gente falou no banho, do gás, depois começou a perguntar mais sobre o gás. Então, eu acho assim, primeiro foram perguntas mais objetivas, depois, ele passou para perguntas mais filosóficas, porque que chegou a hora dela, se é Deus que determina isso, quem é que determina isso, ele até perguntava, muito uma coisa assim, o que que acontece depois que morre, e a gente sempre falava assim é... eu tenho uma visão mais crua disso, meu marido tem uma visão mais espiritualista, ele acha que vive de uma outra forma e tal, que cada pessoa pensa de um jeito. Até essa questão da estrelinha, que eu acho que a tia que fala, porque ele tem uma tia que gosta mais é... Eu falo que tem várias formas de se falar disso, que então a tia tal fala assim. Agora, teve, há pouquíssimo tempo, deve ter um mês isso, me surpreendeu uma coisa que ele falou, ele estava tomando banho, eu deitada na cama, aí, daqui a pouco, ele saiu do banho de toalha amarrada e aí entrou no quarto, assim, mas a feição assim muito triste; Vanessa, de cabeça baixa e ele falou assim: “mãe, traz a G. de volta”. Eu falei: “eu trazer a G. de volta A.? Você acha que eu posso trazer a G. de volta?”, ele falou assim: “eu acho, porque você pode tudo, você pode”, eu disse: “a mamãe não pode tudo, se a mamãe pudesse tudo a G. não tinha morrido, eu não posso trazer a G. de volta, ninguém mais pode trazer a G. de volta”. Aí ele abaixou a cabeça, me abraçou e foi brincar, assim, brincar, mas, na dele, introspectivo. Foi a primeira vez, depois daquela coisa da semana, de lançar, a coisa do homem aranha para buscar e não sei o quê, a primeira vez que ele trouxe uma coisa assim, alguém pode dar conta disso. Aí eu acho que foi, talvez, um segundo momento de falar da morte, mesmo assim, não posso fazer isso, eu não posso tudo, se eu pudesse tudo ela não teria morrido, eu até falei: “você acha que eu também não queria que ela estivesse aqui?”. Então eu acho que foi uma coisa assim que... depois disso, ele até nem falou nada, mas, também, tem pouco tempo. Uma coisa também, o A., quando ela morreu, tinha esse problema de fala e tal, logo que ele recebeu a notícia ele consertou completamente a fala dele, ele falava direitinho. Ele ficou assim, inclusive, com as feições mais adultas, às vezes, as pessoas vinham visitar a gente e falavam assim: “nossa! O A. envelheceu!”, né, assim, não parece que tem quatro anos, parece que tem mais, tinha uma expressão mais séria. Aí, depois, com o tempo, ele voltou a falar errado de novo, a trocar uns fonemas e tal. Agora, sempre assim, isso é uma observação da escola, é uma observação das pessoas que lidam muito com ele, ele é uma criança extremamente alegre, ele fala da irmã, ele sente, ele conversa, mas com muita alegria, o que ele faz na vida dele, na escola, os amigos, a empolgação, ele é muito assim, muito empolgado com as coisas. E a escola também, eu acho que tratou com muita clareza, conversando muito,

tinha dias, que na rodinha todos conversavam sobre morte, quem perdeu quem na família. O dia seguinte, que ele foi à escola, acho que dois dias depois ele foi à escola, no dia seguinte, ele não foi porque era o dia que eu queria falar com ele, eu não queria que ele fosse à escola sem eu falar com ele, porque a escola toda sabia. Então, ele faltou no dia seguinte, aí, acho que no dia logo depois ele foi, e aí, ele avistou a professora dele, ele saiu correndo para abraçar e a primeira coisa, ele falou assim: “L., a G. morreu”. E aí, conversaram muito na sala, até bem pouco tempo isso ainda era falado por ele na sala de aula, teve um ano, foi 2005, que tinha uma festa junina, e lá no CEAT as festas juninas são mega festas, de badaladas e tal, é um evento muito importante da comunidade lá, e a minha filha gostava muito da festa junina; no ano que ela morreu, foi uma semana antes, ela ia ser a rainha lá da festa junina. E aí, eu falei para ele, eu falei, no ano seguinte: “A., a mamãe não quer ir nessa festa junina, eu não consigo ir”, aí ele ficou assim triste, abaixou a cabeça, ele falou: “mas por quê?”, eu falei: “a G. gostava muito da festa junina”. No ano que ela morreu a festa junina foi adiada para um mês depois, por conta da morte dela, e aí, a gente acabou indo, a escola pediu para levar o A., a gente foi, levou o A., o A. dançou, a gente saiu. Aí, quando chegou no dia seguinte eu falei: “A., a mamãe não consegue ir nessa festa, eu não quero ir”, eu disse: “olha só, a gente vai fazer outra coisa nesse dia, a gente passeia o dia todo, mas eu não quero estar na festa”, ele abaixou a cabeça, assim, triste. Aí, ele levou isso na escola, ele estava no jardim três, no ano passado, ele estava no jardim três, quase C.A., aí ele falou que não ia porque a mãe dele não queria ir à festa junina aí, assim, é uma turma muito despachada, extremamente despachada, muito solidária, muito despachada, e aí: “mas por que sua mãe não quer vir na festa junina?”, “não, é por causa da minha irmã, que a minha irmã

Teresa, coisa alternativa, de educação, então ela tinha uma coisa, assim, muito envolvida com a escola, com a educação. Então, a escola realmente foi uma coisa forte na vida dela.

V: O seu filho ficou quanto tempo, F., em análise?

F: Ele ainda está em análise.

V: E nunca interrompeu?

F: Não, desde os quatro anos, não. E acho que ainda fica mais esse ano. O que quê aconteceu, também, ele na escrita, ele troca fonemas, demorou um pouco mais a ler, aprendeu a ler no C.A. mas, com mais dificuldade, mais para o finalzinho do ano. Hoje ele lê super bem, tranqüilo, mas foi mais devagar. Agora, eu acho que já seria assim, independente da história da G., por conta do atraso na fala. Acho que isso que aconteceu ajudou, talvez fosse mais suave a coisa, mas ele já tinha um atraso com essa questão mesmo. Então ele troca, tem umas coisas ainda para acertar, ele ainda faz fono, mais até por conta da escrita, não tanto pela fala, mais pela escrita, ele troca b e p, v e f, essas coisas assim. Então eu acho que esse ano ele ainda faz terapia.

V: Logo após a morte da G., ele demonstrou alguma mudança de comportamento, alguma mudança na escola?

F: Na escola não, na escola, realmente não. Eu acho que em casa, ele ficou mais agitado, mais briguento, o A. era muito briguento, agora ele está mais calmo, mas ele era briguento, tinha que exercer a vontade dele, ele agora até cede demais, foi para o outro lado. Ele era muito de exercer a vontade dele, ele falava assim: “mãe, você não entendeu; quando eu quero, eu quero; quando eu não quero, eu não quero”, era muito decidido. Então, ele brigava muito mais, ele foi muito agressivo comigo, eu também tive pouca paciência nos primeiros meses com ele, o pai teve mais. O pai é mais paciente, eu era mais durona com ele, porque ele ficava super irritado. Então, com a gente, sim. Uma coisa, assim, também, é... Vanessa, engraçado que isso é uma característica dele, ele é muito aberto às pe ma7éab

ele atende muita gente da orquestra sinfônica, então, foi a orquestra sinfônica tocar na missa. Foi um evento muito grande, com muita gente, muita gente. Então foi uma coisa, acho que meio impactante para ele, e ele, assim, de olhos arregalados, olhando tudo. Eu não me lembro se ele falava alguma coisa para mim, mas eu acho que não. Eu não lembro se ele comentou alguma coisa. Isso na primeira, na de um mês, também, muito atento. Depois tinha outras missas que às vezes ele dormia. Outras que eu falava assim: “olha, amanhã vai ter missa da G., você quer ir?”, ele falava: “não, não quero ir”, ele não ia, então, foi assim. Uma outra coisa, de alteração de comportamento que teve, na época, ele ficou com uma coisa, assim, de querer comprar coisas. Era uma coisa escancarada, ele entrava em desespero. Que era uma coisa, também, que ele já tinha um pouco, o A. era aquele pequenininho assim, que ele via uma coisa, ele queria comprar e eu não comprava, ele se jogava no chão do shopping e eu partia, né, olhando ali e ia embora. Aí, todo mundo morria de rir porque ele era muito pequenininho e ele esparrachado assim, no shopping, todo mundo achava engraçadíssimo e ia falar com ele. Mas, ficava, enquanto eu não voltasse, ele não saía, ele não dava o braço a torcer, aí eu voltava: “acabou a palhaçada”, “acabou”, “então levanta e vamos embora”, aí ia embora e tudo bem, mas ele tinha que fazer um escândalo. Então já tinha esse comportamento, assim. Isso se agravou muito depois da morte da G., ele entrava em desespero para comprar uma coisa que ele queria, desespero mesmo, assim, dava pena dele, e a gente não comprava. Tinha uma coisa, assim, não comprar, não comprar, e eu sustentava isso. Aí foi sendo trabalhado isso em análise, uma vez ele foi para a análise com esse desespero dele, acho que no caminho ele queria uma coisa. Engraçado, porque ele queria um trem, nesse dia, só que ele não falava trem, era um trem que fazia tudo, só que ele não falava trem por causa do r. Então, ele falava assim para a analista, isso a gente presenciou naquele desespero, ele falava: “eu quero um tem tudo, eu quero um tem tudo”, que era o trem tudo. Então era, assim, um desespero para adquirir coisas. Até na missa de sétimo dia, acabou a missa, a gente viajou imediatamente para Santos e aí, no carro, estava o meu irmão dirigindo, meu pai, minha mãe, eu, ele e o meu marido, e aí, na parada, tinha um boneco para vender, essas paradas que tem um monte de brinquedinhos, de coisinhas para vender. Um bichinho de pelúcia, ele entrou em um desespero para comprar aquele bicho de pelúcia, aí, estava com os avós, era outra história, ele acabou ganhando. Era um desespero para ter aquilo que ele elegia, aí acalmava, abrandava um pouco. Aí, foi abrandando, eu me lembro que uma vez eu conversei com ele sobre isso, eu falei: “olha, eu sei que dá vontade de comprar um monte de coisas, porque a gente fica querendo ter

coisas, por causa da saudade que a gente tem, da falta que a gente sente, mas não é isso, não é isso, isso não vai resolver o problema. É bom comprar quando a gente quer comprar, precisa, mas, não por isso. Não vai resolver”. Enfim, aí foi trabalhando em análise, isso melhorou. Ele, às vezes, ele fica assim, querendo, mas ele já entende bem, se falar não, ele aceita bem. Ele mudou muito, assim, por exemplo, agora ele está numa fase mais introspectiva. Ele falava sem parar, saía eu, ele e uma amiga, ele não deixava ninguém conversar, só ele falava, ele tinha histórias, ele tinha causo para contar e não sei o quê. Agora não, agora ele fica na dele, ele conversa, brinca, é alegre, mas, mais assim, na dele, mais recolhido, eu acho.

V: Você falou que no começo ele fazia muitas perguntas e depois ele passou um pouco dessa fase das perguntas para uma fase de lembranças, de trazer recordações...

F: Meio paralelo isso, eu acho. Eu acho que não foi uma coisa depois outra, acho que foi ao mesmo tempo.

V: Com que frequência vocês falavam sobre a G.?

F: Quase todo dia, quase todo dia, ele trazia, nessa fase mais intensa, quase todo dia ele trazia alguma coisa.

V: Ele sempre que trazia, F? Era um movimento dele?

F: Olha, na maioria das vezes era. Às vezes, assim, às vezes eu comentava, não de falar com ele reflexões, mas, assim: “ah! Estou com muita saudade da G. hoje”. Ou então, ele começava falando e aí eu continuava, falava também da falta. Ou então, ele falava: “você está triste hoje?”, eu falava: “estou, hoje eu estou muito triste, tem dia que a saudade é pior, eu não estou agüentando”, uma coisa assim. A gente fala muito abertamente da G., as pessoas até ficam assim: “ah! Vocês falam”, eu: “falo!”. Não tem como não falar, ela faz parte da família, ela não está aqui com a gente, mas ela faz parte da família. Tanto que nessa páscoa, eu acabei não viajando, meu marido foi, eu fiquei gripadíssima e aí, não fui e ele ficou comigo. E aí, não sei que dia do feriado, eu passei totalmente na cama, eu não tinha condição de levantar, e aí, ele ficava assim: “quer água, quer não sei o quê?”, eu falava: “ah! Então pega água lá na cozinha para mim”, aí ele falou assim: “vou contar história para você”, eu falei: “ah! Mas que idéia ótima!”. Eu achei que ele fosse ler, porque ele sempre que fica deitado, então pega um livro para ler, ele falou: “não, vou inventar da minha cabeça. Vou contar uma história da gente”. Porque, às vezes, eu faço isso: “hoje eu vou contar uma história da gente”, geralmente uma história dele, na barriga, quando ele nasceu. “Vou contar uma história da gente”, aí eu não me lembro mais qual era a história, porque

eu estava com febre altíssima, mas era uma coisa assim, que incluía a G., tinha a G. no meio. Desenho, ele coloca a G. ainda, raramente, ele escreve, ele desenha nós três, sempre tem a G., outro dia, ele escreveu uma coisa que está até afixado na parede; a parede dele é de ímã, então, é só afixar ali; ele botou assim: G. e A., G. e A., morte e vida, e pregou na parede do quarto dele. Uma outra coisa que talvez também seja interessante para você, o A., quando a G. morreu, ele estava dormindo no quarto dele, eventualmente, de madrugada, ele ia para a minha cama, ou, às vezes, até para a cama da G., para o quarto da G., mas ele dormia no quarto dele. Quando aconteceu isso tudo, o A. dormia com a gente, para a gente, para todos, todos precisavam disso. A gente dormia abraçado, os três, e aí, ficou bastante tempo isso, meses essa história. Aí voltamos para a nossa casa, ele voltou para o quarto dele, o que era o quarto dele, a gente tinha o nosso quarto, e o quarto da G., virou uma coisa meio, assim, para brincar, para ler, tinha uma época que eu fazia muito mosaico, então um canto do quarto ficou minha oficina de mosaico, para eu fazer meu artesanato, e lia, uma coisa assim, meio solta. Mas a gente se referia ao quarto da G., era o quarto da G., “vai brincar no quarto da G.”. E aí, a gente começou a sentir falta de ter um escritório e eu falei assim: “A., quer passar para o quarto da G.?”. Ele ainda dormia no nosso quarto, tinha o quarto dele mas dormia no nosso quarto, e a gente fazendo a transição, mas era custoso. Ele acordava de madrugada, ele ia para a nossa cama, aquela transição difícil. Aí primeiro ele falou assim: “ah! Eu quero”, depois ele falou assim: “eu não quero ir para o quarto da G.”, aí morreu essa idéia, a gente não falou mais nisso. Até porque, tinha uma questão assim, eu cheguei a pensar em engravidar nesse período, então tinha até nessa coisa, agora eu lembrei, de ele ir para o quarto maior, que era o quarto da G., e eu engravidando, o quarto dele, que era um quarto menor, seria o quarto de bebê. Eu cheguei a engravidar, mas ele não soube que eu engravidei, eu perdi esse bebê. Na época, tinha risco de perder, então, eu nem comentei da gravidez para ele, aliás, ninguém soube da gravidez, ninguém da família. Eu fiquei fazendo os exames na minha, abortei, espontaneamente, em casa, ele estava dormindo, então ele não tem nem idéia. Uma coisa que às vezes ele fala, de ter irmão e agora a gente fala assim: que eu não quero ter mais, porque agora eu não quero tentar de novo mesmo. Mas, enfim, ele falou que não queria ir para o quarto dela, passar para o quarto da G., até que um dia ele falou assim: “mãe, eu quero mudar de quarto, eu quero ir para o quarto maior”. Aí eu falei: “então a gente vai reformar”, ele gosta muito de azul, porque ele acha que azul é cor de homem, então, tudo dele tem que ser azul, não pode ser nada de outra cor. “Ah! Então, tem que pintar de azul, tem que não

sei o quê”. E a gente começou a preparar o quarto dele, e aí, o dia que a cama foi para o quarto, o quarto nem estava pronto ainda, ainda faltavam algumas coisas de pintura, de arremate, detalhe, mas a cama foi pra lá, a partir daquele dia ele passou a dormir sozinho. Ele tinha muito medo de monstro, por isso que ele não queria, “não porque meu quarto tem monstro”, não sei quê. A partir do momento que a cama passou para o quarto que era o antigo quarto da G., ele passou a dormir sozinho, ele dorme sozinho no quarto dele tranqüilamente. A gente não se refere mais ao quarto como o quarto da G., é o quarto do A., e o outro é o escritório. Então, não tem mais isso de quarto da G. Um outro momento que eu acho que foi muito difícil, não sei se te interessa, porque as coisas da G. todas ficaram na casa da minha mãe, que é um apartamento, no meu prédio, fechado, eles não moram lá. Lá ficaram coisas encaixotadas, eu não mexi em nada, porque eu achei que eu não ia dar conta de mexer nas coisas dela. Eu acho que é uma das coisas mais difíceis. Então eu falei: “não quero mexer, não quero mexer, enquanto puder ficar lá...”. Teve uma questão familiar que eu tive que tirar as coisas da casa dos meus pais, ano passado isso, foi mais ou menos em agosto, e ele participou muito disso, até eu, porque eu achei que eu não ia participar, eu não consegui ir lá tirar as coisas, mas, à medida que as coisas chegavam na minha casa, eu comecei a fuçar coisas, eu comecei a querer pegar coisas e separar um pouco algumas coisas. Ele participou muito disso e começou a escolher coisas da irmã que ele queria para ele, principalmente livros, que era uma coisa que ela era muito chegada e ele também, então, os livros, alguns brinquedos, as roupas, ele me ajudou a separar para ir para a escola. Porque foi uma coincidência, na época, a turma dela estava recolhendo roupa, para o Morro dos Prazeres, ali de Santa Teresa, então, as roupas acabaram na mão dos amigos dela para mandar para o Morro. Acho que isso até me ajudou muito a mexer nas roupas, eu falei: “é a turma dela que está levando, as roupas vão para lá”. Então, foi muito tranqüilo para mim, eu tinha feito um bicho de sete cabeças, briguei com a minha família, porque me obrigaram a mexer nas coisas, eu achei que eles não estavam respeitando meu momento, realmente não respeitaram, mas, enfim. Mas eu dei conta, achei que não ia dar conta, foi menos horrível do que eu imaginava. Ele acabou participando muito disso e foi uma época que ele voltou a falar muito na escola, no carro, com essa pessoa que faz o transporte, que é uma professora da escola. Então, ele falava muito: “ah! Sabia que vi não sei o quê da G.”, “lembra não sei o quê que a G. te emprestou, o livro, o filme, não sei o quê”. Então, retomou muito. Ele, às vezes, pega a foto da irmã, prega no quarto dele, na parede do quarto dele, faz os desenhos. Outro dia ele fez um desenho, os dois de mãos dadas, os dois juntos, a G.

enorme, ele pequenininho. Então acho que tem um pouco dessa coisa, assim, do filho que morre, que é sempre um filho muito presente, pela dor. Então ele desenhou isso, a gente até conversou um pouco sobre isso.

V: Como era o relacionamento deles, F.?

F: Era maternal, a G. era muito mãezona dele. Eu acho que era uma pessoa assim, que situava muito o A., porque a G. era muito, assim, socialmente, muito bem sucedida, aonde ela chegava as portas se abriam para ela. O A., já não, o A. tem dificuldade de chegar, ele não é muito aceito, talvez por essa coisa da fala. Ele é muito bem aceito no meio dos adultos; as crianças, mais ou menos. Na escola não, mas, crianças diferentes, meios diferentes. Então, eu acho que a G. introduzia muito ele, chegava numa festa, a G. abria as portas e ele junto, ele usufruía dessa abertura. Ele agora já não tem isso, ele tem que forçar as portas, então eu acho que é custoso para ele, então eu via assim, em algumas festas, alguns lugares, ele via uma menina mais velha, ele ficava vidrado, ele olhava e tentava se juntar, mas as meninas não davam a menor pelota para ele, muito pequeno. Acho que ele queria resgatar um pouco do que ele tinha com a G. Ao mesmo tempo era para brigar, brigar, brigar, mas, ao mesmo tempo, era o apoio dele. Então tinha essa coisa assim, às vezes, na rua, ele fala assim: “parece a G.”, às vezes, não tem nada a ver; às vezes, tem a ver realmente, eu falo: “nossa! É mesmo, igualzinha, loirinha, magrinha”. Mas às vezes não tem nada, eu falo: “é meu filho você acha que é parecida com a G.?” , “é, um pouco, olha só, não sei o quê”, mas eu acho que não tem nada a ver. Muito isso de irmão, as brigas, tinha um monte de brigas, ela até falou uma coisa uma vez engraçadíssima, ela falou: “mãe, o A., ele só exerce a masculinidade dele comigo”, porque ele batia nela e, na escola, ele não batia, ele não é de bater, assim, ele tem pouquíssima agressividade até. Então, caíam nas brigas, uma confusão danada, mas, de noite, eles decidiam partir para a cama dela para dormir abraçado, eu ia olhar, estavam os dois abraçados. Irmãos, bem irmãos mesmo.

V: F., tem algo que você queira me perguntar ou queira me dizer?

F: Eu acho que é isso, espero que tenha te ajudado.

CARTA CONVITE

Prezado Senhor (a):

Venho por meio desta, convida-lo a participar de uma pesquisa de mestrado conduzida pela psicóloga Vanessa Rodrigues de Lima, CRP 05/32559, e orientada pela Profª Drª Maria Julia Kovács do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).

A referida pesquisa tem como objetivo apreender a forma pela qual os familiares comunicam uma criança pequena sobre o falecimento de um parente próximo (pai, mãe ou irmãos). Portanto, poderão participar os responsáveis por crianças que tenham vivido uma experiência de perda de algum desses parentes quando tinham idade entre dois e sete anos.

Com essa finalidade, será realizada uma ou mais entrevistas, dependendo da necessidade e da disponibilidade de cada participante, que, havendo consentimento, serão gravadas para facilitar a compilação dos dados. O local e a data da entrevista serão definidos também de acordo com sua disponibilidade.

Importante ressaltar que será mantido absoluto sigilo quanto à sua identidade e que as entrevistas serão realizadas apenas pela psicóloga que conduz a pesquisa e utilizadas apenas para fins acadêmicos. Sendo, pois, garantida sua confidencialidade, bem como sua privacidade.

Sua participação será totalmente voluntária, o que significa que você não precisa fornecer informações que não queira e que poderá interromper sua participação nessa pesquisa a qualquer momento.

Embora não se possa garantir um benefício direto para os participantes da pesquisa, a intenção é de facilitar cada vez mais a comunicação e o ajustamento emocional das pessoas envolvidas no processo. Acredita-se também que, ao final da pesquisa, será possível formular

propostas que orientam pais, psicólogos e educadores no trato com a criança que sofre uma perda por morte.

Finalmente, deixo claro que também me comprometo a fornecer apoio ou orientação psicológica a você e/ou seu filho (a), a qualquer momento, mesmo após o término da entrevista, caso haja interesse.

Se você se enquadra no perfil solicitado, gostaria muito que considerasse cuidadosamente o convite, já que sua participação será fundamental para que possamos ajudar outras pessoas (adultos e crianças) que enfrentam ou enfrentarão situação semelhante.

Caso deseje mais informações, me encontro a sua total disposição para maiores esclarecimentos no telefone (11) 3091-4185, ou pelo email vanessa.lii@ig.com.br

Grata por sua atenção,

Vanessa Rodrigues de Lima

Psicóloga

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) participante:

Eu, Vanessa Rodrigues de Lima, psicóloga, CRP 05/32559, estou desenvolvendo uma pesquisa de mestrado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profª Drª Maria Julia Kovács, sobre as comunicações à criança de falecimento de parentes próximos e gostaria de contar com a sua participação voluntária como entrevistado (a).

Havendo consentimento, os depoimentos serão gravados para facilitar a compilação dos dados e apenas eu os ouvirei. As transcrições dos mesmos serão utilizadas para fins acadêmicos. Me comprometo com a garantia do sigilo em relação à realização e ao conteúdo da entrevista, assumindo a responsabilidade de omitir nomes e quaisquer dados que permitam identificação.

Você pode interromper a entrevista a qualquer momento, sem precisar fornecer informações que não queira e, se sentir necessidade, poderá ser realizada uma segunda entrevista.

Coloco-me à sua inteira disposição para prestar esclarecimentos, fornecer informações, apoio ou orientação psicológica a você e/ou seu filho (a), a qualquer momento, mesmo após o término da entrevista.

Atenciosamente, Vanessa Rodrigues de Lima,
CRP: 05/32559
Tel: (11) 3091-4185

Eu, _____, RG nº _____, declaro que fui esclarecido (a) dos objetivos da pesquisa “Morte na família: um estudo exploratório acerca das comunicações com a criança” e concordo em participar voluntariamente. Sei que a entrevista será gravada e que posso interromper minha participação a qualquer momento. Declaro que possuo uma cópia desse termo de consentimento.

Assinatura do (a) entrevistado (a)

Pesquisador: Vanessa Rodrigues de Lima

São Paulo, _____ de _____ de 2006.

CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

A presente pesquisa desenvolver-se-á com base na resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, do Ministério da Saúde, acerca das diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos; na resolução do Conselho Federal de Psicologia, nº 016/2000, de 20/12/2000, que dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos; bem como no Código de Ética profissional do Psicólogo, de 2005. Sendo realizada de acordo com as seguintes considerações éticas:

- Os participantes serão todos voluntários, informados e esclarecidos dos objetivos e procedimentos da pesquisa, podendo interromper sua participação a qualquer momento;
- A pesquisadora se colocará à inteira disposição dos entrevistados para quaisquer informações adicionais ou esclarecimentos que queiram;
- Após terem consentido em participar, todos assinarão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias (uma para o colaborador e outra para a pesquisadora);
- Será garantido o sigilo das informações, bem como o anonimato dos entrevistados, por meio da omissão de nomes e dados que possam identificar os participantes ou pessoas por eles citadas;
- As informações obtidas serão utilizadas somente para fins acadêmico-científicos, não sendo divulgados dados de forma aleatória;
- A pesquisadora também tomará o cuidado de não levantar sofrimento emocional adicional aos participantes, assim como oferecerá apoio, orientação e acolhimento para aqueles que o desejarem, mesmo após o término das entrevistas;
- Atentará e respeitará a dor, o sofrimento e os sentimentos que os participantes estejam vivendo no momento, não emitindo juízos de valor, crenças e valores pessoais no decorrer da entrevista e na análise dos dados;
- Será realizada devolutiva aos participantes que o desejarem, assim como às instituições colaboradoras.

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA IP-USP

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)